

PROPOSTA CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO

OTACÍLIO COSTA 2011

Prefeito

Denílson Luiz Padilha

Vice-prefeito

João Pedro Velho

Secretária da Educação

Professora Eliany Koehler de Ávila

Suporte Pedagógico da Educação Infantil e Assessoria

Sandra Derli Costa de Souza

Suporte Pedagógico da Educação Infantil e Assessoria

Claudia Aparecida Pires

Suporte Pedagógico do Ensino Fundamental

Rosangela Maria Baldessar

Suporte Pedagógico de Apoio ao Ensino

Claudete da Luz de Oliveira Farias

Suporte Pedagógico de Projetos

Ana Luzia dos Santos de Liz

Suporte Pedagógico de Tecnologias e Informática Educacional

Maykon Israel Velho da Silva

Suporte Pedagógico de Educação Especial

Cristiani Luzia Soares Zimmermann

Suporte Pedagógico de Transporte Escolar

Vera Lucia Luz Erthal

Suporte Pedagógico de Estatística

Claudia Patrícia Meurer

Gerente de Recursos Humanos

Patrícia Souza Valente

Gerente de Planejamento e Merenda Escolar

Marinez Ferreira da Costa

Assistente Técnico Administrativo

Marisa Ferreira de Castro

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eliany Koehler de Ávila
Secretária da Educação
Formação: Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia
Especialização: Gestão de Qualidade na Educação; Educação Especial e Metodologia do Atendimento à Criança e ao Adolescente
e-mail elianyka@hotmail.com
Telefone: 049 3275 3367

Rosangela Maria Baldessar
Gerente de Ensino Fundamental
Formação: Graduada em Ciências da Religião e Serviço Social
Especialização: Gestão de Qualidade na Educação
e-mail rosangelabaldessar@yahoo.com.br
Fone: 049 3275 3367

Claudia Aparecida Pires da Costa
Gerente de Educação Infantil
Formação: Graduada em Pedagogia
Especialização: Prática Escolar numa visão Psicopedagógica
e-mail claudiapiresprof@hotmail.com
Fone: 049 3275 3367

Claudete da Luz de Oliveira Farias
Suporte Pedagógico
Formação: Graduada em Pedagogia
Especialização: Prática Escolar numa visão Psicopedagógica
e-mail claudetefarias@ibest.com.br
Fone: 049 3275 0738

Daysi Zibell Duarte
Suporte Pedagógico
Formação: Pedagogia
Especialização: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares: Educação Infantil, Séries do Ensino Fundamental e Médio
Gestão Educacional
e-mail daysizibell@yahoo.com.br
Telefone : 049 91577598

Eliane Coelho de Souza Pereira
Supervisora Escolar
Formação: Pedagogia e Supervisão Escolar
Especialização Psicopedagogia
e-mail elianepereira_pereira@hotmail.com
Telefone 049 3275 31 04

Eliane Deboite Sabino
Suporte Pedagógico
Formação: Ciências Sociais
Especialização: Gestão de Qualidade na Educação
e-mail elianedeboite@hotmail.com
Telefone 049 3275 30 23

Kátia Elisiane Hebel
Suporte Pedagógico
Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
e-mail kehebel@hotmail.com
Telefone: 3275 18 28

Marisa Terezinha Hamann de Oliveira
Supervisora Escolar
Formação: Pedagogia e Supervisão Escolar
Especialização: Ação Integrada do Especialista na Escola e Educação Infantil e Séries Iniciais
e-mail marisahamann@bol.com.br
Telefone 049 3275 31 04

Marly Schmitz Machado
Supervisora Escolar
Formação: Pedagogia e Supervisão Escolar
Especialização: Ação Integrada do Especialista na Escola e Educação Infantil e Séries Iniciais
e-mail marlyschmitz@hotmail.com
Telefone 049 3275 30 23

Neusi Madalena Masselai
Supervisora Escolar
Formação: Pedagogia e Supervisão Escolar
Especialização: Psicopedagogia
e-mail neusimasselai@yahoo.com.br
Telefone: 049 3275 24 45

Assessoria

Marlete dos Santos Dacoreggio- Dr^a



Instituto Sinergia de Extensão e Pós-Graduação – ISEP

SUMÁRIO

IDENTIFICAÇÃO	12
HISTÓRICO DO MUNICÍPIO	13
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL	14
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS	21
1. 1 FUNDAMENTOS LEGAIS - Bases legais da Educação	21
1.1.1 Constituição Federal de 1988	21
1.1.2 LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	22
1.1.3 PNE - Plano Nacional de Educação	23
1.1.4 Estatuto da Criança e do Adolescente	23
1.1.5 Estrutura e Funcionamento do Sistema Municipal de Educação	24
1.1.6 Organização do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Ensino de Otacílio Costa	30
1.2 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS	31
1.2.1 Concepções	33
1.3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	37
1.4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	41
1.4.1 Prática Metodológica do Trabalho Docente	41
1.4.2 As contribuições da Teoria da Atividade vygotskyana para a prática pedagógica	44
1.4.3 Organização da Execução do Planejamento	46
1.4.3.1 Anos Iniciais do Ensino Fundamental	47
1.4.3.2 Anos Finais do Ensino Fundamental	47
1.4.3.3 Interdisciplinaridade Escolar como Prática Metodológica	47
REFERÊNCIAS	49

CAPITULO II – ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR	52
2.1 A organização do currículo para a Educação Básica.....	52
2.1.2 A organização do currículo de acordo com o Sistema Municipal de ensino.....	53
2.1.3 O objetivo do ensino fundamental de acordo com a LDB	54
2.1.4 Objetivo Geral do Ensino para Rede Municipal.....	54
2.1.5 Função Social da Escola	55
2.1.6 A participação da família na escola.....	57
2.1.7 Que alunos queremos formar?	58
2.1.8 Que profissionais de educação queremos?	58
2.1.9 Diretrizes Curriculares.....	60
2.1.10 Objetivos da Diretriz	60
2.1.11 Características e abrangência do Ensino Fundamental.....	60
2.1.12 Sobre a Matriz Curricular	62
2.1.13 Organização dos Conteúdos Curriculares.....	64
2.1.14 Temas Transversais	64
2.1.15 Educação Especial	65
2.1.16 Educação do Campo	68
2.1.17 Educação de Jovens e Adultos.....	70
2.1.18 Educação a Distância.....	72
2.2 Avaliação	73
2.2.1 Aspectos Legais da Avaliação para Educação Básica.....	73
2.3 Os Componentes Curriculares - Ensino Fundamental.....	80
2.3.1 Conceitos e Conteúdos	83
2.3.2 Fundamentos dos Componentes Curriculares	85
2.3.2.1 Fundamentos da Língua Portuguesa.....	85
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	86
2.3.2.2 Fundamentos da Língua Estrangeira/ Inglês (duas formas)	86
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	87
2.3.2.3 Fundamentos de Matemática	87
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	90
2.3.2.4 Fundamentos de Ciências Naturais.....	90

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	92
2.3.2.5 Fundamentos de História	93
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	94
2.3.2.6 Fundamentos de Geografia	94
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	95
2.3.2.7 Fundamentos de Arte	95
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	97
2.3.2.8 Fundamentos de Ensino Religioso	97
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	99
2.3.2.9 Fundamentos da Educação Física	101
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	103
2.3.3 Expectativas de aprendizagem nos anos iniciais (1º ao 5º) do ensino fundamental	103
2.3.3.1 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Língua Portuguesa	103
2.3.3.2 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para História	106
2.3.3.3 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Ciências da Natureza	108
2.3.3.4 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Matemática	111
2.3.3.5 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Geografia	115
2.3.3.6 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Arte ..	117
2.3.3.7 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Educação Física	118
2.3.3.8 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Língua Estrangeira/Inglês	120
2.3.3.9 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Ensino Religioso	121
2.3.4 Organização da rotina escolar do 1º ao 5º ano do ensino fundamental	123
2.3.5 Professores organizadores dos anos iniciais (1º ao 5º) do ensino fundamental	129

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	131
2.3.6 Organização Curricular para os Anos Finais (6º ao 9º) do Ensino Fundamental	132
2.3.6.1 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Língua Portuguesa	132
2.3.6.2 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Língua Estrangeira/Inglês	134
2.3.6.3 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Matemática	136
2.3.6.4 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Ciências Naturais.....	139
2.3.6.5 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para História	141
2.3.6.6 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Geografia	142
2.3.6.7 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Arte ..	145
2.3.6.8 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Ensino Religioso.....	146
2.3.6.9 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Educação Física.....	149
2.3.7 Professores organizadores dos anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFRÊNCIAS	155
ANEXOS	157
ANEXO 1 - SUBSÍDIOS PARA A ALFABETIZAÇÃO	158
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	173
ANEXO 2 - Quadro orientador para Planejamento bimestral	176

PALAVRAS DO PREFEITO DE OTACÍLIO COSTA

É com satisfação que colocamos em suas mãos este documento, que servirá como referência ao trabalho pedagógico do Ensino Fundamental, pois, a Administração municipal de Otacílio Costa entende que, uma Proposta de Ensino caracteriza-se como documento democrático, abrangente e capaz de conferir identidade à educação do município.

Sabendo, da importância da atuação profissional do professor, na formação pessoal e social do indivíduo, contamos com uma equipe comprometida que busca sempre uma educação pautada na excelência.

É fundamental, dentre outros aspectos, que a ação educativa se baseie em uma Proposta Pedagógica, para que a instituição educativa possa tornar-se expressão do trabalho que realiza, promovendo assim, o acesso ao conhecimento.

Incentivamos, valorizamos e parabenizamos os profissionais que elaboraram este documento. Que possam através dele sentir-se amparados e comprometidos com a educação do nosso município, lançando um olhar de futuro e de melhoria na qualidade de vida da população otaciliense.

Denílson Luiz Padilha
Prefeito Municipal

PALAVRAS DA SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos a Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental do Município de Otacílio Costa.

Este trabalho é resultado do empenho da Secretaria Municipal da Educação, em todos os seus segmentos, constituindo uma obra realizada a muitas mãos e cabeças. Trata-se de uma sistematização de tudo aquilo que já vinha sendo trabalhado, num esforço de dar identidade e clareza ao que se faz presente no imaginário social da comunidade escolar no Município de Otacílio Costa.

Uma vez tomado conhecimento desta proposta, as escolas municipais e os educadores poderão elaborar o seu planejamento, o qual deverá conter as especificidades de seu trabalho e as diretrizes desta proposta.

Cabe ainda ao Projeto Político Pedagógico de cada Unidade de Ensino, contemplar as condições da aplicabilidade da Proposta Pedagógica da rede municipal, garantindo espaços de estudo, avaliação e revisão da mesma.

Queremos externar nossa gratidão e reconhecimento a todos que tornaram realidade esta proposta: aos trabalhadores da Rede Municipal de Ensino que constroem no dia-a-dia a política de educação e aos técnicos da Secretaria da Educação que têm coordenado com empenho, dedicação e responsabilidade a educação de Otacílio Costa.

Nestes termos nos reportamos a CURY (2002, p.194)_em_A Educação Básica no Brasil, para dizer a toda equipe interativa da educação de Otacílio Costa:

Diretrizes são linhas gerais, que assumidas como dimensões normativas, tornam-se reguladoras de um caminho consensual, conquanto não fechado. [...] Nascidas do dissenso, unificadas pelo diálogo, elas não são uniformes, não são toda a verdade, podem ser traduzidas em diferentes programas de ensino e, com toda e qualquer realidade não são uma forma acabada de ser (CURY, 2002, p.194).

Eliany Koehler de Ávila
Secretária Municipal de Educação

APRESENTAÇÃO

Nesta proposta, pretende-se uma reorientação na política pedagógica do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa, que vem sendo construída ao longo da história deste município.

Ao depender das políticas públicas em vigor, o papel da escola define-se de forma muito diferenciada da perspectiva das teorias críticas da educação. As primeiras questões que se apresentam são: Quem são os sujeitos da escola pública? De onde eles vêm? Que referências sociais e culturais trazem para a escola?

A Resolução CNE/CEB Nº 04/2010, das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, em seu Título IV, no Art. 8º, estabelece que:

A garantia de padrão de qualidade, o pleno acesso e a permanência dos sujeitos das aprendizagens na escola e seu sucesso, resultam (acrescenta o m) na qualidade social da educação, que é uma conquista coletiva de todos os sujeitos do processo educativo.

Ao definir qual formação se quer proporcionar a esses sujeitos, a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade. Por isso, as reflexões sobre currículo têm, em sua natureza, um forte caráter político.

Assumir um currículo disciplinar humanizado, significa, dar ênfase à escola pública como lugar de socialização do conhecimento, pois, essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, ao conhecimento científico, à reflexão filosófica, espiritual, social e ao contato com a arte.

Os conceitos e conteúdos dos componentes curriculares devem ser trabalhados na escola, conforme a intensidade por ano de estudo, de modo contextualizado, estabelecendo-se, entre eles, relações interdisciplinares.

Esta concepção de escola orienta para uma aprendizagem específica, colocando em perspectiva o seu aspecto formal e instituído, o qual diz respeito aos conhecimentos historicamente sistematizados e selecionados para compor o currículo escolar desta rede de ensino.

A Proposta Curricular para o Ensino Fundamental é resultante de uma construção coletiva. Por isso, legitima-se como documento orientador para o conjunto de escolas que

compõe a Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa, apontando indicativos teórico-metodológicos para que cada escola organize suas propostas educacionais em seus Projetos Político-Pedagógicos.

Um projeto educativo nessa direção, precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, sua origem étnica e cultural, seu pertencimento ao campo ou à cidade e às possíveis necessidades especiais para aprendizagem. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe à escola ensinar.

Rosangela Maria Baldessar
Suporte Pedagógico do Ensino Fundamental

IDENTIFICAÇÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

Blog: www.educaotc.blogspot.com

Email: educacao.otc@gmail.com

Endereço: Av. Av. Olinkraft, 1603 – B. Targino

CNPJ: 75.326.066/0001-75

Fone: (49) 3275 3367

Fax: (49) 3275 3108

CEP: 88540-000

Município: Otacílio Costa

Estado de Santa Catarina

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Há muito tempo, onde hoje se situa o município de Otacílio Costa, havia grandes fazendas, cobertas por belos pinhais e campos verdejantes. A maior parte dessas terras eram propriedade do Senhor Otacílio Vieira da Costa.

A região era constantemente passagem de tropeiros, que levavam o gado para a região de São Paulo. Por isso, existia ali um galpão onde os tropeiros pernoitavam, para seguir viagem quando o dia amanhecesse ou a chuva parasse. Este lugar era conhecido por Galpão de Tropeiros.

Existia também um “botequim” de propriedade do Sr. Lauro Araújo, construído em madeira e pintado de branco. Este “botequim” ficava num terreno de propriedade do Sr. Luiz Daboite. Devido a sua cor, a localidade passou a ser conhecida por Casa Branca. Este foi o primeiro nome dado ao município.

Mais tarde o lugar passou a chamar-se Encruzilhada, em função do encontro das estradas que ligavam Curitiba e Rio do Sul a Lages. A região foi crescendo e com ela a vontade de tornar-se independente...

O vereador Sr. Dorvalino Furtado, elaborou o projeto que cria o Distrito de Otacílio Costa. Pelas Leis Municipais nº 180 e 186 de 13 de agosto e 27 de dezembro de 1958 é finalmente criado o distrito.

Em 1959, pela Lei Estadual nº 419 de 28 de julho de 1959, o Presidente da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, Deputado Braz Joaquim Alves promulga a lei de fundação do Distrito.

Dia 20 de setembro foi oficializada a instalação do distrito. O povo e as autoridades reuniram-se no Salão Paroquial para a solenidade. Fizeram-se presentes: Dr. José Pedro Mendes de Almeida, juiz que presidiu a solenidade; o escrivão Lélcio Córdova; Sr. Vidal Ramos Junior, Prefeito Municipal de Lages; Sr. César Araújo Góes, Delegado de Ensino; João Pedro de Arruda, Engenheiro Residente do DER; Reverendo Padre Leonardo Willbert e outras autoridades.

O sonho de emancipação foi acalentado por mais de 20 anos. Surge então uma Comissão Emancipadora: o pessoal que iria lutar para que Otacílio Costa se tornasse um município. Porém, o povo precisava ser ouvido. Para isso foi realizado um plebiscito em 21 de março de 1982.

A maioria foi a favor da emancipação: 4.444 votos a favor e 940 votos contra. Assim criou-se o município de Otacílio Costa, em 10 de maio de 1982, pela Lei nº6059. Finalmente a Lei foi sancionada pelo então governador Dr. Jorge Bornhausen.

Atualmente, o município de Otacílio Costa assenta sua economia no setor secundário, com destaque à indústria e ao comércio de papel e celulose, bem como empresas ligadas ao beneficiamento de madeira, produzida no próprio município. Também possui um modelo de posto centralizado de coleta e estocagem de grãos, especialmente soja, milho e trigo, captados e produzidos na região.

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL

A história da educação em Otacílio Costa pode ser recontada, por meio de pesquisas em documentos dos arquivos da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina e no relato da Sra. Cacilda Bornhausen, que em 1942, aos 16 anos, veio morar às margens da estrada geral Lages/Rio do Sul, hoje Avenida Olinkraft/ Otacílio Costa, onde começou a lecionar para alunos de 1ª a 4ª série, nas terras do Sr. Valentin Scozz e depois em sua própria residência. Em 1945 com a doação de um terreno de 450m² e com a ajuda dos pais de alunos foi construída a Escola Isolada Municipal “Barão do Rio Branco” com o código 03102-0, para atender 08 crianças em uma turma multisseriada.

Segundo dados do Projeto Político Pedagógico – PPP da Escola Básica Municipal “Pedro Álvares Cabral”, Otacílio Costa era distrito de Lages. Sendo assim, em 1960, a Prefeitura Municipal de Lages, responsável na época pela Educação da região serrana, inaugurou naquela comunidade a primeira sala de aula, com 24 alunos de 1ª a 3ª séries, na localidade conhecida como Desquite, devido ao rio que corta o bairro.

Em 1964, a Sra. Laura Helena Koehler, então com 23 anos, mudou-se de Itajaí para Otacílio Costa. Após sua chegada, dedicou-se a fazer cursos de jardim de infância no Colégio Santa Rosa de Lima, na cidade de Lages, pois desde os 16 anos, atuava com crianças de jardim, junto às irmãs da Imaculada Conceição, no convento em que estudava.

Conforme relatos da Sra. Laura, por amar muito o trabalho com crianças e perceber que poderia contribuir com esta localidade, iniciou o trabalho de reunir as crianças da comunidade da Fábrica de Caixa e da Encruzilhada como eram chamadas na época. Formou em 1965 uma turminha de jardim de infância, na comunidade da Encruzilhada, no terreno de seu José Salvador, mais conhecido como tio Bepe, embaixo de um ipê amarelo.

Conta a Sra. Laura, que a metodologia aplicada era a própria natureza: barro, pena e grama. Fazia seu próprio material, chegando a ferver as roupas à noite, para tirar a tinta e usar com as crianças. Utilizava-se muito das histórias, do teatro e da canção, tanto religiosa quanto literária. Alfabetizou muitas crianças desta maneira e afirma que envolver as crianças em todas as atividades, foi fator primordial para que elas gostassem de frequentar o jardim de infância.

O médico de então, Dr. Carlos Irusta Mendes, ao passar pela rua onde foi atender um paciente, avistou a turma embaixo da árvore e prontamente se propôs a ajudar com material e guloseimas.

Em 1968, com a ajuda da irmã Nila, o Monsenhor Luis a convida para ocupar uma sala da igreja matriz, dando continuidade às atividades do Clube Infantil Tia Laura.

Assim, até 1982 outras escolas foram sendo criadas em várias comunidades, pela Prefeitura de Lages.

Desde a emancipação política, em 10 de maio de 1982, o município de Otacílio Costa, vem organizando ações para o atendimento de crianças de zero a seis anos, que era então ligado à Secretaria Municipal da Saúde, Educação e Assistência Social. Tinha como política para a criação destes espaços, atender as comunidades mais carentes e com maiores dificuldades financeiras. Estes critérios eram vinculados aos órgãos com os quais a prefeitura mantinha convênios: a LBA – Legião Brasileira de Assistência; a FUCABEM – Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor e o MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização. (OLIVEIRA, 2005, p. 16).

Com o Ensino fundamental não foi diferente: novas ações foram implementadas, a fim de elevar o índice de escolaridade da população. As séries finais do ensino fundamental, o antigo ginásio, foram gradativamente sendo criadas e regulamentadas junto à Secretaria de Estado para ser oferecidas nas escolas municipais, onde somente havia o ensino de 1ª a 4ª séries.

No período entre 1983 /1984, o Prefeito Sr. Nelson Melo de Liz e o Vice Prefeito Sr. Ari Espíndola, nomearam como Secretária de Educação a Sra. Liliana Marcondes Pinho. Já no ano de 1984/1988, o Sr. José Rogério Turek foi nomeado Secretário Municipal da Educação, Saúde e Assistência Social.

Na gestão de 1989/1992 foi nomeada Secretária da Educação a Sra. Kariny Borges de Liz e, posteriormente, na mesma gestão, o Sr. Cesário Eller.

Na gestão de 1993/1996 foi nomeada Secretária da Educação a Sra. Selma Spindola.

Na gestão de 1997/2000 o prefeito nomeou a Secretária da Educação a Sra. Kariny Borges de Liz e depois o Sr. Célio Luiz Rodrigues.

Na gestão de 2001/2002 a Secretária da Educação nomeada foi a Sra. Eliany Koehler de Ávila.

De 2002 a 2004 a Secretária da Educação foi a Sra. Sandra Derli de Souza.

De 2004 a 2008 a Sra. Vera Lúcia Sabino foi nomeada para assumir a respectiva função.

Chegamos à gestão atual (2009/2012) com a Sra. Eliany Koehler de Ávila assumindo pela segunda vez a Secretaria de Educação de Otacílio Costa.

HISTÓRICO DAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Escola Básica Municipal “Barão do Rio Branco”

A Escola iniciou sua história com a Sra. Cacilda Bornhausen que em 1942, aos 17 anos, veio morar às margens da estrada geral Lages/Rio do Sul, hoje Avenida Olinkraft. Começou lecionando para alunos de 1ª a 4ª séries nas terras do Sr. Valentin Scozz e depois em sua própria residência. Em 1945,



com a doação de um terreno de 450m² e com a ajuda dos pais dos alunos, foi construída a Escola Isolada Municipal “Barão do Rio Branco” com o código 03102-0, para atender 08 crianças.

Em 31 de janeiro de 2002, através do Decreto Nº 109 foi denominando Grupo Escolar “Barão do Rio Branco” e passa a oferecer, a partir do corrente ano letivo, também o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries, gradativamente, funcionando nesse ano a 5ª série.

Em 2006, em virtude da diminuição do número de matrículas, em assembleia geral com a comunidade, a escola passou as matrículas para a Escola de Educação Básica “Fazenda Olinkraft”, pertencente ao Sistema Estadual de Educação. No ano de 2009, o espaço físico foi cedido para o funcionamento da Universidade Federal Aberta.

Em novembro de 2010, a comunidade do Bairro Igaras reuniu-se para solicitar ao Governo Municipal e à Secretaria da Educação a reabertura da escola, para atender a 20 crianças de 6 anos de idade, que farão o seu 1º ano do Ensino Fundamental.

Em fevereiro de 2011, foram reabertos os trabalhos da escola, atendendo ao pedido da comunidade.

Escola Básica Municipal “Pedro Álvares Cabral”

Teve seu início em 01 de junho de 1960, com a matrícula de 24 alunos de 1ª a 3ª séries. O atual Bairro Fátima era conhecido como Desquite e pertencia ao distrito de Bocaina do Sul. A escola funcionava nas dependências da residência do Sr. Dário Corrêa, sendo

professora a Sra. Maria das Neves da Silva Paes. Em 1963, a prefeitura de Lages inaugurou a primeira sala de aula e passou a funcionar como Grupo Escolar.

Em 1992, atendendo às reivindicações da comunidade, é encaminhada a solicitação ao Conselho Estadual de Educação para o funcionamento de 5ª a 8ª séries. Esta autorização confirmou-se através da portaria 023/1993 SC.



Escola Básica Municipal “Marechal Rondon”

A E.B.M “Marechal Rondon” foi fundada pelo Decreto nº 20, em 11 de maio de 1963, pela Sra. Nadir Fernandes Farias, com o nome de Escola Isolada “Fábrica de Caixas”, na época com 38 alunos, em turmas multisseriadas.



Em 1968, passou a se chamar Escola Desdobrada “Marechal Rondon” através do Processo 218341920. Em 1993, começaram a funcionar as turmas de 5ª a 8ª séries, de acordo com o Parecer 380/92, passando a se chamar Escola Básica Municipal “Marechal Rondon”.

Escola Básica Municipal “Catarina Furhmann”

A Escola “Catarina Furhmann” foi fundada no dia 29 de maio de 1991, pela lei nº 573, atendendo crianças de 0 a 06 anos de idade. Em 31 de janeiro de 2002 pelo Decreto nº 109 passa a oferecer de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.



Devido a grande procura de matrícula para alunos do ensino fundamental, a Secretaria da Educação firma um convênio com a entidade SESI, para ocupar o espaço físico e assumir as turmas de pré-escola que estavam sob a responsabilidade do SESI, e também ampliar as demais turmas do ensino fundamental.

Este convênio permanece em vigência, e hoje a escola é denominada Escola Básica Municipal “Catarina Furhmann”. No ano de 2010, foi realizado um concurso entre o corpo discente para a escolha do Lema da Escola que ficou: “Responsabilidade, criatividade, dedicação e limites”.

Núcleo Municipal Professora “Adilha Matias Faria”

Quando foi criada, em 2001, esta Unidade Escolar foi denominada Núcleo Municipal “Padre Manoel de Nóbrega” (Campo Chato) e contava com a nucleação de cinco escolas isoladas sendo elas: Escola Isolada “Padre José de Anchieta” em Goiabal, Escola Isolada “Campo Belo”, Escola Isolada “Don Manuel O Venturoso” em Joana e Escola Isolada “Laudelino Izidoro Velho” na Vila Baianos.



O Núcleo Municipal “Professora Adilha Matias Faria” foi inaugurado em 23 de Fevereiro de 2002, pelo Decreto 1300 de 30.01.02. Foi criado com o objetivo de atender as comunidades de Fundo do Campo, Goiabal, Joana, Santa Rosa, Passo do Souza, Campo Chato, Vila Baianos, Manduri e Vila Velha.

Hoje é oferecido o Ensino Médio pelo Estado, com extensão da E.E.B. “Nossa Senhora de Fátima”, de onde os professores se deslocam até a localidade de Fundo do Campo.

Escola Básica Municipal “Traços e Letras”

O Centro de Educação “Traços e Letras” recebeu este nome por indicação da senhora Eliane Vargas Medeiros no ano de funcionamento como escola particular. Está situado à Avenida Armando Pereira de Souza, nº 583, no Bairro Poço Rico em Otacílio Costa.



No final do ano de 2009, a Secretaria Municipal da Educação desta cidade, adquiriu o mobiliário e os materiais didático-pedagógicos da senhora Eliane Vargas Medeiros, passando então a instituição à Rede Municipal de Ensino.

Em 17 de fevereiro de 2010, a instituição iniciou seus trabalhos, fazendo parte da rede pública municipal de ensino.

O Centro de Educação “Traços e Letras” passou então a chamar-se Escola Básica Municipal “Traços e Letras” pela Lei 1194/2010 para atender crianças de 4 e 5 anos de idade, em turmas de pré-escolar, e de 6 anos em turmas de 1º ano do ensino fundamental, tendo como lema: “Escola e Família compartilhando saberes”.

Núcleo Avançado de Ensino Supletivo – NAES.

A partir de 1993, o município passa a contar com Núcleo Avançado de Ensino Supletivo – NAES. Os dados legais desse Núcleo são:

Processo: PSEC – 20506/929

Parecer: Nº 16/93

Aprovado: 02/03/1993

Firmou-se de um Convênio com o Estado, onde é disponibilizado o espaço físico para atender os jovens que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos.

Programa Brasil Alfabetizado – PBA

O município ainda desenvolve um Programa do Governo Federal: BRASIL ALFABETIZADO, desde 2007. Tem por objetivo assegurar aos jovens e adultos e a todas as pessoas, o direito de desenvolver as habilidades de leitura e escrita, a fim de usufruir da cultura letrada e fortalecer as identidades socioculturais.

Também, objetiva melhorar as condições de vida, promovendo a participação cidadã e o direito de acesso à escolaridade a todos os que não o tiveram na idade escolar, visando superar as desigualdades e auxiliar cada indivíduo a se tornar tudo aquilo que ele tem capacidade de ser.

Reconhece-se que o desenvolvimento sócio cultural de um povo é diretamente proporcional aos investimentos realizados na área da educação. Neste sentido, a gestão educacional da Rede Municipal de Educação tem a atenção voltada ao crescimento do número de alunos e às formas de atender aos munícipes com direitos e necessidades educacionais.

- 1- Em 2007: iniciou com 107 alunos e encerrou com 61 alunos, em 07 turmas.
- 2- Em 2008: iniciou com 130 alunos e encerrou com 74 alunos, em 09 turmas.
- 3- Em 2009 e 2010: 164 alunos, em 11 turmas.
- 4- Em 2011 iniciamos com 140 alunos, em 07 turmas.

Nosso desafio é diminuir o índice de evasão, oferecendo aulas no período vespertino, noturno e aos sábados para que todos possam participar do programa, prosseguindo seus estudos.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS

1. 1 FUNDAMENTOS LEGAIS - Bases legais da Educação

1.1.1 Constituição Federal de 1988

A Constituição de 1967 afirmava ser a educação um direito de todos e dever do Estado. A Constituição Federal de 1988 manteve a norma e aprofundou-se estabelecendo a educação como um direito social e dedicando-lhe capítulo próprio a partir do Art. 205 (BRASIL, 1988).

Assim, a educação como um dever do Estado, garantiu a todos o acesso à escola.

A importância desse entendimento foi reiterada recentemente, com a promulgação da Emenda Constitucional 64, de 04 de fevereiro de 2010, que incluiu a alimentação como um direito social no art. 6º.

É possível observar que, embora não estabeleça uma hierarquia entre os demais direitos ali previstos, a referida Emenda manteve a educação como o primeiro registro. A atual redação do artigo ficou assim: Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Adiante, a Constituição de 1988 pormenoriza

Capítulo III

DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO ESPORTO

Seção I DA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
[...].

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;
[...].

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.
[...]

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e

à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

1.1.2 LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Outra fonte de regulamentação da educação no Brasil repete os valores citados anteriormente na Lei 9.394/96, quando prescreve que:

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola [...];

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais [...];

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - universalização do ensino médio gratuito [...];

X - vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.

Art. 5º O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo [...].

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

§ 3º Qualquer das partes mencionadas no *caput* deste artigo tem legitimidade para peticionar no Poder Judiciário, na hipótese do § 2º do art. 208 da Constituição Federal, sendo gratuita e de rito sumário a ação judicial correspondente.

§ 4º Comprovada a negligência da autoridade competente para garantir o oferecimento do ensino obrigatório, poderá ela ser imputada por crime de responsabilidade [...].

1.1.3 PNE - Plano Nacional de Educação

A Lei nº 10.172, de 9 de Janeiro de 2001 do Plano Nacional de Educação - PNE que tem como uma de suas metas a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, amplamente discutida pela Secretaria de Educação Básica SEB/MEC com as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação a partir de 2003.

1.1.4 Estatuto da Criança e do Adolescente

Também encontramos respaldo no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), quando nos apresenta que:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária [...].

Ainda nos artigos 53, 54, 55 e 56 estabelecem_ que a criança e o adolescente tenham direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Apresentamos detalhadamente os referidos artigos a seguir:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54. É dever do Estado, assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino [...];

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente [...].

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I - maus-tratos envolvendo seus alunos;

II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III - elevados níveis de repetência.

1.1.5 Estrutura e Funcionamento do Sistema Municipal de Educação

A Secretaria Municipal de Educação com base na legislação e apreciação do Conselho Municipal de Educação propõe uma Proposta Curricular que venha contemplar os anseios da sociedade e do processo educacional na Rede Municipal de Ensino, com a inclusão das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental.

O Sistema Municipal de Educação de Otacílio Costa - Lei Complementar Nº 134/2011 - tem por Princípios e Fins da Educação:

TÍTULO III DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Art. 3º A educação escolar, no Município de Otacílio Costa, obedece aos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso, permanência e sucesso na instituição educacional;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

V - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VI - gestão democrática do ensino público na forma da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e desta Lei;

VII - valorização do profissional da educação;

VIII – promoção de propostas pedagógicas que transcendam o espaço físico da instituição educacional e estabeleçam um intercâmbio com as demais instituições da sociedade e as práticas sociais;

IX - promoção da interação da escola com a comunidade e movimentos sociais, da justiça social, da igualdade e da solidariedade;

X - garantia de padrão de qualidade;

XI - respeito à liberdade, aos valores e capacidades individuais, apreço à tolerância, estímulo e propagação dos valores coletivos e comunitários e respeito ao patrimônio público;

XII - valorização da experiência extraescolar.

No que se refere ao direito à educação, a presente Lei afirma que:

TÍTULO IV

DO DIREITO À EDUCAÇÃO E DO DEVER DE EDUCAR

CAPÍTULO I

DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA

Art. 4º O dever do Município com a educação pública se efetivará sem prejuízo das disposições dos arts. 191 a 195 da Lei Orgânica Municipal, mediante a garantia de:

I - oferta de ensino fundamental, obrigatório e gratuito, a partir dos seis anos de idade, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria;

II - oferta de educação infantil gratuita;

III - oferta de educação escolar adequada às necessidades e disponibilidades de jovens e adultos (EJA), no ensino fundamental, garantindo aos que forem trabalhadores, as condições de acesso e permanência na instituição educacional;

IV – atendimento, por meio de programas suplementares, conforme possibilidades, de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde aos educandos da Rede Municipal de Ensino;

V - garantia de padrões mínimos de qualidade do ensino de acordo com os indicadores nacionais de qualidade;

VII - ampliação progressiva do período de permanência do educando na instituição educacional;

VIII - cumprimento do princípio da educação escolar gratuita, vedada cobrança, a qualquer título, de taxas ou contribuições dos alunos;

IX - atendimento educacional especializado aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

X - número suficiente de instituições educacionais, nas áreas rural e urbana;

XI - membros do quadro de pessoal do magistério, técnico-administrativo e de serviços em número suficiente e permanentemente qualificados para atender a demanda escolar;

XII - liberdade de organização estudantil, sindical e associativa.

Parágrafo Único - A ampliação progressiva do período de permanência do educando na instituição educacional, prevista no inciso VII, terá início, prioritariamente, nas instituições educacionais situadas nas áreas em que condições econômicas e sociais dos educandos recomendarem, asseguradas condições pedagógicas suficientes e observadas as metas definidas no plano plurianual e no plano municipal de ensino.

Art. 5º O acesso ao ensino fundamental obrigatório e gratuito é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão ou organização social legalmente constituída e o Ministério Público exigi-lo do Poder Executivo, na forma de legislação pertinente.

Art. 6º É dever dos pais ou responsável efetuar a matrícula dos menores no ensino fundamental, a partir dos seis anos.

Art. 7º O Município atuará prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

Importante se faz confirmar, neste documento, também, as funções da SME.

DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Art. 13 A Secretaria Municipal de Educação é órgão próprio do sistema municipal de ensino, para planejar, coordenar, executar, supervisionar e avaliar as atividades educacionais a cargo do poder público municipal no âmbito da educação básica.

§ 1º Para cumprir suas atribuições, a Secretaria contará com:

I - estrutura administrativa própria, regulamentada em lei;

II - pessoal nomeado, por ato próprio, para cargos em comissão, assim declarados em lei; pessoal docente e de suporte, de acordo com o plano de carreira do magistério, com ingresso por concurso público, na forma da legislação em vigência, e pessoal contratado em caráter temporário para a docência;

III - autonomia para movimentação dos recursos vinculados à manutenção e desenvolvimento do ensino, assim como dos demais recursos vinculados destinados à educação.

§ 2º A aplicação dos recursos do salário-educação obedecerá ao Plano de Aplicação aprovado pelo Conselho Municipal de Educação.

A mesma lei preconiza que Educação Básica nos Estabelecimentos de Ensino da Rede Municipal organizar- se- á em:

CAPÍTULO II EDUCAÇÃO BÁSICA

Conforme Lei complementar 134/2011 que organiza o Sistema Municipal de Ensino de Otacílio Costa:

Art. 17 A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios e condições para progredir no trabalho e em estudos posteriores, bem como para poder optar pelo engajamento nos movimentos sociais ou demandas da sociedade.

Art. 18 As instituições de educação básica do Sistema Municipal de Ensino, elaborarão periodicamente, seu projeto político-pedagógico, dentro dos parâmetros da política educacional do município e de progressivos graus de autonomia. Contarão com um regimento escolar, do qual farão cientes a Secretaria Municipal de Educação e o Conselho Municipal de Educação.

Parágrafo Único - O projeto político-pedagógico e o regimento escolar, além das disposições legais sobre a educação escolar prevista na legislação da União e do Município, constituir-se-ão no referencial para a autorização de cursos e avaliação de qualidade. Também para a fiscalização das atividades dos estabelecimentos de ensino, de competência do Conselho Municipal e da Secretaria Municipal de Educação.

Art. 19 A educação básica poderá ser organizada em séries anuais, anos escolares, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência ou outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar, mediante autorização dos órgãos do sistema municipal de ensino.

Parágrafo Único - A escola poderá reclassificar os educandos, inclusive quando se tratar de transferência entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

Art. 20 A educação básica organizar-se-á de acordo com as seguintes regras comuns:

I - pelo menos duzentos dias de efetivo trabalho escolar, por ano, assim entendido como os momentos diferenciados da atividade docente, que se caracteriza pelo desenvolvimento de atividades de planejamento, capacitação em serviço, dias de estudo, reuniões pedagógicas e de conselhos de classe, avaliações, recuperação paralela e aqueles diretamente relacionados com o educando, bem como toda e qualquer ação incluída no projeto político-pedagógico da escola, excluído o tempo reservado a exames finais, quando houver.

II - carga horária mínima anual de oitocentas horas, envolvendo a participação de docentes e educandos, excluída o tempo reservado para exames finais, quando houver;

III - duração da hora-aula, definida em norma dos órgãos do sistema municipal de ensino garantida ao docente da instituição educacional pública. Hora-atividade incluída na jornada de trabalho de todos os professores, de acordo com legislação própria, assim entendido o período reservado a estudos, planejamento, preparação de aulas e atendimento a alunos;

IV - carga horária de trabalho escolar assim distribuída na matriz curricular:

a) no período diurno, cinco aulas de quarenta e cinco minutos, a partir do 6º ano do ensino fundamental;

b) na educação infantil e até o 5º ano do ensino fundamental, no mínimo quatro horas de permanência do aluno em sala de aula ou em ambientes equivalentes, envolvendo a participação de docentes, podendo ser progressivamente ampliado o período de permanência até completar o período integral na instituição educacional.

V - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto no 1º ano do Ensino Fundamental, pode ser feita:

a) por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, o ano escolar anterior, na própria instituição educacional;

b) por transferência, para alunos procedentes de outras instituições educacionais;

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do aluno e permita sua inscrição no ano escolar adequado, conforme regulamentação do Conselho Municipal de Educação.

VI - avaliação do rendimento escolar do educando, resultado de reflexão sobre todos os componentes do processo ensino-aprendizagem, como forma de superar dificuldades, retomando, reavaliando, reorganizando e reeducando os sujeitos nele envolvidos, que deve:

a) ser investigadora, diagnosticadora e emancipadora, concebendo a educação como a construção histórica, singular e coletiva dos sujeitos;

b) ser um processo permanente, contínuo e cumulativo, que respeite as características individuais e sócio-culturais dos sujeitos envolvidos;

c) incluir conselhos de classe participativos, envolvendo todos os sujeitos do processo, ou comissões específicas, cabendo-lhes definir encaminhamentos e alternativas;

d) considerar a possibilidade de aceleração de estudos para educandos com atraso escolar;

e) considerar a possibilidade de avanço em séries ou cursos por educandos com comprovado desempenho;

f) considerar o aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

g) dar prevalência aos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e aos resultados do período sobre os de eventuais provas finais.

VII - número de educandos por sala de aula, definido de acordo com critérios técnicos e pedagógicos, deve ser tal que possibilite adequada comunicação do aluno com o professor e aproveitamento eficiente e suficiente, limitado a:

a) na educação infantil, até quatro anos, máximo de 20 (vinte) crianças, com atenção especial a menor número, nos dois primeiros anos de vida e, até os seis anos, máximo de 25 (vinte e cinco) crianças;

b) no ensino fundamental, máximo de 30 (trinta) alunos nos anos iniciais e de 35 (trinta e cinco) alunos nos anos finais.

VIII - inclusão, nos currículos, de conteúdos sobre educação para o trânsito, educação sexual, cultura afro-brasileira e indígena, estatuto da criança e do adolescente,

preservação do meio ambiente, prevenção ao uso indevido de entorpecentes e drogas a fim de defesa dos direitos fundamentais constitucionalmente consagrados.

§ 1º à escola, dentro de seu projeto político-pedagógico e regimento, fica assegurada autonomia para dispor sobre outra forma de organização da carga horária legal na matriz curricular, ouvidos os órgãos do sistema municipal de ensino.

§ 2º O intervalo de tempo destinado ao recreio faz parte da atividade educativa e como tal se inclui no tempo de efetivo trabalho escolar e na carga horária de trabalho dos profissionais da educação.

Art. 21 Os currículos do ensino fundamental serão aprovados pela Secretaria Municipal de Educação, observando a base nacional comum, complementados pelas escolas, ouvidos os órgãos do sistema municipal de ensino, adaptando-se às características regionais e locais da sociedade, da cultura e da economia, observados o seguinte:

I - devem abranger o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil;

II - o ensino da arte constitui disciplina obrigatória nos diversos níveis, integrando artistas, grupos e movimentos culturais locais, de forma a promover os diferentes valores culturais dos alunos;

III - a educação física é disciplina obrigatória, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar;

IV - o ensino de História dará ênfase à História do Município, de Santa Catarina, do Brasil e da América Latina e levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias na construção da história municipal, catarinense, brasileira e latino-americana;

V - O ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna será garantido desde o Pré-escolar, em consonância com as possibilidades de oferta pelo Poder Público, considerando a demanda de professores habilitados para ministrar as aulas.

Art. 22 Valendo-se de colaboradores qualificados, integrantes ou não do quadro de pessoal, e dos equipamentos disponíveis, sem prejuízo das atividades do ensino regular, as escolas podem oferecer cursos de extensão gratuitos. Serão abertos à comunidade local, visando a sua ampliação de conhecimentos e a interação comunidade-escola, mediante autorização do órgão central do sistema, segundo os critérios estabelecidos por seu órgão colegiado competente.

Art. 23 O ensino será ministrado em língua portuguesa, assegurados a crianças com surdez, processos próprios de aprendizagem.

Parágrafo Único - Para o cumprimento do disposto no caput deste artigo, em salas de aula onde se encontrem incluídas, crianças com surdez, na rede pública municipal de ensino, o Município garantirá um segundo professor que possua o domínio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

No que se refere ao ensino de 9 anos ainda temos que:

DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 30 O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9(nove) anos, gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos, competência e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art. 31 A matrícula no ensino fundamental é obrigatória, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade.

1.1.6 Organização do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Ensino de Otacílio Costa

Com base em discussões e estudos, fica estabelecido para as instituições de ensino do município, a organização em Anos podendo considerar as etapas ou fases de ensino conforme a idade, de acordo com Resolução CNE/CEB nº 3, de 3 de agosto de 2005 e Deliberação do CME N.º 01 de 15 de julho de 2008, como apresentamos no quadro abaixo:

Resolução CNE/CEB nº 3/ 2005 Deliberação do CME N.º01	ORGANIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE OTACÍLIO COSTA	
ANOS INICIAIS	1º ano	Turmas de 5 e 6 anos
	2º ano	Turmas de 6 e 7 anos
	3º ano	Turmas de 7 e 8 anos
	4º ano	Turmas de 8 e 9 anos
	5º ano	Turmas de 9 e 10 anos
ANOS FINAIS	6º ano	Turmas de 10 e 11 anos
	7º ano	Turmas de 11 e 12 anos
	8º ano	Turmas de 12 e 13 anos
	9º ano	Turmas de 13 e 14 anos

Fonte: Equipe de construção da Proposta

Ressaltamos que a aprendizagem escolar não depende apenas do aumento do tempo de permanência na escola, mas também do emprego mais eficaz desse tempo: a associação de ambos pode contribuir significativamente para que os estudantes aprendam de maneira mais prazerosa. Para a legitimidade e a efetividade dessa política educacional, são necessárias ações formativas da opinião pública, condições pedagógicas, administrativas, financeiras, materiais e de recursos humanos, bem como acompanhamento e avaliação em todos os níveis da gestão educacional (BRASIL, 2006).

No Ensino Fundamental de 9 anos a jornada diária será de quatro horas de trabalho efetivo de ensino e aprendizagem, ministrado por professor, não sendo considerados intervalos e outras atividades sem finalidade educativa. A jornada escolar será de 800h anuais no total de no mínimo 200 dias letivos, excluindo o tempo reservado aos exames finais, quando houver (Art. 24 – I).

1.2 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A aproximação do educando ao objeto a ser conhecido se constitui a base de todo o processo educativo. É neste movimento que se estabelece a relação sujeito capaz de conhecer e o objeto a ser conhecido, numa relação que acontece, de acordo com as crenças filosóficas e teóricas.

Nesta perspectiva, o conhecimento pode ser concebido como uma capacidade inata do sujeito que aprende, como uma aquisição (ou uma descoberta), ou, ainda, como uma expressão que se constrói pelas interações.

É importante que ressaltemos que cada concepção de conhecimento está atrelada a uma corrente filosófica e que estas correntes fundamentam todas as áreas de conhecimento, inclusive a Psicologia e a Pedagogia. Assim,

[...] subjacente a essas correntes de pensamento da Psicologia e da Pedagogia, encontram-se três grandes vertentes filosóficas: a empirista, a inatista e a dialética, influenciando todas as formas de ensinar e de aprender (DACOREGGIO, 2004, p. 4).

É a partir da opção epistemológica que são delineados as metodologias do trabalho educativo, a concepção de sujeito, de educação e todas as concepções que compõem o processo da educação formal.

É com a Filosofia que conseguimos definir as dimensões epistemológicas dos processos de Ensino e de aprendizagem. Nesta Proposta Curricular optamos pela fundamentação na filosofia dialética, considerando o tipo de sociedade e de ser humano que temos hoje.

O pensamento pedagógico da Secretaria de Educação de Otacílio Costa fundamenta-se em eixos norteadores advindos da concepção histórico-cultural, construída a partir de uma visão de homem, sociedade e aprendizagem. Todo o processo educativo desta Secretaria baseia-se nestes conceitos.

Para a Secretaria de Educação de Otacílio Costa, o ser é entendido como social e histórico o que cabe explicar que todos são resultados de um processo, conduzido pelo próprio homem. A história da humanidade é então, permeada de irregularidades: ao mesmo tempo em que o homem constrói sua história, é determinado por ela.

O raciocínio dialético é o método que permite compreender a ausência de linearidade deste processo.

Como escola, entende-se o lugar privilegiado do conhecimento científico, e, portanto, deve atuar de forma que este conhecimento seja socializado. O conhecimento é patrimônio coletivo e todos os alunos têm direito ao acesso a este conhecimento.

A partir desta perspectiva, a política educacional da Secretaria de Educação de Otacílio Costa, centra esforços em incluir seus alunos entre os que detêm, cada vez mais, o saber, sem exclusões. Para isso, concede importância fundamental à formação contínua dos professores para que se postem frente ao ato pedagógico como responsáveis pela

aprendizagem de todos os alunos, estes como os portadores de direito de acesso ao conhecimento.

Reconhecendo a escola como lugar privilegiado do conhecimento científico, esta Secretaria entende que não há apropriação do conhecimento sem a devida relação entre o saber produzido cientificamente e entre outros saberes que são adquiridos no contexto não escolar.

A sociedade em que estamos inseridos legitima o saber científico, mas, entendemos que é preciso priorizar a formação do ser humano como um todo, resgatando valores essenciais como a dignidade, o respeito, a liberdade limitada e a retomada da família como instituição primeira da sociedade.

Em se tratando de aprendizagem, esta Secretaria faz opção pela concepção histórico-cultural. Nosso trabalho é norteado pela compreensão de que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é resultado de uma interação permanente de processos internos com as influências do mundo social. O meio intelectualmente mais rico cria mais situações de aprendizagem.

No processo ensino-aprendizagem, o professor passa a ter a função de mediador entre o conhecimento historicamente acumulado e o aluno. O mediador é alguém que já se apropriou deste conhecimento.

Então, a ação educativa efetiva-se nas atividades de interação e mediação, numa construção coletiva e individual do conhecimento, nesta ordem.

Esta concepção de aprendizagem permite dar um sentido mais ético ao processo, na medida em que não classifica os alunos em fracos e fortes, mas todos capazes de aprender, e conseqüentemente, a escola assume maior responsabilidade com a aprendizagem, se apresentando como lugar privilegiado das interações sociais dos alunos.

O desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professores e alunos passam a participar de um processo para aprender de forma criativa, dinâmica e encorajadora, que tenha como base o diálogo e as descobertas.

As bases desse projeto devem se estabelecer sobre a visão de sociedade onde se insere e, nele, os novos paradigmas educacionais; as definições das especificidades da organização escolar; a visão clara da missão da escola como construtora da cidadania; e as ambigüidades dos saberes docentes - são itens determinantes da dimensão da qualidade desejada na educação.

Sobre estes três focos: homem, conhecimento e aprendizagem, fundam-se todas as atitudes desta Secretaria em consonância com todas as instituições de ensino que formam a Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa.

A partir deste entendimento epistemológico é que pensamos em definir de forma objetiva as concepções que norteia Proposta Curricular de Otacílio Costa.

1.2.1 Concepções

Concepção de conhecimento

Temos claro que são três as concepções de conhecimento de acordo com as grandes correntes filosóficas. Para o Empirismo o conhecimento é uma descoberta, pois, sua gênese encontra-se fora do ser humano: está no meio social.

O Inatismo nos afirma que o conhecimento é uma capacidade inata.

A filosofia dialética, por sua vez, nos indica uma concepção de conhecimento como sendo uma construção permanente (DACOREGGIO, 2001).

Nesta Proposta Curricular, adotamos a perspectiva dialética, pois, reconhecemos o conhecimento como uma construção que acontece a partir do sujeito concreto. É um fenômeno que se estabelece pelas relações entre o ser humano e o meio em que vive, a partir de uma ordem historicamente produzida. Este Ser apreende, pela sensibilidade que lhe é própria, a realidade concreta, decompondo-a, analisando os detalhes, e observando suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrindo a conexão íntima entre elas.

Concepção de Mundo

Passamos a perceber o mundo de forma sistêmica, ou holística, ou ainda, orgânica. Nela, os sistemas são entendidos como totalidades integradas, que não podem ser reduzidos, pois a redução descaracteriza os princípios básicos organizadores do próprio sistema que se quer descrever. De acordo com Capra (1982), "Os sistemas vivos são organizados de tal modo que formam estruturas de múltiplos níveis, cada nível dividido em subsistemas sendo cada um deles um 'todo' em relação a suas partes, e uma 'parte' em relação a todos maiores." (CAPRA, 1982, p. 40) .

Nessa nova perspectiva o mundo está totalmente interligado. Os fenômenos biológicos, psicológicos, ambientais e sociais são totalmente interdependentes.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o mundo é o espaço de relações entre os seres e o meio ambiente e deve ser o mais harmonioso possível, atingindo assim a paz, a tranquilidade e a saúde.

Concepção de Ser Humano

Fundamentamos a concepção de ser humano a partir do pensamento de Vygotsky (2000) como um ser produtor. Produtor das condições de sua existência, das relações sociais, da história e da cultura. Da mesma forma é produtor de sistemas simbólicos, de linguagem, de signos e de sentido. Enfim, produtor de si mesmo e produto das condições que cria. Neste sentido, concordamos com o pensador quando ele assevera que: “O mais básico consiste em que a pessoa não somente se desenvolve, mas também constrói a si”. (VYGOTSKY, 2000, p. 33).

Concepção de Criança

A criança deve ser compreendida como um ser que nasce com necessidades peculiares, às quais demarcarão o período da vida denominado infância, compreendendo uma categoria social, para que esse período seja vivido com intensidade.

A criança é um sujeito de direitos e a educação, um de seus direitos fundamentais. Portanto, a educação, prática social que oportuniza a experiência com o conhecimento científico e a cultura, precisa garantir a construção e apropriação de conhecimentos produzidos pela humanidade, ao longo de sua história, e eleitos como mais significativos para serem trabalhados na escola. Esses conhecimentos devem estar articulados aos conceitos cotidianos formulados pelas vivências práticas e pelas relações sociais do mundo vivido.

Este pensamento vai de encontro ao de Vygotsky (1991) quando o autor define a criança como um sujeito social, que conhece significando e passa por transformações advindas dos valores culturais do seu ambiente que também é transformado por ela, tornando-a um ser criador e ao mesmo tempo recriador de cultura.

Concepção de Educação

Ainda de acordo com Vygotsky, a educação é considerada um sistema que facilita a apropriação de conteúdos próprios de cada cultura (OLIVEIRA, 1997). Assim, o processo educativo favorece o desenvolvimento da autonomia, ao mesmo tempo em que atende aos objetivos sociais.

Para a Rede Municipal de Educação de Otacílio Costa, a educação está

[...] centrada no processo de aprender a pensar, a resolver situações simples e complexas, conflitantes e desafiadoras para que possa intervir na realidade e, simultaneamente, transformá-la e transformar-se (DACOREGGIO, 2004, p. 9).

Concepção de Currículo

O currículo é um meio pelo qual a escola se organiza, propõe os caminhos e a orientação para a prática. Não podemos pensar numa escola sem pensar em seu currículo e em seus objetivos. Neste sentido, o currículo orienta a prática pedagógica levando em conta os seguintes elementos:

- 1) Informações sobre o que ensinar – definir os conteúdos e objetivos.
- 2) Informações sobre quando ensinar – organizar, ordenar e sequenciar os conteúdos e objetivos.
- 3) Informações sobre como ensinar – estruturar as atividades e estratégias pedagógicas para atingir os objetivos definidos.
- 4) Informações sobre o quê, quando e como avaliar - verificar se os objetivos foram atingidos e introduzir, quando necessário, correções ao processo (Coll, 1987).

Assim, temos a consciência de que o currículo não é apenas um amontoado de conteúdos prontos a ser(em) passados aos alunos. Entendemos o currículo como uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Constitui-se por um conjunto de conhecimentos e de práticas frente às novas dinâmicas e reinterpretadas em nosso contexto histórico (Gomes, 2007).

Concepção de Ensino

O ensino, para Vygotsky, é um processo que deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes (Oliveira, 1995).

Da mesma forma que entendemos o ensino como uma organização pedagógica voltada à construção do conhecimento entre aluno/professor; aluno/aluno, professor/aluno/desafios (Dacoreggio, 2004).

Concepção de Aprendizagem

Seguindo a perspectiva, vygotskyana, entendemos que o educando (sujeito) e o conhecimento (objeto) interagem socialmente. Assim, não há relação direta do sujeito com o

conhecimento, isto é, o conhecimento não existe sozinho, mas está sempre impregnado de algo humano.

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa. O desenvolvimento é pensado como um processo, onde estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem. Assim, o desenvolvimento é um processo que se (da) dá de dentro para fora (Vygotsky, 1987).

A partir deste pensamento, reconhecemos a aprendizagem como um processo social e cultural que acontece no exercício operacional da inteligência, com relacionamentos, comparações, comprovações e tentativas próprias de construção de conhecimentos.

Concepção de Avaliação

A avaliação pode ser compreendida como um sistema normativo (quando impulsiona normas de comportamento); um sistema formativo (quando se situa no centro da ação de formação); e um sistema cumulativo (quando ocorre depois da ação) (Hadji, 2001).

Apoiamo-nos, ainda, em PENNA FIRME (1994 p.8) quando a autora assevera que um processo de avaliação fundamentado num paradigma construtivista:

[...] se situa e desenvolve a partir de preocupações, proposições ou controvérsias em relação ao objeto de avaliação seja ele um programa, projeto, curso ou outro foco de atenção (...) sugere que os resultados de qualquer estudo ou avaliação se explicam pela interação entre observador e observado metodologicamente, (...) rejeita a abordagem de controle manipulativo experimental (...) e o substitui por um processo hermenêutico dialético, o qual aproveita ao máximo, a interação observador/observado para criar construções, o melhor possível, em determinada situação e no tempo apropriado.

Entendemos que é por meio do processo de avaliação que o professor poderá encontrar indicadores para procedimentos didático-pedagógicos que possam atender às necessidades de aprendizagens dos alunos.

Acreditamos que com todas estas concepções delineadas, será mais significativo a toda comunidade escolar, desenvolver uma educação de qualidade, que promova os alunos e que os conduza à autonomia intelectual por meio de uma ação docente mais intencional e menos intuitiva.

1.3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A Secretaria de Educação acredita ser necessário promover uma educação de

qualidade. Para isso requer o envolvimento de todos que fazem a educação com responsabilidade.

Com a propagação de inúmeras descobertas científicas, a história da ciência começou a aproximar sujeito e objeto, crianças e conhecimentos, e estes começaram a ser vistos como elementos mutuamente dinâmicos e interligados. Foram lançadas, então, as bases para uma visão construtiva do conhecimento.

Tentando superar as posições que discriminam as crianças, dificultando-lhes de ter uma escola comprometida com suas aprendizagens, procuramos fundamentar o modo como a criança aprende e se desenvolve em perspectivas teóricas derivadas dos trabalhos de Piaget, Vygotsky, Wallon e Freinet. Esses autores admitem uma recíproca influência entre o indivíduo e o meio, e consideram que os fatores biológicos e sociais estão em constante interação no processo de desenvolvimento e não podem ser separados um do outro.

A criança é um ser ativo que atribui significados ao mundo e a si mesmo através de sua ação, e não é submissa à sua herança genética ou ao meio social. É capaz de manifestar um comportamento inteligente, diferente, sim, do adulto, porém, não inferior. Ela constrói, reconstrói, reflete e se posiciona a partir de sua visão de mundo relacionada à cultura e ao meio social em que está inserida.

Nesta concepção, denominada interacionista, o indivíduo age sobre o meio de acordo com suas capacidades e com determinadas significações que atribui a cada situação. Cada uma das experiências vividas faz com que ele transforme suas capacidades e significações já elaboradas, abrindo-se para novos conhecimentos, modificando sua forma de agir. Na busca desta interação, homem e mundo se constituem por intermédio de linguagens, que permeiam as relações, que estão em nossa cultura (Rego, 2000).

Assim, amplia-se a compreensão sobre desenvolvimento, que não é visto segundo um padrão único, mas como possibilidades para diversas aquisições, permitindo-se discutir diferenças no processo de aprendizagem em função de diversos contextos, incluindo os sociais e culturais.

A vasta e complexa obra de Piaget e seus colaboradores na Escola de Genebra resultam em um pensamento de grande abrangência e profundidade, o que o coloca entre os maiores pensadores de nosso século: Biólogo, filósofo, psicólogo e fundador da Epistemologia Genética.

Piaget preocupou-se com os mecanismos cognitivos internos da espécie (sujeito epistêmico) e dos indivíduos (sujeito psicológico), sempre pontuando que estes mecanismos se desenvolvem na interação dos sujeitos com o ambiente em que vivem.

A perspectiva piagetiana considera que, desde o nascimento, dependendo dos esquemas de ação até então formados, a criança organiza o ambiente, emprestando-lhe significados e percebendo algumas de suas características. Isso abre caminho para a construção de novos esquemas e novos conhecimentos ou sistemas de significações, de modo infinito (Becker, 2002).

No caso de Lev Semnavitch Vygotsky, psicólogo russo que morreu aos trinta e oito anos, foram as contingências históricas que determinaram o olhar sociocultural de sua obra. Para ele, a relação interpessoal é o recurso básico do desenvolvimento. O autor propõe que, na busca da análise do desenvolvimento da criança, leve-se em consideração a diferença que existe, entre o que a criança, a cada situação, é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o nível de desenvolvimento potencial, que pode ser oferecido a partir do que a criança pode fazer e aprender com a ajuda de outras pessoas (adultos ou mesmo outras crianças) mais experientes, conforme vai observando-as, escutando-as, interagindo.

É nesse espaço, entre os níveis, denominado “zona de desenvolvimento proximal”, que a ação educativa deve se realizar. O ensino deve partir do nível de desenvolvimento efetivo da criança, mas não se acomodar a ele. A situação de ensino aprendizagem determina processos evolutivos que não teriam condições de se realizar a não ser por intermédio da criança. Daí resulta serem importantes as interações entre as crianças e seus parceiros mais experientes, os quais organizam e modificam a própria situação e os conhecimentos.

Ao ser auxiliada por um parceiro “mais experiente” na realização de uma tarefa, a criança desenvolve formas mais complexas de agir, de conhecer e intervir no meio, de se realizar e de perceber suas próprias necessidades. Por serem práticas sociais que têm seu significado definido em certo momento histórico, essas formas de agir contribuem para a formação do psiquismo com características culturalmente definidas. Assim, num processo de independência entre os indivíduos, a existência humana é coletivamente produzida, através da apropriação de ideias e valores mediados pelo diálogo (Oliveira, 1997).

Para Wallon, as relações indivíduo-meio transformam-se dinamicamente, já que os elementos existentes como recurso privilegiado para o desenvolvimento podem alterar-se no decorrer da vida.

Wallon formou-se médico e psicólogo na França, país em que nasceu. Dedicou sua vida a estudos, os mais diversos, até que começou a pensar e versar mais sobre temas voltados para a área da Educação: a inteligência, o pensamento, a atenção, a emoção. Seus estudos chegaram a influenciar projetos de reforma de ensino naquela região (La Taille, 1992).

Os autores comentados anteriormente trazem à tona uma questão que julgamos muito importante: a dimensão afetiva do ser. Na medida em que pontuam a importância das relações indivíduo/meio/indivíduo, nos mostram a importância de que a emoção, que envolve estas relações, seja compreendida e trabalhada.

Vygotsky e Wallon consideram que a construção do conhecimento, da linguagem e da subjetividade ocorre com as interações que se estabelecem, desde o nascimento, entre a criança e o meio historicamente construído. O meio é entendido como o conjunto de circunstâncias, situações, práticas sociais e significações ideológicas presentes em uma cultura. Junto com as disposições orgânicas da criança, o indivíduo vai construindo determinadas habilidades e conhecimentos. Com isso, os autores apontam para a construção social do homem, para sua historicidade (La Taille, 1992).

Freinet foi um dos mais importantes educadores da atualidade. Pauta sua pedagogia no envolvimento de todas as crianças no processo de aprendizagem, respeitando seus direitos de crescer em liberdade e em uma escola prazerosa, onde a criança queira estar, onde a afetividade e as emoções sejam legitimadas, onde haja alegria e prazer para descobrir e aprender.

Para Freinet, uma criança que a cada instante cria, imagina e inventa, só pode ser compreendida e orientada por meio de uma pedagogia da construção e do movimento. Assim, ele concebeu o processo ensino-aprendizagem na perspectiva dos que aprendem, participantes da construção do seu conhecimento, valorizando a capacidade individual e coletiva. Segundo ele, “[...] nenhuma, absolutamente nenhuma das grandes aquisições vitais se faz por processos aparentemente científicos. É ao caminhar que a criança aprende a andar; é ao falar que aprende a falar; é ao desenhar que aprende a desenhar” (ELIAS, 1997).

Os conceitos-chave de sua Proposta são dois: o trabalho e a livre expressão. Enfatiza para o processo educativo uma escola viva, feliz, dando verdadeiro significado social ao trabalho. Exercer a livre expressão e a convivência cooperativa significa uma relação onde o aluno torna-se, ao mesmo tempo, participante e responsável.

Acreditando que educar é construir junto, Freinet alicerça sua pedagogia em quatro eixos fundamentais:

- a cooperação: como forma de construção social do conhecimento;
- a comunicação: como forma de integrar esse conhecimento;
- o registro: como forma de resgate da história que se constrói diariamente; e
- a afetividade: como forma de relação entre as pessoas e o objeto do conhecimento.

O autor ainda assevera que: “As crianças têm necessidade de pão: do pão do corpo e do pão do espírito. Mas necessitam, ainda mais, do teu olhar, da tua voz, do teu pensamento e da tua promessa” (FREINET, in ELIAS – Org. – 1997, p. 91).

Paiva (1996), fundamentando-se nestes pressupostos enfatiza que a escola precisa ser ativa e dinâmica. Da mesma forma que aberta para o encontro com a vida, participante e integrada à família e à comunidade contextualizada. A construção do conhecimento nessa escola deve ser significativa e prazerosa, harmoniosa e com uma nova orientação pedagógica e social que promova a organização funcional das atividades.

Pautados nestes teóricos, podemos compreender que a pedagogia deve ser sempre pensada a partir dos conhecimentos dos alunos em suas múltiplas dimensões e das necessidades sociais de aprendizagem que lhe são propostas.

Sintetizamos nossas reflexões com dizeres dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando encontramos que as aprendizagens ocorridas na escola poderão ser significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados. Os PCNs ainda nos sugerem que a aprendizagem significativa depende muito da ousadia diante do problema posto. O aluno precisa elaborar hipóteses e experimentá-las. Neste momento, os processos afetivos, motivacionais e relacionais são fatores importantes. (Brasil, 1997).

1.4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

1.4.1 Prática Metodológica do Trabalho Docente

A Proposta Curricular de Otacílio Costa tem suas concepções claras nas quais as relações com o saber e as relações interpessoais precisam ser, prioritariamente, prazerosas.

Desde 2004 vem sendo oferecido a todos os profissionais: professores, suportes pedagógicos, supervisoras escolares, diretoras e secretárias, curso de formação, cuja temática tem como princípio a teoria histórico-cultural e a teoria da atividade como princípio metodológico. No que se refere à formação teórica na perspectiva histórico-cultural, todos os profissionais da educação já trazem em sua formação um bom embasamento, tendo em vista, que as instituições formadoras das quais estes advêm, desenvolvem estudos efetivos dos princípios que norteiam esta concepção.

Todos os professores são amplamente orientados pelo Departamento de Ensino, suportes pedagógicos e supervisão escolar, na elaboração de seus planejamentos.

O princípio que rege a Proposta, considera relevante a elaboração do planejamento de maneira contextualizada, de forma a considerar as especificidades de cada educando e a realidade sócio-cultural-econômica política-espiritual e familiar se faça presente nas atividades de aprendizagem propostas pelo professor, tendo em mente que a problematização deve ser a mola propulsora para a aprendizagem, devendo, portanto, estimular o aluno no processo de desenvolvimento das atividades de aprendizagem.

Outra situação relevante a ser considerada nos planejamentos diz respeito aos alunos com necessidades educacionais especiais inclusos na rede regular de ensino. Turmas com alunos especiais contam com um professor auxiliar, sendo que o planejamento das atividades é realizado, pelos dois professores, respeitadas as especificidades, necessidades e as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem destes alunos.

Cada professor possui sua matriz com o mapa conceitual da disciplina ou série/ano na qual atua, os quais devem ser elencados no planejamento, seguindo suas intensidades quanto à elevação na complexidade em cada série/ano ou conteúdo explorado.

Aos professores cabe o registro no diário permanente das avaliações feitas e suas respectivas recuperações paralelas, de forma que, no final de cada ano, cada um dos alunos tenha devidamente delimitado quais conceitos não alcançaram, garantindo-se desta forma avaliações finais apenas dos conceitos não elaborados.

Construção coletiva, flexível, contextualizada e de forma interdisciplinar das atividades de aprendizagem são princípios dos quais a Proposta não abre mão, sendo portanto, inviável e inadmissível a execução pura e simples de atividades prontas e sem significado. Toda e qualquer atividade deve ter como princípio: necessidade – motivo – finalidade.

É importante que a prática pedagógica tenha como uma de suas finalidades trabalhar a partir da motivação do aluno, fazendo com que ele desenvolva o gosto da descoberta e da alegria de estar inserido no processo educativo.

Considerando que o ser humano é um ser aprendente, cabe às escolas da Rede Municipal de Ensino a responsabilidade social de desenvolver estratégias didático-metodológicas visando à aprendizagem.

Como já salientamos anteriormente, consideramos os postulados de Piaget, Wallon, Freinet e Vigotsky para fundamentar a prática pedagógica no município de Otacílio Costa.

A prática pedagógica está voltada à prática de um currículo ressignificado, priorizando a relação teoria-prática, a partir de ações intencionais e não intuitivas.

Do pensamento de Vigotsky, buscamos a ideia central de que a aprendizagem acontece a partir das relações interpessoais. Para Vigotsky o desenvolvimento psicológico

exige a apropriação e a internalização de instrumentos e signos em um contexto de relação e de interação interpessoal.

Assim, a relação compreensiva entre professores e alunos e entre os alunos é indispensável no processo educativo.

O professor embasado teoricamente, será capaz de criar situações que desafiem os alunos a aprender, construindo seus conceitos. Caberá ao professor transformar a sala de aula num meio educacional propício para as reflexões e para as descobertas.

É com este pensamento que apresentamos os seguintes pressupostos metodológicos:

- a) A ciência não se configura em verdade pronta e acabada.
- b) A verdade a ser adquirida deve ser reconstruída pelo aluno e não simplesmente transmitida.
- c) A experimentação, a pesquisa e reflexão são fundamentos para a reconstrução e construção de conceitos.
- d) A linguagem é fator fundamental no processo ensino-aprendizagem.
- e) O aspecto interdisciplinar deve ser privilegiado nos processos de reinvenção ou invenção.
- f) Os trabalhos cooperativos em equipe devem ser prestigiados, assim como os trabalhos individuais devem visar à autonomia intelectual.
- g) As ações pedagógicas devem ser elaboradas de modo a promover oportunidades para o aluno aprender a aprender.

Para que o objeto de conhecimento proposto pelo professor torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o professor ajude o aluno a se mobilizar, dirigindo sua atenção, seu sentir, seu pensar e seu fazer sobre o objeto a ser conhecido e aprendido. Foi pensando neste “fazer” que procuramos na Teoria da Atividade como Proposta de ação e didática metodológica, como abordaremos a seguir.

1.4.2 As contribuições da Teoria da Atividade vygotskyana para a prática pedagógica

Ao lermos a Proposta Curricular de Santa Catarina encontramos a Teoria da Atividade como Proposta de ação e didática metodológica, onde vale ressaltar o caráter atribuído às atividades.

A Teoria da Atividade possui origem na filosofia sócio-cultural soviética fundada por Lev Vygotsky e seus colaboradores como Alexei Leontiev e Alexander Romanovich Luria.

Segundo os autores a construção do conhecimento é universal (humanidade) e pessoal (indivíduo).

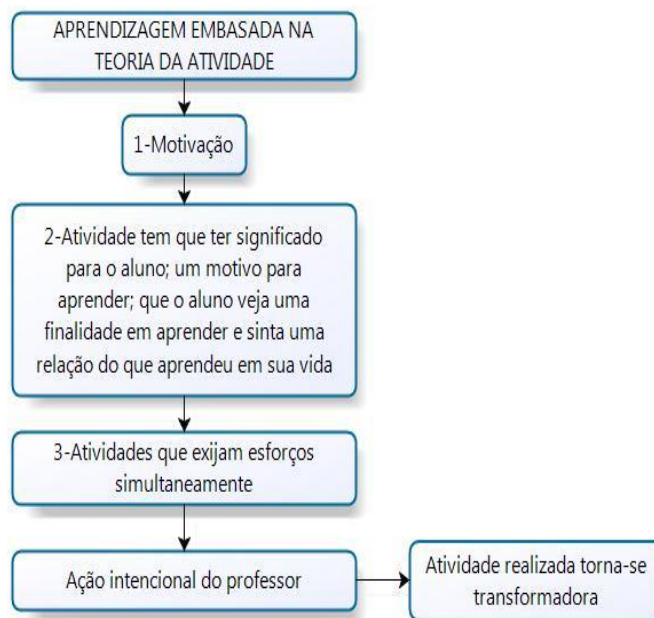
Libâneo (2004) ao citar Leontiev diz que este pensador define como atividade:

[...] aqueles processos que, realizando as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial correspondente a ele. [...] os processos psicologicamente caracterizados por aquilo que o processo, como um todo, se dirige (i.e., objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar essa atividade, isto é, o motivo”. (LEONTIEV 1988, p. 68, in LIBÂNEO, 2004, s/p).

Seguindo esta linha de pensamento a atividade não é qualquer ação. A atividade de aprendizagem acontece por meio de um conjunto de ações e operações, direcionadas por um motivo para atingir determinada finalidade (Hentz, 1999).

Vejamos o esquema a seguir:

A aprendizagem na Teoria da Atividade



Fonte: Elaboração do grupo de estudo da SME de Otacílio Costa.

Entendemos, assim, que a atividade decorrente da psicologia vygotskyana não é qualquer ação. É um conjunto de ações que tem uma finalidade, uma motivação e uma profunda vinculação com a vida da criança e do adolescente, consistindo em qualquer momento da rotina.

Libâneo (2004, s/p) ao escrever sobre a Teoria da Atividade aborda que:

A atividade, tanto externa como interna, tem uma estrutura psicológica, cujos componentes são: necessidades, motivos, finalidades, condições de realização da finalidade. Ao curso psicológico da atividade corresponde a realização de diversas ações, cada ação composta por uma série de operações em correspondência com as condições peculiares da tarefa[...].

Em seu texto, o autor ainda enfatiza que “[...] a atividade surge de necessidades, que impulsionam motivos orientados para um objeto” (LIBÂNEO, 2004, s/p).

Neste contexto, a necessidade (o motivo) leva ao contato com o objeto (o que precisa aprender) que, por sua vez, resulta na satisfação de realização do que procurava (resolução do problema). É um ciclo que implica em termos as atividades de acordo com os objetivos de aprendizagem e com os motivos das crianças (suas necessidades e seus interesses).

Não podemos deixar de citar mais uma vez Libâneo (2004, s/p) quando ele nos provoca escrevendo que:

Conforme explica Leontiev, a atividade de ler o livro somente para passar no exame, não é atividade, é uma ação, porque ler o livro por ler não é um objetivo forte que estimula a ação. A atividade é a leitura do livro por si mesmo, por causa do seu conteúdo, ou seja, quando o motivo da atividade passa para o objeto da ação, a ação transforma-se numa atividade. É isso que pode provocar mudanças na atividade principal.

Estes pensamentos nos conduzem a perceber a importância da intencionalidade da ação docente e pedagógica e no planejamento desta ação. A este respeito trataremos alguns pontos a seguir.

1.4.3 Organização da Execução do Planejamento

O planejamento tem papel fundamental na adaptação da ação educativa, propondo ao professor a reflexão quanto ao respeito e atenção à diversidade, adaptando ao atendimento das necessidades dos educandos.

No entendimento de Libâneo (1992), a experiência do professor também contribui para a ação de planejar. O autor assevera que:

[...] a ação docente vai ganhando eficácia na medida em que o professor vai acumulando e enriquecendo experiências ao lidar com as situações concretas de ensino. Isso significa que, para planejar, o professor se serve, de um lado, dos conhecimentos do processo didático e das metodologias específicas das matérias e, de outro, da sua própria experiência prática (LIBÂNEO, 1992, p. 225).

Assim, entendemos que o planejamento é, portanto, um processo de reflexão crítica a respeito das ações e opções dos envolvidos. A ideia de planejar, precisa estar sempre presente e fazer parte de todas as atividades escolares, caso contrário, a função da escola de propiciar a construção do conhecimento a todos não será alcançada (Signoreli, 2010).

Em uma perspectiva sociointeracionista de educação, o foco da ação docente encontra-se na aprendizagem do aluno. Isto significa dizer, que o professor deve compreender

o planejamento de ensino como o momento de reflexão e de preparação para a elaboração de seu plano.

1.4.3.1 Anos Iniciais do Ensino Fundamental

As orientações de planejamento para os anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentadas na Proposta Curricular desta fase educacional, sugerem aos professores que, os Conceitos e Conteúdos trabalhados durante o ano letivo, sejam desenvolvidos através de Atividades de Aprendizagens e Projetos bem elaborados de forma interdisciplinar, levando em consideração cada componente curricular e suas respectivas intensidades para o ano escolar em questão.

Nesta fase de ensino, o planejamento segue as seguintes orientações:

Os professores organizados por ano/séries: todos os professores deverão organizar-se em grupos por ano/série, assim, todos os professores dos primeiros anos deverão planejar juntos, valendo a mesma regra para os demais anos/ séries.

1.4.3.2 Anos Finais do Ensino Fundamental

As orientações de planejamento para os anos finais, assim como nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentadas na Proposta Curricular desta fase educacional, sugerem aos professores que, os Conceitos e Conteúdos apresentados ao longo do ano junto às crianças e adolescentes sejam trabalhados através de Atividades de Aprendizagens e Projetos de forma interdisciplinar, levando em consideração cada área do conhecimento conforme intensidade para o ano escolar em questão.

Nesta fase de ensino, o planejamento segue as seguintes orientações:

Professores organizados por áreas do conhecimento, assim todos os professores de matemática deverão planejar em conjunto, valendo a mesma regra para as demais áreas.

1.4.3.3 Interdisciplinaridade Escolar como Prática Metodológica

Anunciar a opção pedagógica por um currículo organizado em disciplinas que devem dialogar numa perspectiva interdisciplinar requer que explicitemos qual concepção de interdisciplinaridade e de contextualização o fundamenta, pois, esses conceitos transitam pelas diferentes matrizes curriculares, das conservadoras às críticas, há muitas décadas.

Nestas diretrizes, as disciplinas escolares, são entendidas como campos do conhecimento e se identificam pelos respectivos conteúdos estruturantes e por seus quadros

teóricos conceituais. Considerando esse constructo teórico, as disciplinas são o pressuposto para a interdisciplinaridade.

A partir das disciplinas, as relações interdisciplinares se estabelecem quando:

- conceitos, teorias ou práticas de uma disciplina são chamados à discussão e auxiliam a compreensão de um recorte de conteúdo qualquer de outra disciplina;
- ao tratar do objeto de estudo de uma disciplina, buscam-se nos quadros conceituais de outras disciplinas referenciais teóricos que possibilitem uma abordagem mais abrangente desse objeto.

Estabelecer relações interdisciplinares não é uma tarefa que se reduz a uma readequação metodológica curricular, como foi entendido, no passado, pela pedagogia dos projetos.

A interdisciplinaridade é uma questão epistemológica e está na abordagem teórica e conceitual dada ao conteúdo em estudo, concretizando-se na articulação das disciplinas cujos conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão desse conteúdo.

Segundo os PCNs,

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p. 88-89).

No ensino dos conteúdos escolares, as relações interdisciplinares evidenciam, por um lado, as limitações e as insuficiências das disciplinas em suas abordagens isoladas e individuais e, por outro, as especificidades próprias de cada disciplina para a compreensão de um objeto qualquer. Desse modo, explicita-se que, as disciplinas escolares não são herméticas, fechadas em si, mas, a partir de suas especialidades, chamam umas às outras e, em conjunto, ampliam a abordagem dos conteúdos, de modo que busquemos, cada vez mais a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento.

Segundo Gadotti (2000) em termos metodológicos, a prática pedagógica interdisciplinar implica em:

- a) integração de conteúdos;
- b) passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento;
- c) superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências;
- d) ensino-aprendizagem centrado numa visão que aprendemos ao longo de toda a vida (educação permanente). (GADOTTI, 2000, p. 222).

Frequentemente a interdisciplinaridade tem sido confundida com essa ideia de integração. Mas a integração entre os conteúdos de diferentes disciplinas não acontece do exterior para o interior. Antes de tudo, constitui-se como um processo interno, relativamente ao sujeito que aprende. É um processo construtivo, em que o sujeito cognoscente apropria-se dos objetos de conhecimento de modo a perceber as interconexões entre os mesmos, tornando-se assim, capaz de vislumbrar, de compreender a realidade, numa perspectiva de totalidade. Portanto, a relação entre interdisciplinaridade e integração é complementar, mas não significam jamais a mesma coisa.

A interdisciplinaridade não é uma categoria de conhecimento, mas, de ação e de postura. Não significa, tampouco, a integração de conteúdos, mas, a inter-relação entre as disciplinas, em se considerando seus objetivos e metodologias próprias.

Uma ação pedagógica interdisciplinar requer, antes de tudo, uma atitude interdisciplinar. E, no limite, interdisciplinaridade faz-se, antes, entre os indivíduos para, só depois, concretizar-se na inter-relação entre as disciplinas.

A prática interdisciplinar busca a resignificação da ideia de disciplina. Essa nova abordagem é possibilitada ao submetê-la a uma ação que passa a ser o ponto de convergência e de partida entre o fazer e o pensar; de compreender a interdisciplinaridade como uma categoria de ação, em que o agir implica ter uma intenção e assumir uma atitude e postura no fazer pedagógico (Fazenda, 1994).

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**: o cotidiano da escola. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. MEC/FNDE. **Orientações para inclusão de crianças de seis anos de idade no ensino fundamental**. Brasília: Estação Gráfica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

DACOREGGIO, M. dos S. **Ação docente**: uma ação comunicativa – um olhar para o ensino superior presencial e a distância. Blumenau: Cromograf, 2001.

DACOREGGIO, M. dos S.; MÜLLER, I. R. F.. **A articulação entre os elementos didáticos nos planos de ensino da disciplina de TGA**: mapeando o processo educativo. XV ENANGRAD - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. Florianópolis. 2004.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet**: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis, Vozes, 1997.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

HENTZ, Paulo. **Dos diferentes significados do termo atividade**. Tempo de Aprender; subsídios para classes de aprendizagem nível 3 e para todas as escolas de Florianópolis. Florianópolis: DIEF/ SED, 1999.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEAO, J. C.. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIBANEAO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender**: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. Revista Brasileira de Educação [online]. 2004, n.27, pp. 5-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf> - Acessado em 12-04-2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky** – aprendizado e desenvolvimento. São Paulo: Scipione, 1995.

PENNA FIRME, Tereza. **Avaliação**: tendências e tendenciosidades. Ensaio, Rio de Janeiro, v.1, n.2, jan./mar., 1994.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2000.

REVISTA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 10-09-2010.

SIGNORELI, Vinicius. **A Interdisciplinaridade na escola.** Edição: Equipe EducaRede. Disponível em: <http://www.slideshare.net/lizmendes191182/as-formas-de-planejar-do-professor>. Acesso em: 01-11-2010.

VYGOTSKY, L. S.. **Manuscrito de 1929.** Educação e Sociedade. Campinas, Cedes n. 71, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovick. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luiz Silveira Nenna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CAPITULO II – ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR

Ao se pensar a construção de um currículo para Educação Básica, é necessário pensá-lo na sua totalidade, ou seja, ele deverá refletir um projeto de educação que “[...] agrupe as diversas facetas da cultura, do desenvolvimento pessoal e social, das necessidades vitais dos indivíduos, para seu desempenho em sociedade e as habilidades consideradas fundamentais” (SACRISTÁN, 2.000, p. 55).

Se o currículo for compreendido a partir desse entendimento, os conteúdos não podem se restringir aos clássicos componentes que derivam das disciplinas. O currículo, no início da escolarização, deve ser pensado de maneira totalizadora, pois se trata de um projeto educativo amplo, que refletirá todos os objetivos pretendidos na escolarização, em função das modificações que a escola, como instituição educativa, vem sofrendo nesse processo de reconstrução da própria sociedade.

Significa, também, falar na constituição da identidade que se constrói no exercício da compreensão sobre sentimentos, nas variadas formas de expressão de ideias, na interação com o grupo, na internalização de regras e valores do âmbito das relações sociais e na prática do diálogo entre os diferentes.

Vale ressaltar que é na relação entre o eu e o outro, mediatizados pela cultura, que se institui a identidade dos sujeitos. Sob essa perspectiva, é importante que se aprofundem estudos centrados no princípio da alteridade.

2.1 A organização do currículo para a Educação Básica.

A Resolução CNE/CEB Nº 04/2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, nos traz princípios para a organização do currículo para a Educação Básica. São eles:

Art. 6º Os sistemas de ensino e as escolas adotarão como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, os seguintes princípios:

I – Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

II – Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de

direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

III – Estéticos: do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias.

Art. 7º De acordo com esses princípios, e em conformidade com os art. 22 e 32 da Lei nº 9.394/96 (LDB): as propostas curriculares do Ensino Fundamental visarão desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, mediante os objetivos previstos para esta etapa da escolarização, a saber:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, das artes, da tecnologia e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – a aquisição de conhecimentos, habilidades e a formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Esta Resolução orienta todas as possibilidades curriculares que a Educação Nacional deve atender. Trata-se de um documento de domínio público e, por isso, não nos cabe neste momento, fazer uma cópia fiel de todo o documento.

2.1.2 A organização do currículo de acordo com o Sistema Municipal de ensino

A Lei Complementar 134/2011 que cria e organiza o Sistema Municipal de ensino traz princípios para a organização do currículo para a Educação Básica no município de Otacílio Costa. São eles:

Art. 3º A educação escolar, no Município de Otacílio Costa, obedece aos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso, permanência e sucesso na instituição educacional;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

V - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VI - gestão democrática do ensino público na forma da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e desta Lei;

VII - valorização do profissional da educação;

VIII – promoção de propostas pedagógicas que transcendam o espaço físico da instituição educacional e estabeleçam um intercâmbio com as demais instituições da sociedade e as práticas sociais;

IX - promoção da interação da escola com a comunidade e movimentos sociais, da justiça social, da igualdade e da solidariedade;

X - garantia de padrão de qualidade;

XI - respeito à liberdade, aos valores e capacidades individuais, apreço à tolerância, estímulo e propagação dos valores coletivos e comunitários e respeito ao patrimônio público;

XII - valorização da experiência extraescolar.

2.1.3 O objetivo do ensino fundamental de acordo com a LDB

O Ensino Fundamental de Nove Anos nas Escolas Municipais surgiu em cumprimento da Lei 11.274 de fevereiro de 2006 que veio oportunizar as crianças de seis anos ao ingresso gratuito e obrigatório no Ensino Fundamental.

O Art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases - LDB determina para o Ensino Fundamental, com duração mínima de “oito anos” - alterada para nove anos de acordo com a Lei 11.274/06, com a seguinte redação: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante [...]” o que apresentamos abaixo:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

2.1.4 Objetivo Geral do Ensino para Rede Municipal

A Rede Municipal de Ensino segue o objetivo geral do Sistema Municipal de Ensino que é assegurar uma educação de qualidade que promova o desenvolvimento do educando nos aspectos bio-psico-social, com vistas a instrumentalizá-los para o efetivo exercício da cidadania e para um convívio social harmônico.

2.1.5 Função Social da Escola

Os modelos atuais de educação exigem dos profissionais da educação uma nova postura diante das desigualdades sociais.

A contemporaneidade com o seu modo de vida exige dos indivíduos uma constante reestruturação de suas capacidades pessoais e, principalmente, profissionais.

A globalização, a competitividade, o tecnicismo, entre outros fatores, nos faz refletir sobre a necessidade de criarmos mecanismos que efetivamente contribuam para a construção de uma sociedade mais humana de educar.

Assim, não podemos deixar de reconhecer que a escola, de acordo com suas possibilidades, promova uma humanidade menos desumana.

Cabe-nos aproximar as relações conhecimento/escola/comunidade, numa tentativa de ajudarmos a reestruturar as relações e fazer com que os pais se interessem mais pelo futuro de

seus filhos. Da mesma forma que podemos oferecer oportunidades de acesso à cultura, à tecnologia, à informação. Também oportunizar a reflexão de questões relativas ao respeito ao próximo, suas culturas, etnias e orientação sexual, à preservação do meio ambiente, ao desenvolvimento sustentável, entre outros temas.

A função social da escola passa, também, em oportunizar as gerações mais jovens a apropriação e elaboração dos conceitos científicos, como meio de exercício e cidadania.

Para melhor demonstrarmos nosso pensamento a respeito da função social da escola, sistematizamos na seguinte figura:

Síntese da Função Social da Escola



Fonte: Adaptação da PC de SC.

Em outra análise que fizemos no documento final da Conferência Nacional de Educação (MEC, 2010), encontramos que:

Como função social, cabe reconhecer o papel estratégico das instituições da educação básica [...] na construção de uma nova ética, centrada na vida, no mundo do trabalho, na solidariedade e numa cultura da paz, superando as práticas opressoras, de modo a incluir, efetivamente, os grupos historicamente excluídos: negros, quilombolas, pessoas com deficiência, povos indígenas, trabalhadores do campo, mulheres, LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), entre outros.

Assim, a função social de nossas escolas passa pela organização dos processos de aprendizagem dos alunos, para que eles se desenvolvam plenamente e para que possam contribuir para uma sociedade melhor. Neste sentido, concebemos como função social da escola, entre tantas, contribuir para minimizar as desigualdades sociais.

2.1.6 A participação da família na escola

A família é instituição social e, mesmo com todos os conflitos que enfrenta, é a única instituição que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal (PRADO, 1981).

É na família que o ser humano tem suas primeiras experiências educativas e sociais. É a partir dela que as crianças constroem suas histórias aprendendo a se relacionar com os outros. Aprendem mitos, crenças e valores que formam seus perfis como pessoas.

Segundo PRADO (1981, p. 13): “A família influencia positivamente quando transmite afetividade, apoio e solidariedade e negativamente quando impõe normas através de leis, dos usos e dos costumes”.

A participação da família torna-se fator fundamental no processo educativo da criança, quando há satisfação das necessidades emocionais e sociais delas. SZYMANSKI (2001, p. 53) diz que: “Uma instituição não substitui uma família, mas, com atendimento adequado, pode dar condições para a criança e o adolescente desenvolverem uma vida saudável no futuro”.

A escola, por sua vez, como instituição de educação formal, recebe as crianças com suas histórias já iniciadas e passa a fazer parte destas também. É neste sentido que consideramos que a escola e família são de suma importância para a construção de uma aprendizagem significativa.

Na Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa, esta parceria acontece por meio, também, de um projeto intitulado: Interação Família Escola. Este projeto tem como objetivo geral: visitar as famílias dos educandos da Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa, para formar uma parceria entre família e escola. Aproximar a comunidade do convívio escolar, numa tentativa de diálogo permanente com a família, desenvolvendo um maior interesse dos

pais pelo futuro de seu filho, valorizando sua participação, acompanhamento e presença nas atividades escolares.

A escola espera a participação efetiva dos pais no acompanhamento de seus filhos. No entanto, entendemos que seja dever da escola informar a família o processo educacional e procurar tê-la como parceira nas tomadas de decisão e conscientização de todo processo educacional.

Sabemos que não é tarefa fácil envolver os pais nas ações da escola, porém, temos consciência que devemos buscar mecanismos para trazê-los à escola.

2.1.7 Que alunos, queremos formar?

Para Vygotsky (1987), o sujeito não é apenas ativo, mas interativo. O aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento. Assim, a formação que a Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa almeja é de um aluno:

- a) Consciente: que tenha a consciência de seus direitos e deveres e que ao tomar atitudes responda por suas responsabilidades, respeite a opinião dos outros, interaja e trabalhe com o grupo.
- b) Crítico: que compreenda primeiro e interprete depois para tomar posições definidas a respeito de fatos; que seja capaz de compreender e viver o mundo contemporâneo.
- c) Solidário: que seja sensível aos problemas dos outros; que busque o bem comum, compreendendo a dimensão humana; capaz de compartilhar e buscar a paz.
- d) Criativo: que seja capaz de inovar e de fazer leituras por diversas linguagens e expressões, reorganizando ideias e dando sentido às ações realizadas.
- e) Autônomo: capaz de conquistar sua liberdade, compreendendo o significado profundo dela; que desenvolva atividades independentes de cobrança; que reconheça a importância do aprender e que trabalhe em grupo.

2.1.8 Que profissionais de educação, queremos?

Seguindo nossa perspectiva epistemológica e teórica, e nos apoiando em Vygotsky (1987), entendemos que numa Proposta sociointeracionista de educação, seja possível construir relações válidas e importantes em sala de aula. Assim, especificamente, do professor, a Secretaria de Educação de Otacílio Costa espera que os profissionais da educação:

- a) Reconheçam que o aluno é alguém com quem o professor pode e deve contar.
- b) Resgatem a sua autoestima e capacidade de aprender.
- c) Entendam que valores e desejos estão sempre permeando as relações entre as pessoas.
- d) Ensinem, instruem, expliquem, informem, questionem e corrijam o aluno, fazendo-o explicitar seus conceitos espontâneos.
- e) Reconheçam que a ajuda do adulto permite à criança resolver mais cedo os problemas complexos que não poderia enfrentar se fosse deixada à mercê da vida cotidiana.
- f) Utilizem a mediação para atuar na zona de desenvolvimento proximal, por meio dos “porquês” e dos “como”.
- g) Façam uso não somente de meios concretos, visuais e reais, mas, que utilizem recursos que se reportem ao pensamento abstrato, ajudando a criança a superar suas capacidades.
- h) Contribuam para aproximar os alunos, defendendo a existência de uma íntima relação entre desenvolvimento e aprendizagem.
- i) Sejam profissionais ativos, participativos, atualizados e conscientes de seus papéis.
- j) Sejam não só professores, mas, junto aos demais profissionais da escola e com os pais, mediem a relação com o mundo cheio de informações tecnológicas e que exige da escola e da família uma tomada de consciência na mudança de comportamento perante a sociedade acompanhando assim as transformações do mundo novo.

Entendemos, ainda, que convivendo socialmente, as experiências significativas desenvolvidas na escola seja condição qualitativa no processo educacional.

Concordamos com GADOTTI (2003) que ser professor hoje é:

[...] viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros "amantes da sabedoria", os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam juntos: um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, 2003, p. 34) - grifos do autor.

Assim, nos cabe complementar que os professores e profissionais da educação que queremos são aqueles capazes de se comprometer com a educação de nosso município, demonstrando competência em todas as ações didáticas e pedagógicas.

2.1.9 Diretrizes Curriculares

As Diretrizes do Ensino Fundamental de Otacílio Costa possui três eixos organizativos: a educação como direito, a educação como instrumento de desenvolvimento econômico e social e a educação como fator de inclusão social.

2.1.10 Objetivos da Diretriz

- elevar globalmente o nível de escolaridade da população;
- melhorar a qualidade de ensino em todos os níveis;
- garantir o acesso, a permanência e o sucesso do aluno;
- democratizar a gestão do ensino público.

A partir dos objetivos a que se propõe, foram priorizadas as seguintes ações:

- garantia de Ensino Fundamental obrigatório de 9 anos a todas as crianças de 6 a 14 anos, assegurando o seu acesso, permanência e sucesso na escola;
- garantia de Ensino Fundamental a todos que não tiveram acesso na idade própria ou não o concluíram;
- ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino;
- valorização dos profissionais da educação;
- desenvolvimento de sistema de informação e de avaliação em todos os níveis e modalidades de ensino.

2.1.11 Características e abrangência do Ensino Fundamental

A duração obrigatória do Ensino Fundamental foi ampliada de oito para nove anos pelo Projeto de Lei nº 3.675/04, passando a abranger a Classe de Alfabetização a fase anterior à 1ª série, com matrícula obrigatória aos seis anos. Até então, não fazia parte do ciclo obrigatório (a alfabetização na rede pública e em parte da rede particular era realizada normalmente na 1ª série).

Lei posterior 11.114/05 ainda deu prazo até 2010 para Estados e Municípios se adaptarem. Na Rede Municipal de Otacílio Costa desde o ano de 2007, trabalhamos com as duas matrizes que gradativamente até 2013 se excluirá a matriz de oito séries.

Assim, hoje o município conta com a seguinte organização curricular por séries e por anos:

Organização curricular por séries e por anos

Ensino Fundamental de 8 anos	Idade	Ensino Fundamental de 9 anos
Alfabetização	5 a 6	1º ano
1ª série	6 a 7	2º ano
2ª série	7 a 8	3º ano
3ª série	8 a 9	4º ano
4ª série	9 a 10	5º ano
5ª série	10 a 11	6º ano
6ª série	11 a 12	7º ano
7ª série	12 a 13	8º ano
8ª série	13 a 14	9º ano

Entendemos que a escola deve preparar a comunidade escolar para a convivência das duas matrizes Curriculares, uma do Ensino Fundamental de oito anos para os alunos que ingressam até 2006 e outra para as crianças que ingressaram em 2007 no Ensino Fundamental de nove anos.

O Ensino Fundamental, que abrange do 1º ao 9º ano, tem como Proposta uma educação que contemple o desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo, social, ético, estético e espiritual, tendo em vista, uma formação ampla.

Faz parte dessa longa etapa a construção de valores e atitudes que norteiam as relações interpessoais e intermedeiam o contato do aluno com o objeto de conhecimento. É imprescindível, nesse processo que valoriza o aprender contínuo e a troca constante entre aluno-aluno e aluno-professor, uma postura de trabalho que considera a cooperação, o respeito mútuo, a tomada de consciência, a persistência, o empenho e a prontidão para superar desafios.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determina que o Ensino Fundamental seja prioridade no atendimento escolar, justificando o seu caráter obrigatório e gratuito, inclusive para as pessoas que não tiveram acesso à escolarização em idade própria e constitui-se, portanto, em um direito público subjetivo. Público na medida em que a sua oferta não se restringe ao interesse do indivíduo, mas de toda a sociedade; e subjetivo porque todo cidadão individual ou coletivamente tem direito de exigir do Estado a sua oferta.

Atualmente, o Ensino Fundamental regular abrange do 1º ao 9º ano, organizados em dois segmentos – 5 anos iniciais e 4 anos finais, atendendo as crianças e jovens na faixa etária em torno de 6 a 14 anos. Pela lei nº 11.274, de 06/02/2006 e Deliberação 001| 2007 do CME do Sistema de Ensino Municipal.

Assim, cada escola ao ter como referência as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental, na elaboração de seus Projetos Políticos Pedagógicos, tem o compromisso de explicitar de que forma organizou suas ações pedagógicas para corresponder às necessidades de aprendizagem dos seus alunos. É imprescindível levar em consideração o perfil dos alunos atendidos, a faixa etária, os anos em que encontram maiores dificuldades de se adaptarem à escola e de se apropriarem dos conteúdos, além de suas condições sócio-econômicas, culturais e religiosas. Somente a partir desse diagnóstico e, reconhecendo as especificidades de cada um dos componentes curriculares e suas contribuições para o processo de escolarização dos alunos, é que o coletivo da escola terá elementos para decidir os encaminhamentos necessários à oferta do Ensino Fundamental. Nesse propósito, a competência técnica e pedagógica individual dos professores precisa estar cotidianamente a serviço do coletivo da escola cujo desafio é o zelo pela aprendizagem de todos os seus alunos, independente das condições sociais, econômicas e culturais.

Estas diretrizes nos orientam e nos permitem pensar a organização do currículo da Rede Municipal de Educação de forma que atenda aos parâmetros legais.

2.1.12 Sobre a Matriz Curricular

O currículo do Ensino Fundamental de 9 Anos da Rede Municipal de Ensino obedecerá à base comum nacional vigente e legitimado pelo Sistema Municipal de Educação que norteiam com as diretrizes explícitas na RESOLUÇÃO Nº 003/10. Este documento estabelece a Matriz Curricular para as Unidades de Ensino pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino de Otacílio Costa, quando é definido que:

Art. 1º - As escolas e centros de educação infantil, pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino, a partir de 2011, seguirão a seguinte matriz curricular:
Número Mínimo de dias de efetivo trabalho escolar: 200 dias
Número Mínimo de Semanas letivas: 40
Número de dias semanais de efetivo trabalho: 05
Duração hora/aula: 45 minutos – 5 aulas diárias (4 horas)
Carga Horária anual para os alunos: 800 h
Matriz de Nove Anos
Curso – 300 /Matriz / 1180 – (Anos Iniciais)
Curso- 301/ Matriz -1181 – (Anos Finais)

A partir desta Resolução, definimos a seguinte Matriz Curricular:

Matriz Curricular da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

	Disciplinas	EDUCAÇÃO INFANTIL		ANOS INICIAIS					ANOS FINAIS				
		(Aulas semanais)	Pré I	Pré II	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
BASE COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	X	X	4	4	4	4	
	Matemática	X	X	X	X	X	X	X	4	4	4	4	
	Ciências	X	X	X	X	X	X	X	3	3	3	3	
	História	X	X	X	X	X	X	X	3	3	3	3	
	Geografia	X	X	X	X	X	X	X	3	3	3	3	
	Educação Física	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
	Arte	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	X	X	1	1	1	1	
	PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira	X	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2
	TOTAL SEMANAL		20	20	20	20	20	20	20	25	25	25	25

A mesma Resolução apresenta, ainda, no Art. 3º: A matriz de oito séries irá manter-se se extinguindo gradativamente até 2013.

Assim, a respectiva Matriz fica assim estabelecida.

Matriz Curricular– Curso 151 – Matriz/990 de Oito Anos (5ª a 8ª séries finais)

	Disciplinas	SÉRIES INICIAIS				SÉRIES FINAIS				
		1ª E X T.	2ª E X T.	3ª E X T.	4ª E X T.	5ª E X T.	6ª	7ª	8ª	
BASE COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	4	4	4	
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	
	História	X	X	X	X	X	3	3	3	
	Geografia	X	X	X	X	X	3	3	3	
	Educação Física	X	X	X	X	X	3	3	3	
	Arte	X	X	X	X	X	2	2	2	
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	
	PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira	X	X	X	X	X	2	2	2
	TOTAL SEMANAL		X	X	X	X	X	25	25	25

A partir desta realidade, lembramos que os conteúdos devem ter uma abordagem diferenciada para as crianças de seis anos de idade, considerando e respeitando a etapa de sua infância e singularidade.

2.1.13 Organização dos Conteúdos Curriculares

A organização dos conteúdos curriculares além de estar baseada nas diretrizes citadas anteriormente, se constitui por disciplinas referentes às áreas de conhecimentos a partir das diretrizes dos documentos publicados pelo Ministério da Educação: Orientação para Inclusão das crianças de seis anos; Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN; Proposta Curricular de Santa Catarina; Diretriz 3 do Estado de Santa Catarina e Indagações sobre o Currículo.

Não podemos desconsiderar os temas transversais dos PCNs, quando definirmos os conteúdos nas disciplinas. A respeito deles trataremos a seguir.

2.1.14 Temas Transversais

Os temas transversais são constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e compreendem as seguintes áreas:

- Ética (respeito mútuo, justiça, diálogo, solidariedade); Orientação Sexual (corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis);
- Meio Ambiente (os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental); Saúde (autocuidado, vida coletiva);
- Pluralidade Cultural (pluralidade cultural e a vida das crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o ser humano como agente social e produtor de cultura e cidadania);
- Trabalho e Consumo (relações de trabalho);
- Meios de Comunicação de Massas, (publicidade e vendas);
- Direitos Humanos e
- Cidadania.

Os temas transversais expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedecem a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea. A ética, o meio ambiente, a saúde, o trabalho e o consumo, a orientação sexual e a pluralidade cultural não são disciplinas autônomas, mas temas que permeiam todas as áreas do

conhecimento, e estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano.

Os temas transversais atuam como eixo unificador, em torno do qual se organizam as disciplinas, devendo ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas. O que importa é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem.

O papel da escola ao trabalhar temas transversais é facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado, através da interdisciplinaridade e transversalidade, buscando não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, para que a Educação realmente constitua o meio de transformação social (Brasil, 1998).

Outro ponto a ser considerado na definição dos conteúdos são questões pertinentes às crianças com necessidades educacionais especiais. Assim, torna-se importante apresentar algumas reflexões a respeito da Educação Especial.

2.1.15 Educação Especial

Falar em Educação Especial implica em reconhecer ações de inclusão e de escola inclusiva e pressupõe, ainda, falar de inúmeros aspectos que "costuram" esses conceitos, tais como: o sujeito do processo; os princípios que orientam as práticas educacionais; as políticas do sistema educacional, entre outros. Não é, apenas, uma troca de espaços escolares - do regular para o especial e vice-versa - numa contínua caminhada dos alunos e suas famílias pelo direito a uma educação de qualidade.

A Proposta de Educação Inclusiva, por ser ampla e envolver diversos aspectos, se não for implementada com certa cautela, pode correr o risco de comprometer, mais uma vez na história e na a vida escolar dos sujeitos com necessidades educacionais especiais.

Ao negarmos suas diferenças sob o manto da igualdade, além, é claro, de causarmos a fragilização da Educação Especial, estaremos tirando-lhes o direito de oferta de diferentes modalidades de atendimento educacional, que permitam assegurar-lhe o êxito na construção do conhecimento.

Fazendo uso das palavras de FARENZENA (1999, p. 206), "[...] é preciso direcionar um novo olhar para a educação especial, isentá-la do preconceito da segregação e encontrar, nas alternativas de atendimento educacional, a eficácia para além da deficiência".

Nesta perspectiva, o trabalho colaborativo entre escola especial APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e escola regular pode ser compreendido como

possibilidades a serem utilizadas pelo professor da educação regular e para o sucesso escolar dos alunos com necessidades especiais.

A Proposta de trabalho colaborativa visa proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas mais bem-sucedidas, uma vez que propõem uma parceria de trabalho entre profissionais da educação especial e profissional da educação regular.

O objetivo desta parceria de trabalho é o desenvolvimento de metodologias de ensino, adaptações curriculares, modelos de avaliação, entre outras mais adequadas para o sucesso da aprendizagem e socialização do aluno com necessidades especiais na instituição escolar regular.

Segundo Mendes (2002), na década de 90 acentuou-se o debate sobre a necessidade de não somente intervir diretamente sobre a população de alunos com deficiência, mas também reestruturar a sociedade para que possibilitasse a convivência dos diferentes. De acordo com a autora,

[...] a educação inclusiva é uma proposta de aplicação prática no campo da educação de um movimento mundial, denominado de inclusão social, o qual é proposto como um novo paradigma e implica na construção de um processo bilateral, no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades para todos. O movimento pela inclusão está atrelado à construção de uma sociedade democrática, na qual todos conquistam sua cidadania e na qual a diversidade é respeitada e há aceitação e reconhecimento político das diferenças. (MENDES, 2002, p. 64).

A preocupação maior, portanto, deveria ser em oferecer à criança com alguma deficiência, além de um espaço físico em sala de aula, o respeito e a compreensão aos seus talentos e habilidades.

A LDB nº 9.394/96 em seu Capítulo V, também trata da Educação Especial, no Art. 58, Art. 59 e Art. 60.

A Lei nº 7.853/89 - Dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiências, sua integração social e pleno exercício de direitos sociais e individuais.

A Lei nº 10.098/00 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências.

A Resolução CNE/CEB nº 2/2001, institui Diretrizes e Normas para a Educação Especial na Educação Básica, bem como, o Parecer CNE/CEB nº 17/2001 - Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. A normatização acontece em muitos

outros documentos legais. Entretanto, sabemos que, apesar de termos uma legislação que ampare os socialmente excluídos, não é suficiente para que ocorra realmente a inclusão.

Para que as pessoas com deficiências possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que a escola de ensino regular se adapte às mais diversas situações conforme as necessidades das crianças nela inseridas.

Na perspectiva de uma educação inclusiva, não se espera mais que a pessoa com deficiência se integre por si mesma, mas que os ambientes, inclusive o educacional, se transformem para possibilitar essa inserção, ou seja, estejam devidamente preparados para receber a todas as pessoas, indistintamente.

A nossa Constituição Federal elegeu como fundamentos da República a CIDADANIA e a DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA (Art. 1º, incisos II e III), e como um dos seus objetivos fundamentais a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art. 3º, inciso IV).

Garante ainda expressamente o direito à IGUALDADE (Art. 5º), e trata, nos Artigos 205 e seguintes, do direito de TODOS à educação. Esse direito deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art. 205).

Além disso, elege como um dos princípios para o ensino, a igualdade de condições de acesso e permanência na escola. (Art. 206, inciso I), acrescentando que o dever do Estado com a educação, será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um (Art. 208, V).

Fica claro porque, quando garante a TODOS, o direito à educação e ao acesso à escola, a Constituição Federal não usa adjetivos. Assim, toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência.

O Sistema Municipal de Ensino, Lei Complementar Nº 134/2011 do Município de Otacílio Costa, amplia no Capítulo VII da Educação Especial Art. 37, onde está escrito que:

Art. 37 A educação especial é processo interativo de educação escolar que visa à prevenção, o ensino, a reabilitação e a integração social de educandos com deficiência intelectual ou múltipla, mediante a utilização de recursos pedagógicos e tecnológicos específicos.

Art. 38 A inclusão dos educandos com deficiência se fará nas classes comuns de ensino regular.

§ 1º Quando necessário haverá serviços de apoio especializado na escola regular, para atender às peculiaridades de educandos com deficiência.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função de condições específicas dos alunos, não for possível sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta da educação especial é dever constitucional, tendo início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil, prolongando-se por todo o ensino fundamental.

§ 4º O Sistema Municipal de Ensino assegurará aos educandos com deficiência, o estabelecido no art. 59 da LDB.

Art. 39 O Conselho Municipal de Educação estabelecerá critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

2.1.16 Educação do Campo

Com base na legislação educacional a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade.

Esta realidade, entretanto, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.

Os Projeto-Políticos das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos 23, 26 e 28 da Lei 9394/96, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. No Parágrafo único temos que:

Para observância do estabelecido neste artigo, as propostas pedagógicas das escolas do campo, elaboradas no âmbito da autonomia dessas instituições, serão desenvolvidas e avaliadas sob a orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

A mesma Lei também enfatiza que:

Art. 28 - Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

III- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Dessa forma, é fundamental que as escolas contemplem em seus planejamentos os seguintes eixos norteadores:

- valorizar a cultura dos povos do campo: significa criar vínculos com a comunidade, gerando nos indivíduos um sentimento de pertença. Isso possibilita a criação de uma

identidade cultural a partir da qual o aluno possa compreender o mundo e a sua relação com ele;

- repensar a organização dos saberes escolares: é fundamental garantir que a realidade do campo com sua diversidade esteja presente em toda a organização escolar, o que exige desenvolver as disciplinas da Base Nacional Comum e da Parte Diversificada, articulando os conhecimentos sistematizados com as questões suscitadas pela realidade do campo;
- repensar os tempos e espaços pedagógicos, ou seja, as diversas paisagens: a roça, a mata, o rio, a economia local constituem parte do processo educativo, devendo, portanto, ser utilizados nas mais diferentes disciplinas como instrumento pedagógico e contemplados no conteúdo escolar;
- no que diz respeito ao tempo, há que se considerar toda a dinâmica da vida do campo: com seus ciclos produtivos, épocas de chuvas, entre outros, que devem ser considerados na elaboração do calendário escolar, equilibrando-os períodos mais propícios às atividades escolares com as pausas exigidas pelas condições locais, de forma a evitar prejuízos no aproveitamento dos alunos e a evasão;
- elaboração de atividades extras e momentos culturais para compensar os dias letivos, o calendário escolar na época do intenso frio e chuvas equilibrando as pausas exigidas pelas condições locais.

Ainda, de acordo com a Resolução Nº 04 de 14 de julho de 2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, em sua Seção IV Educação Básica do Campo encontramos:

Art. 35. Na modalidade de Educação Básica do Campo, a educação para a população rural está prevista com adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Art. 36. A identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia.

Parágrafo único. Formas de organização e metodologias pertinentes à realidade do campo, devem ter acolhidas, como a pedagogia da terra, pela qual se busca um trabalho pedagógico fundamentado no princípio da sustentabilidade, para assegurar a preservação da vida das futuras gerações, e a pedagogia da alternância, na qual o

estudante participa, concomitante e alternadamente, de dois ambientes/situações de aprendizagem: o escolar e o laboral, supondo parceria educativa, em que ambas as partes são corresponsáveis pelo aprendizado e pela formação do estudante.

Os conteúdos da base nacional ministrados em sala de aula deverão ser capazes de identificar o funcionamento da economia local e de como isso interfere no modo de vida no campo e na cidade. São registros que não podemos deixar de fazer nesta Proposta Curricular, visto que são importantes para a orientação do planejamento de ensino da Rede Municipal de Otacílio Costa.

Outro espaço de educação que deve ser pensado é a educação de jovens e adultos. Nesta perspectiva, esta Proposta Curricular também faz algumas referências.

2.1.17 Educação de Jovens e Adultos

Conforme Lei Complementar 134/2011 do Sistema Municipal de Ensino do município de Otacílio Costa, em seu Capítulo VI estabelece que:

DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Art. 33 A educação de jovens e adultos, gratuita na rede pública, será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental na idade própria.

§ 1º Cabe ao Conselho Municipal de Educação regulamentar o funcionamento da modalidade de educação de jovens e adultos.

§ 2º Os estabelecimentos de ensino, respeitado o que sobre a matéria dispõe a legislação específica, expedirão os correspondentes certificados, que terão validade nacional.

Art.34 É facultada a celebração de convênios com empresas e órgãos públicos com a finalidade de disponibilizar aparelhagem e demais condições para recepção de programas de tele-educação no local de trabalho, e proporcionar professores qualificados para acompanhar e avaliar os educandos.

Art. 35 A Secretaria Municipal de Educação poderá manter cursos e exames supletivos em todo o município, que compreenderão a Base Nacional Comum do Currículo, habilitando jovens e adultos ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames previstos neste artigo serão realizados no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames a serem regulamentados e autorizados pelo Conselho Municipal de Educação.

Art. 36 O acesso e a permanência de jovens e adultos na escola ou em instituições próprias serão permanentemente motivados e estimulados pelo Poder Público, mediante ações integradas e complementares à educação regular e formal.

O Conselho Municipal de Educação, em consonância com a referida lei, tem a responsabilidade de regulamentar o funcionamento da modalidade de educação de jovens e adultos.

A Secretaria Municipal de Educação poderá manter cursos e exames supletivos em todo o município, que compreenderão a Base Nacional Comum do Currículo, habilitando jovens e adultos ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames a serem regulamentados e autorizados pelo Conselho Municipal de Educação.

O acesso e a permanência de jovens e adultos na escola ou em instituições próprias serão permanentemente motivados e estimulados pelo Poder Público, mediante ações integradas e complementares à educação regular e formal. Da mesma forma que precisamos pensar na Educação Profissional e Tecnológica.

2.1.18 Educação a Distância

A Educação a Distância é uma modalidade de ensino que pode oferecer oportunidade de estudo para pessoas que não tem tempo para estudar em tempo real ou em cursos regulares.

Apesar de uma das características ser a separação física entre professor e aluno, a qualidade dessa modalidade de ensino é das melhores, pois o atendimento e acompanhamento do aluno são personalizados para que se desenvolva bem nos estudos, respeitando suas necessidades educacionais.

A Educação a Distância tem grandes possibilidades de oferecer cursos no Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos de nossas escolas. Também pode oferecer oportunidades de conclusão de estudos para quem não o fez em tempo próprio e para aqueles que precisam concluí-los em um prazo de tempo menor do que o regular.

Podemos encontrar muitos subsídios no site do Ministério da Educação - MEC, como por exemplo:

- Domínio Público – biblioteca virtual
- DVD Escola
- E-ProInfo
- E-Tec Brasil
- Programa Banda Larga nas Escolas
- Proinfantil
- ProInfo
- ProInfo Integrado
- TV Escola

- Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)
- Banco Internacional de Objetos Educacionais
- Portal do Professor
- Programa Um Computador por Aluno – Prouca
- Projetor Proinfo

Os cursos oferecidos a distância podem ter credibilidade se forem reconhecidos por seu atendimento e seriedade em seu sistema de avaliação.

Precisamos pensar em planos de cursos personalizados, onde o tempo para conclusão deve ser conciliado à escolaridade anterior, suas necessidades educacionais, pessoais e seu tempo disponível para comparecer à escola para fazer provas.

Mais uma vez nos apoiamos na Resolução Nº 04 de 14 de julho de 2010 na Seção VI a Educação a Distância para podermos nos orientar legalmente. Este documento nos apresenta o que se segue:

Art. 39. A modalidade Educação a Distância caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Art. 40. O credenciamento para a oferta de cursos e programas de Educação de Jovens e Adultos, de Educação Especial e de Educação Profissional Técnica de nível médio e Tecnológico, na modalidade a distância, compete aos sistemas estaduais de ensino, atendidas a regulamentação federal e as normas complementares desses sistemas.

Ainda, segundo o MEC, para se garantir qualidade, o ensino a distância deve ser orientado por profissionais capacitados, computadores ligados à internet e biblioteca, além de material didático diversificado, sobre todo o conteúdo dos cursos oferecidos. Professores precisam estar sempre disponíveis para tirar dúvidas e as avaliações têm que ser feitas na sala de aula (Portal Do MEC)

2.2 Avaliação

2.2.1 Aspectos Legais da Avaliação para Educação Básica

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN - quando trata da avaliação no Art. 24 Inciso V, prescreve:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

No processo educativo, a avaliação deve estar presente, tanto como meio de diagnóstico dos processos de ensino e de aprendizagem quanto como instrumento de investigação da prática pedagógica, sempre com uma dimensão formadora, uma vez que, o foco desse processo é a aprendizagem, ou a verificação dela. Importante também é permitir que haja uma reflexão sobre a ação da prática pedagógica.

Estamos vivendo grandes momentos de mudanças sociais e educacionais. Estas mudanças nos indicam que já não é mais possível entender a avaliação da aprendizagem como sinônimo de nota ou de prova.

A avaliação pode ser compreendida como um sistema normativo (quando impulsiona normas de comportamento), como um sistema formativo (quando se situa no centro da ação de formação) e como um sistema cumulativo (quando ocorre depois da ação) (HADJI, 2001).

A avaliação é um processo promotor do desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem. Assim,

a avaliação não é uma tortura medieval. É uma invenção mais tardia, nascida com os colégios por volta do século XVII e tornada indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória (PERRENOUD, 1999, p. 9).

Diante do que o autor escreve, fazemos a seguinte reflexão: se a avaliação da aprendizagem não é um fato novo, não deveria ser mais bem compreendida e efetivada?

Para Hoffmann (1996), o professor deveria utilizar a avaliação durante todos os processos de ensino e de aprendizagem. A partir deste procedimento didático-pedagógico, o professor poderia observar como o aluno está apreendendo, quais dificuldades enfrenta, que reformulações deverão acontecer em seu planejamento da avaliação. Ou seja, a avaliação passaria a ser um instrumento de regulação da aprendizagem. A esta avaliação a autora dá o nome de formativa e tem os seguintes aspectos:

a) Contínua e contextual – no sentido de ser permanente no processo ensino aprendizagem, acompanhando o desenvolvimento do aluno através dos avanços, dificuldades e possibilidades detectadas, levando em consideração sua experiência de vida pessoal.

b) Investigativa e diagnóstica – com a finalidade de levantar e mapear dados para a compreensão do processo de aprendizagem do aluno e oferecer subsídios para os profissionais da escola sobre a prática pedagógica que realizam.

c) Sistemática e objetiva - como orientadora do processo educacional, precisa ter critérios definidos e explicitados, de acordo com os objetivos do Projeto de cada escola.

Para completar esta parte sobre as orientações a respeito da avaliação da aprendizagem, não poderíamos deixar de fazer algumas reflexões, também, a respeito dos instrumentos de avaliação, como veremos a seguir.

Nesta Proposta Curricular propomos diretrizes que contribuam para formar sujeitos capazes de construir sentidos para e no mundo, de compreender criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade.

A avaliação, nesta perspectiva, visa contribuir para a compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos, com vista às mudanças necessárias, para que essa aprendizagem se concretize e a escola se faça mais próxima da comunidade, da sociedade como um todo, no atual contexto histórico e no espaço onde os alunos estão inseridos.

Não há sentido em processos avaliativos que apenas constatem o que o aluno aprendeu ou não aprendeu e o fazem refém dessas constatações tomadas como sentenças definitivas. Se a proposição curricular visa à formação de sujeitos que se apropriam do conhecimento para compreender as relações humanas em suas contradições e conflitos, então a ação pedagógica que se realiza em sala de aula precisa contribuir para essa formação.

No Plano de Trabalho Docente, ao definir os conteúdos específicos trabalhados naquele período de tempo, já se definem instrumentos e critérios e de avaliação, para que professores e alunos conheçam os avanços e as dificuldades, tendo em vista a reorganização do trabalho docente. Os critérios de avaliação devem ser definidos pela intenção que orienta o ensino e explicitar os propósitos e a dimensão do que se avalia. Assim, os critérios são um elemento de grande importância no processo avaliativo, pois articulam todas as etapas da ação pedagógica.

Em estudos realizados, encontramos que:

Os procedimentos de avaliação levarão o professor a pensar em *como, quem e com quais critérios* ele poderá conferir se o aluno aprendeu (ou não). Neste sentido, pode-se dizer que a avaliação da aprendizagem, não é sinônimo de nota ou somente um valor numérico a ser atribuído ao aluno pelo “seu desempenho”. Desta forma, a avaliação passa a ser compreendida como um processo que poderá contribuir para a aprendizagem e para o desenvolvimento intelectual do aluno (DACOREGGIO e MÜLLER, 2004, p. 9) – grifos das autoras.

Os critérios podem ser considerados “as regras do jogo”, ou seja, eles são indicadores para que o professor possa verificar a aprendizagem dos alunos.

Dacoreggio e Müller (2004) apresentam em seus estudos, exemplos de critérios de avaliação para contribuir no trabalho avaliativo do professor. Selecionamos alguns que poderão servir ao Ensino Fundamental, como orientação nesta Proposta. São eles:

- interpretação coerente dos textos trabalhados;
- demonstração de clareza nas argumentações orais e escritas;
- lógica na exposição de ideias e de pontos de vista;
- atenção ao que está sendo estudado;
- capacidade de identificar as dificuldades para um melhor estudo e aprendizagem;
- esforço para a superação das dificuldades;
- pensamento criativo e independente;
- facilidade de expressão oral e escrita;
- participação em trabalhos de grupo com empenho, dedicação, colocando-se à disposição para toda e qualquer tarefa a ser realizada.

Os enunciados de atividades avaliativas também devem ser claros e objetivos. Nesta circunstância, o difícil não é desempenhar a tarefa solicitada, mas sim compreender o que se pede.

Os instrumentos de avaliação devem ser pensados e definidos de acordo com as possibilidades teórico-metodológicas que oferecem para avaliar os critérios estabelecidos. Por exemplo, avaliar a capacidade e a qualidade argumentativa, a realização de um debate ou a produção de um texto poderá ser mais adequada do que uma prova objetiva. A utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação reduz a possibilidade de observar os diversos processos cognitivos dos alunos, tais como: memorização, observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, entre outros. Uma atividade avaliativa representa, tão somente, um determinado momento e não todos os processos de ensino e de aprendizagem.

Com base nas orientações do MEC e da LDBEN, para implantação dos Nove Anos no Ensino Fundamental, propomos alguns instrumentos abaixo citados, a fim de acompanhar e melhoria no processo de avaliação, visando o melhor desempenho dos educandos.

Instrumentos de avaliação para o Ensino Fundamental

Instrumentos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Relatório descritivo	X								
Portfólios	X	X	X	X	X				
Ficha de autoavaliação			X	X	X	X	X	X	X
Testes ou provas		X	X	X	X	X	X	X	X
Fichas de observação	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Atividades produzidas pelos alunos.	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaboração do grupo

Evidenciamos que ao corrigir as atividades das crianças o professor poderá verificar a aprendizagem de cada uma. Assim sendo, as atividades são, simultaneamente, estratégias para a aprendizagem e instrumentos de avaliação.

As fichas de observação poderão seguir o seguinte exemplo:

FICHA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM							
Estratégia: Maquete do relevo do município							
Técnica: Atividade em grupos							
Disciplina: Geografia e Arte				Ano/série			
Professor (a):							
NOMES DOS ALUNOS	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO						
	Articulação produção/ texto	Coerência conceitual (aplicação correta dos conceitos)	Noção de perspectiva	Criatividade (aptidão para formular ideias criadoras)	NOTA INDIVIDUAL	NOTA DO GRUPO	MÉDIA POR ALUNO
Grupo 1							
Ana							
Joel							
Clara							
Grupo 2							
Beatriz							
Jonas							
José							
Grupo 3							
Fábio							
Fernanda							
Mariana							

Esta ficha pode ser utilizada tanto para apresentação oral quanto escrita. Da mesma forma que deve ser utilizada de acordo com os objetivos de aprendizagem e com as respectivas estratégias, técnicas, disciplinas e anos de ensino.

Estes são apenas alguns exemplos que poderemos utilizar atendendo as Diretrizes do Estado de Santa Catarina, quando encontramos que:

A escola deve refletir sobre os instrumentos de avaliação, elementos importantes e necessários para verificar a aprendizagem do aluno. Por meio dos registros, o professor pode acompanhar os estudantes e considerar quais estratégias didáticas são as mais eficazes! (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2008, s/p).

Seguindo com as orientações para a avaliação da aprendizagem, trazemos diretrizes, também para a recuperação.

A recuperação de estudos deve acontecer a partir de uma lógica simples: os conteúdos selecionados para o ensino são importantes para a formação do aluno, então, é preciso investir em todas as estratégias e recursos possíveis para que ele aprenda. A recuperação é justamente isso: o esforço de retomar, de voltar ao conteúdo, de modificar os encaminhamentos metodológicos, para assegurar a possibilidade de aprendizagem. Nesse sentido, a recuperação da nota é simples decorrência da recuperação de conteúdo.

A discussão sobre a avaliação deve envolver o coletivo da escola, para que todos (direção, equipe pedagógica, pais, alunos) assumam seus papéis e se concretize um trabalho pedagógico relevante para a formação dos alunos.

A avaliação do processo de ensino aprendizagem na Rede Municipal de Ensino está em conformidade com a Resolução N ° 004 do Conselho Municipal de Educação.

No Ensino Fundamental a Escola deverá atribuir notas a cada bimestre. A nota atribuída ao aluno deve obedecer à escala de 1 a 10 (um a dez).

Os registros deverão retratar qualitativamente a aprendizagem desenvolvida pelo aluno no bimestre, podendo oscilar para mais ou para menos, dependendo das atividades desenvolvidas.

Quando for constatado que o aluno não atingiu o desempenho esperado no plano de ensino o professor deverá desenvolver atividades de recuperação. Estas não são a mera reprodução do já executado ou a oferta de uma nova prova, mas, um trabalho diferenciado, como novas estratégias, para que a superação das dificuldades possa acontecer, com registros no diário de classe.

A nota da recuperação quando superior a da anterior deverá preponderar. Não será feito média da nota anterior com a da recuperação, mas substituição.

O predomínio dos resultados obtidos durante o ano letivo sobre os de exames finais, quando houver, se dará pela conversão da média anual dos bimestres ou trimestres multiplicada por 1,7 em pontos, cujo resultado, somado ao resultado da multiplicação da nota do Exame final, multiplicada por 1,3, igualmente convertida em pontos, conforme fórmula a seguir: $(\text{Média anual dos bimestres ou trimestres} \times 1,7) + (\text{Nota do exame final} \times 1,3) > 14$ pontos.

Serão aprovados os alunos que alcançarem os níveis de apropriação de conhecimento e de desenvolvimento de competências, que no seu registro em notas ou conceito, não seja inferior a 70% (setenta por cento) dos conteúdos efetivamente trabalhados por disciplina.

Os alunos com rendimento igual ou superior a nota 3,0 (30 % de aproveitamento) na média anual dos bimestres e que, após submetidos a exame final, alcançarem 14 (catorze) pontos em cada disciplina .

Na perspectiva de verificar se o direito ao aprendizado de competências básicas e gerais está garantido para cada aluno, contamos, em nível nacional com dois instrumentos de avaliação relevantes:

Prova Brasil: é o instrumento de medida das competências leitura e matemática, aplicado em praticamente todas as crianças e jovens matriculados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos).

Provinha Brasil: é o instrumento elaborado para oferecer aos professores e aos gestores das escolas públicas e das redes de ensino um diagnóstico do nível de alfabetização dos alunos, ainda no início do processo de aprendizagem, permitindo assim intervenções com vista à correção de possíveis insuficiências apresentadas nas áreas de leitura e escrita. Essa avaliação é um instrumento pedagógico sem finalidades classificatórias.

Considerando a complexidade da alfabetização e letramento no início da escolarização é importante lembrar que a maioria das crianças necessita de mais de duzentos dias letivos para consolidar essas aprendizagens em conjunto com outras áreas do conhecimento estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Assim, recorrendo ao Parecer CNE/CEB nº 4/2008, esse reafirma que o processo de avaliação deve considerar, de forma prioritária, que os três anos iniciais constituam-se em um período destinado à construção de conhecimentos que solidifiquem o processo de alfabetização e de letramento. Portanto os procedimentos de avaliação devem acompanhar a necessidade de se trabalhar pedagogicamente nesses três anos para o desenvolvimento das diversas formas de expressão das crianças.

Considerando o ingresso das crianças de seis anos no Ensino Fundamental, é importante ficarmos atentos ao processo de ensino e ao êxito nos aspectos cognitivos, culturais, sociais, afetivos e emocionais. Assim, no 1º ano não haverá retenção e a avaliação será descritiva a cada semestre.

Registros dos alunos com suas respectivas dificuldades deverão ficar arquivados a cada ano letivo para servir de instrumento diagnóstico

2.3 Os Componentes Curriculares - Ensino Fundamental

Os componentes curriculares do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Otacílio Costa ficam organizados, tanto para o ensino de oito anos, quanto para o ensino de nove anos.

De acordo com a RESOLUÇÃO Nº 7, DE DEZEMBRO DE 2010 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, os sistemas de ensino devem orientar-se da seguinte forma:

Art. 15 Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

I – Linguagens

a) Língua Portuguesa

b) Língua materna, para populações indígenas

c) Língua Estrangeira moderna

d) Arte

e) Educação Física

II – Matemática

III – Ciências da Natureza

IV – Ciências Humanas

a) História

b) Geografia

V – Ensino Religioso

Estes componentes deverão ser abordados com metodologias que favoreçam a visão interdisciplinar e possibilitem aos professores considerar e ampliar os saberes dos alunos, permitindo-lhes atribuírem diferentes sentidos ao mundo que os cerca.

Os componentes curriculares se constituem, pelas disciplinas e por todos os projetos desenvolvidos na Rede de Ensino.

Estas disciplinas se identificam pelos seus quadros teóricos de conteúdos e pelos respectivos conceitos essenciais. Considerando esse constructo teórico, as disciplinas são pressupostos para a interdisciplinaridade.

A partir das disciplinas, as relações interdisciplinares se estabelecem quando:

- conceitos, teorias ou práticas de uma disciplina são chamados à discussão e auxiliam a compreensão de um recorte de conteúdo qualquer de outra disciplina;

- ao tratar do objeto de estudo de uma disciplina, buscam-se nos quadros conceituais de outras disciplinas referenciais teóricos que possibilitem uma abordagem mais abrangente desse objeto.

Desta perspectiva, estabelecer relações interdisciplinares não é uma tarefa que se reduz a uma readequação metodológica curricular, como foi entendido, no passado, pela pedagogia dos projetos. A interdisciplinaridade é uma questão epistemológica e está na abordagem teórica e conceitual dada ao conteúdo em estudo, concretizando-se na articulação das disciplinas cujos conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão desse conteúdo.

Desse modo, explicitamos, que as disciplinas escolares não são herméticas, fechadas em si, mas, a partir de suas especialidades, chamam umas às outras e, em conjunto, ampliam a abordagem dos conteúdos de modo que se busque, cada vez mais, a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento.

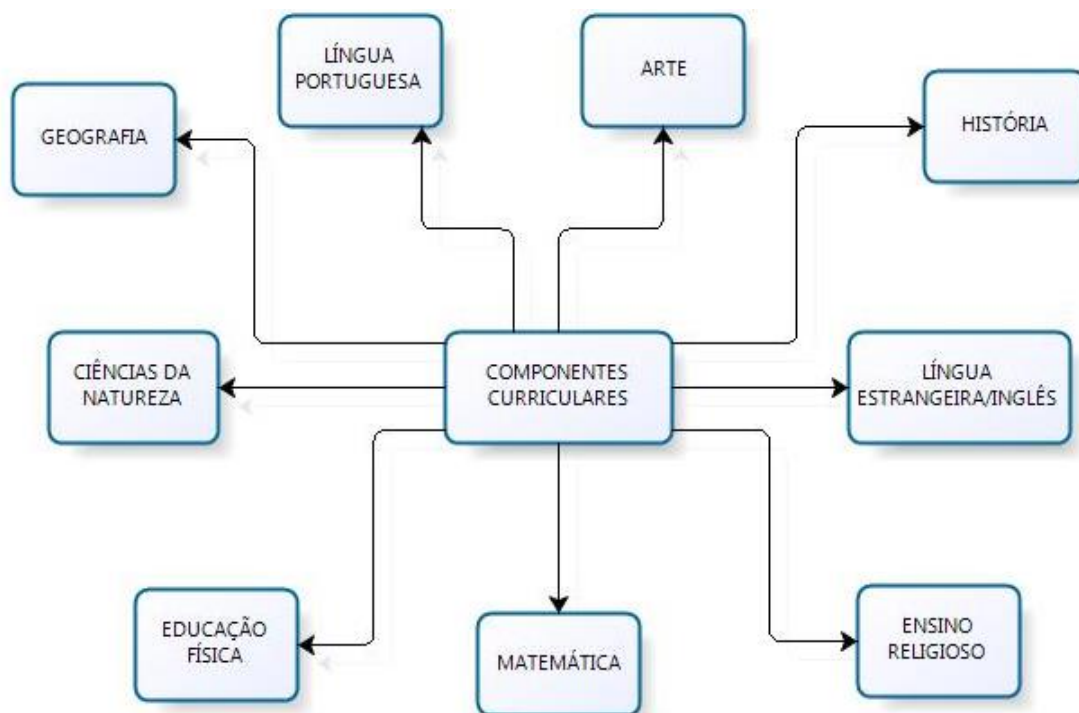
Ao reconhecer as características dos alunos do Ensino Fundamental, bem como o papel desta etapa da Educação Básica na formação para o exercício da vida cidadã e para a continuidade dos estudos, entendemos que as aulas de Educação Física, por exemplo, não se destinam apenas aos alunos “atletas”. As aulas de Língua Estrangeira não têm o propósito de privilegiar aqueles alunos com melhor “proficiência”. As aulas de Matemática não se destinam apenas aos “gênios”, e ainda, as aulas de Arte, não têm como objetivo destacar somente “talentos”, mas oportunizar a todos os alunos conhecimentos das diferentes linguagens.

Isso implica questionar práticas excludentes que ainda persistem no meio escolar. Se não forem superadas por encaminhamentos pedagógicos que contemplem todos os alunos nos processos de ensino e de aprendizagem estarão contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais que marcam a história de vida de muitos dos alunos de nossas escolas.

Portanto, cada disciplina elegerá seus conceitos essenciais de trabalho, a partir da compreensão dos campos conceituais, dos conceitos que os mesmos correspondem.

Assim, em se tratando das disciplinas, os componentes curriculares do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa ficam assim organizados tanto para a Matriz do ensino de oito anos, quanto para a Matriz do ensino de nove anos:

Componentes Curriculares



Fonte: Elaboração do grupo de estudo da SME de Otacílio Costa.

Estes componentes deverão ser abordados com metodologias que favoreçam a visão interdisciplinar e possibilitem aos professores considerar e ampliar os saberes dos alunos, permitindo-lhes atribuírem diferentes sentidos ao mundo que os cerca.

As disciplinas serão organizadas como se segue:

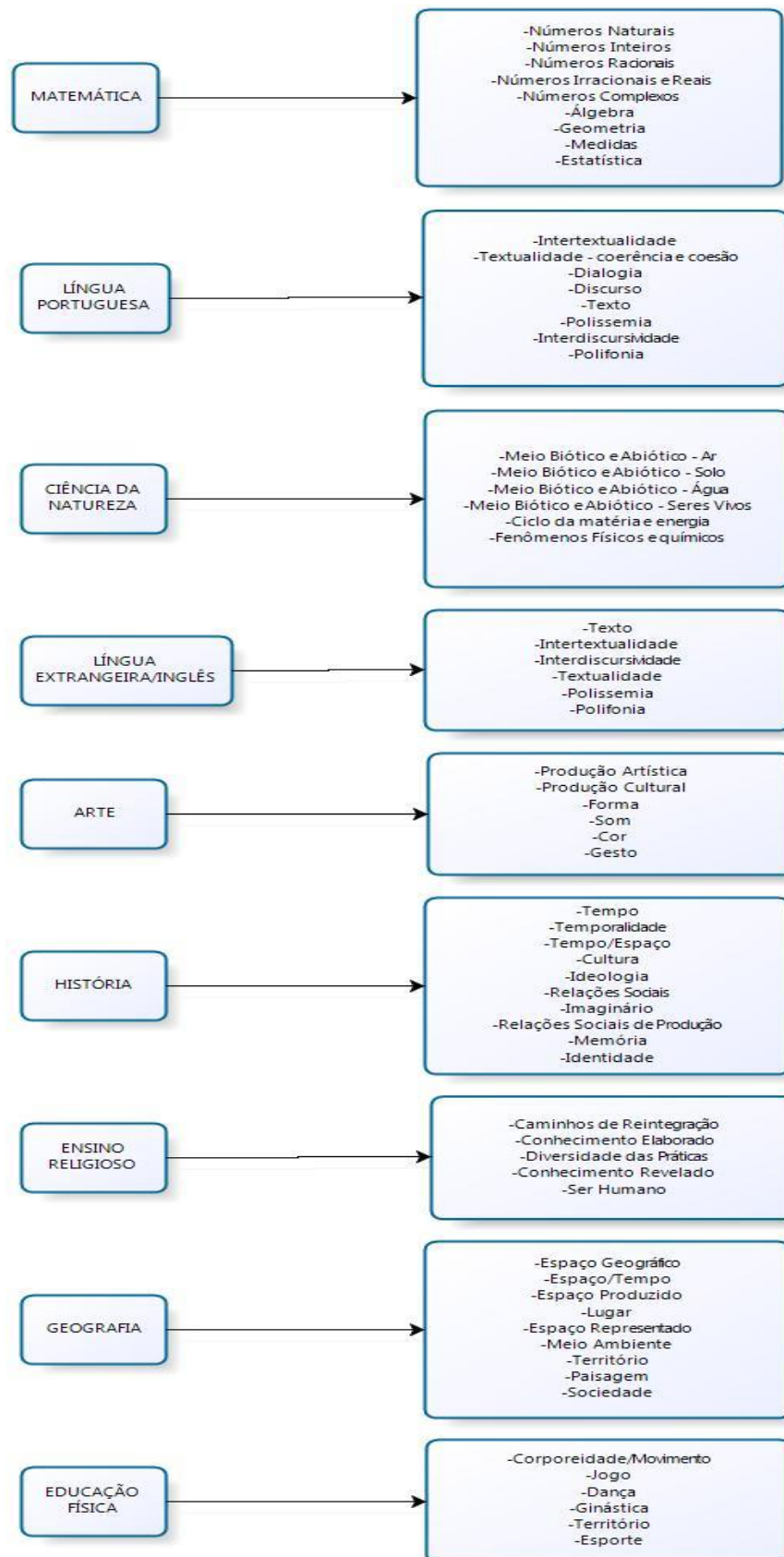
2.3.1 Conceitos e Conteúdos

São os conhecimentos sistematizados que devem estar associados e articulados em nível crescente de complexidade de forma a garantir que, a partir de sucessivas aproximações, o aluno possa aprendê-lo e aplicá-lo.

Devem ser selecionados de forma que sirvam de mediadores para que os alunos compreendam a realidade.

Devem contemplar os conhecimentos, as atitudes e habilidades nos domínios cognitivos, afetivos e psicomotores.

Os conceitos essenciais de cada área do conhecimento ao serem abordados não esgotam as possibilidades de exploração do conhecimento priorizado, o que torna possível retomá-lo em diferentes etapas do processo de aprendizagem a partir de tratamentos diferenciados – grau de aprofundamento, ou seja, nas e pelas relações estabelecidas.



Fonte: Elaboração do grupo de estudo da SME de Otacílio Costa.

2.3.2 Fundamentos dos Componentes Curriculares

2.3.2.1 Fundamentação da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa fundamenta-se na concepção histórico-cultural, segundo os conhecimentos vygotskyanos e de seus sucessores.

Dentro desta concepção deve-se construir a aprendizagem, baseada nos conceitos da polifonia, polissemia, dialogia, intertextualidade, texto, discurso, interdiscursividade e textualidade, para que ocorra o desenvolvimento do potencial criativo do sujeito. Em concordância com a série/ano que frequenta, também é o nível de intensidade que se trabalha com o aluno. Desta forma, os conteúdos gramaticais são trabalhados na perspectiva da funcionalidade dos elementos que regulam a linguagem.

Como asseveram as Diretrizes 3 (2001): o ensino da Língua Portuguesa tem como principal objetivo o desenvolvimento das habilidades da fala – escuta / leitura – escrita, que deve permear a prática de análise linguística para o aprofundamento dos estudos da língua, a fim de que o aluno atinja a metacognição (nível em que é capaz de avaliar seu próprio conhecimento).

Destas conjecturas é que é norteado o desenvolvimento na Língua Portuguesa:

- A linguagem - fenômeno sócio-histórico revelado através da fala e das interações resultantes da mesma, com finalidades múltiplas.
- A prática da escuta – eixo orientador da construção do pensamento crítico e da formação de opinião.
- A leitura é prática social na busca do aperfeiçoamento da fala, na formação de leitores competentes para o caminho da compreensão textual e da análise da própria leitura.
- A escrita corresponde a um sistema mais complexo do conhecimento, por isso deve ser usada como objeto de reflexão. É através da escrita que o aluno tem a oportunidade de relacionar as habilidades da fala – escuta – leitura, a fim de ampliar sua capacidade de uso das linguagens nas diversas instâncias.

Portanto, o ensino da Língua Portuguesa para a Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa, visa, sobretudo, a formação de um cidadão consciente e crítico, capaz de interagir nas mais diversas situações de comunicação e estabelece a linguagem como forma de ação e participação, oferecendo ao estudante condições para que se aproprie dos diferentes

tipos de discurso e da diversidade de gêneros e textos (orais e escritos), para assim ampliar a habilidade de leitura e escrita, a fim de colaborar nas práticas sociais, cada vez com mais proficiência, realizando as escolhas de acordo com as situações vivenciadas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTA CATARINA. Secretaria da educação e do Desporto. **Diretrizes 3: organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades.** Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

2.3.2.2 Fundamentos da Língua Estrangeira/ Inglês

O aprendizado dessa disciplina encaminha para:

- Possibilidade de ampliação do universo cultural.
- Desenvolvimento de muitas funções intelectuais, possibilitando a interação entre a língua materna e a língua estrangeira.
- Possibilidade de questionar a própria identidade, resignificando-a.
- Necessidade de acesso à tecnologia.

Conforme aponta nas Diretrizes 3 (2001), compreende-se que tanto língua portuguesa quanto a estrangeira é produção humana, constituída historicamente nas relações sociais, sendo uma forma de ação sobre o outro e o mundo.

Entender a língua estrangeira a partir dessa perspectiva pressupõe a apropriação dos conceitos:

- Dialogia: cada sujeito é complemento necessário do outro.
- Polifonia: as vozes de que se constitui a língua.
- Polissemia: multiplicidade significativa da língua.
- Interdiscursividade: relação entre os diferentes discursos.
- Intertextualidade: um texto remete a outros textos (abertura e incompletude).
- Discurso: efeito de sentido produzido entre os interlocutores;
- Textualidade: o que faz de um texto um texto e não apenas uma sequência de frases.
- Texto: unidade de linguagem em uso.
- Coerência: responsável pela unidade do texto.

- Coesão: manifestação linguística de coerência.

Os eixos: fala/escuta – leitura/escrita são em sala de aula condições para que o aluno se aproprie dos conceitos da língua estrangeira, com as práticas reais e o trabalho com a reflexão sobre linguística. Devem, porém, ser trabalhados de maneira alternada, tal como ocorre na prática da língua, para não restringir as possibilidades de aprendizagem.

Os conteúdos impregnados da(s) realidade(s) do aluno demarcam o significado pedagógico da contextualização da mesma forma a contextualização imprime significados e relevância aos conteúdos escolares e a interdisciplinaridade explicita conteúdos contextualizados, tendo por base o conhecimento linguístico, textual e de mundo que o estudante traz.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3:** organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

2.3.2.3 Fundamentos da Matemática

Estamos enfrentando novos tempos e a cada dia criam-se novos desafios para serem enfrentados pela sociedade, necessitando assim de novas formas de pensar e resolver problemas. Não é mais suficiente para a educação matemática objetivar apenas, para a formação de seus educandos "ler, escrever e fazer contas", necessário se faz, que os educadores comprometidos com a democratização da escola pública devam abraçar a causa de formação de alunos capazes de "ler, interpretar e transformar a sociedade". Interpretar para perceber que não vivemos em uma sociedade igualitária. Transformação entendida aqui como, a possibilidade da construção de uma sociedade com oportunidade para todos. Como nem todos têm acesso igual aos bens de consumo produzidos,

Pode-se observar que, em geral, na civilização moderna, todas as atividades práticas se tornaram tão complexas, e as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que toda atividade prática tende a criar uma nova escola. (GRAMSCI, in, ARANHA, 1996, p. 24).

Há questões que estão sendo debatidas por vários educadores matemáticos, que chegam ao consenso em alguns pontos como: a historicidade do conhecimento matemático, produzido por cada cultura para resolver problemas de seu tempo. Há consenso também que um dos maiores desafios da educação matemática de nossos tempos é “matematizar” todos os alunos, da mesma maneira como são trabalhados os alunos que tem facilidade para esse aprendizado. O desafio ainda, é que todos os educadores envolvidos com educação matemática tomem consciência desses desafios.

Sendo assim não é o bastante para um professor de matemática dominar apenas seu conhecimento específico, é imprescindível que se tenha conhecimento de temas ligados ao estudo do homem, como o homem aprende e como este produz conhecimento.

O problema maior do ensino, de ciências e matemática, é o fato das mesmas serem apresentadas de forma Desinteressante, Obsoleta e Inútil, e isso Dói para o jovem. (D’Ambrosio, 1986).

Existem várias estratégias para trabalhar a matemática e atingir os objetivos propostos acima:

- Alfabetização matemática: neste enfoque que considera a relação da linguagem matemática e a língua materna, tratando dos significados da simbologia, as diversas formas de escrever os números e a representação de ideias e conceitos por letras. Tratam também da ortografia na matemática e da semântica na matemática, a forma de escrever e o significado do que se escreve em matemática tem grande importância nesta alfabetização.
- Etnomatemática: os conhecimentos matemáticos, produzidos originalmente em países estrangeiros, têm em sua etimologia uma linguagem grega, indiana, árabe e européia. Pela globalização das relações humanas faz-se necessário usar em nossa comunidade escolar, estes conhecimentos. Este enfoque embasa teoricamente a necessidade de se buscar, uma transposição didática dos conhecimentos matemáticos, para uso na comunidade escolar.
- Resolução de problemas: nesta metodologia propõe-se para os alunos problemas, mais complexos que os simples exercícios de fixação do conteúdo. Assim permite-se a construção de estratégias de resolução individual ou em grupos, auxilia no desenvolvimento das habilidades de formular hipóteses, e descobrir caminhos para solução, valorizando o “acerto”, mas, também o “erro”, como forma de aprender.
- Jogos e Materiais Concretos: é o ensino de matemática utilizando jogos pedagógicos, ligados aos conteúdos, é mais uma maneira de prender a atenção dos alunos para o que se quer ensinar. O interessante é que saem do lugar comum, dos conteúdos, exemplos e

exercício; a aula fica mais dinâmica e surge até uma “bagunça”, mas, uma bagunça do bem. Este método é mais bem aplicado quando se constroem todos os elementos concretos necessários para o jogo, como dados, peões, tabuleiros, dominós, etc.

- **Atividade de Aprendizagem:** reúnem várias estratégias, como jogos, materiais concretos, resolução de problemas, mas, dentro da teoria da atividade que possui uma abordagem própria. Como se inicia: sempre buscando uma problematização, o que os alunos querem ou necessitam estudar. Esta problematização pode ser: um questionário de diagnóstico, um filme, uma apresentação de um problema complexo, talvez dentro da própria comunidade do aluno. A partir daí, monta-se uma árvore de questões para abordar o tema. As questões são propostas pelos alunos que motivados pela problematização buscam soluções nos conhecimentos escolares para resolvê-las. É neste ponto que a teoria de atividade refere-se ao “motivo” dos alunos que irá gerar a “atividade de aprendizagem”, que é a busca do conhecimento para resolver o problema proposto na problematização. Assim o papel do professor nada mais é que mediador, orientador no caminho para solução.

Para concluirmos vale destacar:

[...] o ensino de matemática hoje nos alerta para a necessidade urgente de avaliar, questionar e repensar os métodos de ensino da disciplina, a despeito das dificuldades e condições adversas do meio escolar. Afinal, para produzir um conhecimento de boa qualidade não basta conhecer truques e fórmulas memorizadas. É preciso saber como e por que aplicá-las e, mais que isso compreendê-las, pois o que há de gostoso e interessante na matemática- e até mesmo emocionante- é o “jogo da argumentação: discutir ideias e desafios (ROSA, ERNESTO NETO, 2010, p. 8.)

O ensino da matemática hoje comprova que a interação dos alunos entre si e com o professor está repleta de ricas possibilidades, que devem ser estimuladas para que se garanta uma verdadeira construção do saber matemático.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**, São Paulo, Moderna, 1996.

BIGODE, A. J. L., **Matemática Hoje é Feita Assim**, São Paulo , FDT, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**, Brasília, MEC/SEF, 1997.

D AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Educação matemática**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. **Etnomatemática: um programa.** In: Educação Matemática em Revista. Blumenau/SC, SBEM, 1{1}, 5 – 11, 1993.

DANTE, L. R. **Tudo é Matemática**, São Paulo, Ática, 2002.

FIORENTINI, D. **Tendências temáticas e metodológicas da pesquisa em educação matemática.** In: Anais do I Encontro Paulista de Educação Matemática. Campinas, SBEM, (pp: 186-193), 1989.

GUELLI, O. **Matemática Uma Aventura do Pensamento.** São Paulo, Ática, 1999.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo, Cortez, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Secretaria de Educação Básica, **Explorando o ensino da matemática**, V. I,II e III, Brasília, 2004.

PROJETO ARARIBÁ: **matemática / obra coletiva.** Desenvolvida e produzida pela editora Moderna; editora responsável Juliana Matsuba Barroso. – 1ª ed. – São Paulo. 2006.

ROSA, E. N. **Ensino de matemática hoje.** p. 08, ano 2010.

TAHAN, M. **O homem que calculava**, Rio de Janeiro, Record, 1999.

2.3.2.4 Fundamentos de Ciências da Natureza

Na história da educação no Brasil, o ensino de Ciências Naturais só era ministrado, nas duas últimas séries do ensino ginásial. (, mas) Em 1961 quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornou-se obrigatório o ensino em todas as séries ginásiais, e somente com a lei 5692/71 é que a mesma tornou-se obrigatória nos 8 anos de ensino fundamental. Até então o ensino de Ciências baseava-se na transmissão de conteúdos, com aulas expositivas, questionários, memorização e repetição.

Com o advento da Escola Nova o ensino de Ciências passa a ter um olhar diferenciado, voltado agora para uma maior participação do aluno, com atividades práticas objetivando que o mesmo vivenciasse mais o método científico. Houve uma grande preocupação nas escolas para equipá-las com laboratório e realizar trabalhos em grupos na tentativa do ensino baseado na redescoberta e na vivência dos métodos científicos, no entanto nem todas as escolas se adequaram ao que seria a estrutura razoável para trabalhar e ensinar ciências. As Ciências, no entanto, continuavam sendo vista como verdade absoluta e neutra.

Na década de 80, novas preocupações passaram a surgir em decorrência dos modelos de desenvolvimento adotados no mundo. Os danos ambientais e problemas sociais fizeram com que surgisse a necessidade de acrescer ao currículo de ciências novas

abordagens, a tendência “ciência, tecnologia e sociedade” passa então a fazer parte das discussões na escola. Em decorrência destas discussões percebe-se a ciência como necessária a compreensão do mundo e numa perspectiva de construção humana e não mais como detentora da verdade.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) procura mostrar a ciência como instrumento essencial à construção da cidadania e não como prerrogativa de elites ou de especialistas. Este posicionamento não se deve unicamente a uma convicção democrática, mas também à percepção do lugar da ciência na cultura de nosso tempo.

Os PCNs (1997) nos mostram que as ciências naturais devem ser concebidas como oportunidade de encontro entre o aluno, o professor e o mundo, reunindo os repertórios de vivências dos alunos e oferecendo-lhes imagens, palavras e proposições com significados que evoluam, na perspectiva de ultrapassar o conhecimento intuitivo e o senso comum.

Para isto é necessário levar nossos alunos a compreender que o conhecimento científico é o resultado de um longo processo histórico que inclui erros e acertos e produz verdades provisórias. Com isso, eles poderão perceber que os produtos gerados pelo saber científico são os resultados entre a natureza e cultura e que os recursos da tecnologia são partes dessa cultura científica.

Se a intenção é que os alunos se apropriem do conhecimento científico e desenvolvam uma autonomia no pensar e no agir, é importante conceber a relação de ensino e aprendizagem como uma relação entre sujeitos, em que cada um, a seu modo e com determinado papel, está envolvido na construção de uma compreensão dos fenômenos naturais e suas transformações, na formação de atitudes e valores humanos. Dizer que o aluno é sujeito de sua aprendizagem significa afirmar que é dele o movimento de resignificar o mundo, isto é, de construir explicações norteadas pelo conhecimento científico (PCNs, 1997).

Sendo assim buscamos construir uma Proposta de educação em Ciências Naturais que contribua para desenvolver atitudes que permitam a melhoria da vida cotidiana para enfrentar os problemas com maiores possibilidades de sucesso, valorizando a saúde, o meio ambiente e a comunidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: ciências / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

Clube do biólogo. Disponível em: [HTTP://www.clubedobiologo.com.br](http://www.clubedobiologo.com.br) Acesso em 10 de março de 2011.

CrBio. Disponível em: <http://www.crbio.com.br>. Acesso em 10 de março de 2011.

DELIZOICOV, D et ali. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.** 3ªed.São Paulo,Ed. Cortez 2009.

KRASILCHIK, M. e M. Marandino. **Ensino de Ciências e cidadania.** 2ªed.São Paulo.Ed. Moderna 2007

HENNING, G. J. **Metodologia do ensino de ciências.** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.414p.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Ensino Fundamental:** Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3:** organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

2.3.2.5 Fundamentos da História

As concepções que permeiam o ensino de História estão desde muito em destaque devido à ressignificação da mesma, o que podemos facilmente entender se inserirmos as abordagens e os métodos de ensino.

O processo histórico, ao qual, nosso aluno está sujeito, é intrínseco à aquisição de valores, (sem ideologismos ou tendencionismos) e ao entendimento mútuo da temporalidade, (sendo que) Deste modo, não nos detenhamos ao contraste da temporalidade, mas sim, ao fato de que o próprio passado ainda se faz presente em relações sócio-culturais, em um conjunto de hábitos, costumes, e práticas cotidianas.

Priorizando a formação de um cidadão sociável e crítico que possa utilizar-se da razão e da reflexão, para resolver situações problemas às quais, ele estará sendo inserido em um processo muitas vezes imperceptível, mas que em conjunto às demais disciplinas (aqui podemos inserir as questões interdisciplinares, como um só conhecimento a ser transmitido e não um velho arquivo compartimentado em estâncias temáticas), vem a perceber-se como de fato é, um ser histórico. Cabe ao educador então, aproximar o historicismo longínquo, ao aluno, instigando-o, conflitando-o e fazendo com que isso ilustre ao mesmo tempo que está preparado para debater e dialogar sobre atualidades, mesmo a temática estando nos meados de qualquer século, ou decênio passado. Ressalvamos em citação:

[...] cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social do seu tempo. Cabe ao professor, utilizando-se dos métodos históricos aproximar o aluno dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo História. Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica [...]”. (KARNAL (ORG), 2010, p. 28.)

Nunca podemos esquecer de que se há uma função para a História, essa função é dar a sociedade explicação e embasamento sobre ela mesma, e ela está tão ligada a tantas outras áreas do conhecimento, que se transposta de maneira adequada. É pilar único e singular, da construção do caráter do nosso aluno, transliterando as palavras de Borges (1987).

Desta forma o cotidiano que também é alvo de estudo, se torna prazeroso e prático, com o educando percebendo-se ativo, vivo, necessário. A valorização das bagagens culturais prévias só se dá depois de trespassadas as barreiras, do individualismo, da cátedra intocável e do conhecimento irrefutável.

Nossa principal finalidade é formarmos cidadãos, tão conhecedores de seu meio, que possam não anacronicamente apontar erros, mas identificá-los e não repeti-los.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Brasília, 1998.

BORGES, V. P. **O que é história**. 2ª ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1993.

KARNAL, L. **História na sala de aula**. 6ª ed. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

2.3.2.6 Fundamentos da Geografia

A geografia é uma ciência pautada na dinâmica das relações. No ensino fundamental ela se apresenta como a disciplina que estuda a natureza e a sociedade através das relações que estabelecem entre si, ou seja, em geografia o ensino está focalizado na investigação de como a sociedade ocupa, organiza e transforma o espaço.

Sendo a disciplina responsável pela compreensão do espaço, o ensino de geografia na rede pública municipal de Otacílio Costa, pauta-se nos seguintes conceitos: Espaço (Geográfico, Espaço/Tempo, Produzido, Representado), Região, Lugar, Território, Paisagem, Meio ambiente e Sociedade (SANTA CATARINA, 2001).

Assim, compete à disciplina sistematizar o currículo de forma que permita ao educando, ao concluir o ensino fundamental, a compreensão de que a natureza possui dinâmica própria e esta dinâmica provoca mudanças no espaço. Também, tem a obrigação de criar condições que levem ao entendimento de que a ação humana e as relações sociais estabelecidas têm efeitos diretos no espaço.

A geografia, portanto, se caracteriza como a disciplina que estuda o espaço, tendo a preocupação de entendê-lo como o espaço vivido, onde cada ação traz efeitos a curto, médio e longo prazo para todos os membros da sociedade e para a natureza. Cabe ainda à geografia dar subsídios para os educandos avaliarem as condições do presente e planejarem ações para o futuro, por meio da sociedade organizada.

Como ciência social, a geografia deve proporcionar o estudo de diferentes culturas, destacando o respeito à diversidade cultural, a liberdade de opinião e de expressão de cada indivíduo.

Para atender as suas atribuições, a disciplina deverá utilizar-se de vários recursos didáticos e metodológicos (textos, vídeos, imagens, gráficos, infográficos, tabelas, mapas, plantas, maquetes, etc.) e estar sempre interagindo com outras disciplinas curriculares.

Na rede municipal de ensino de Otacílio Costa a disciplina de geografia atende ao exposto em documentos oficiais, sendo oferecida nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Na organização curricular desta rede apresenta um objetivo geral da disciplina, um objeto geral, objetivos específicos e conceitos a serem desenvolvidos com diferentes níveis de intensidade em cada ano.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3:** organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

2.3.2.7 Fundamentos de Arte

“O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (LDB 9394/96)

A cultura é fundamental na formação de um sujeito. Esse desenvolvimento cultural amplia horizontes, abre perspectivas, proporciona experiências que aumentam a compreensão do mundo em que vivemos.

Arte, como disciplina na escola, gera conhecimento, valoriza os aspectos psicológicos, sociais, culturais, políticos e históricos de toda a comunidade escolar.

O Ensino da Arte hoje requer um professor conectado com o mundo real, virtual e com seus alunos, com “olhar artístico” da realidade que o cerca.

Cabe à escola ensinar a pensar a Arte e a fazer arte em suas várias formas de linguagem: visual (pinturas, escultura, cerâmica...), cênica, musical e a dança, possibilitando aos alunos lerem e interpretarem a produção artística (experiência artística). Isto tanto em seu processo de criação quanto em seu produto, como originária da organização de materiais e suportes. Para tanto, devemos considerar que o conceito de Arte está vinculado às referências e convenções artísticas inerentes à cultura de sua época (contextualização), passíveis de mudanças e elas mesmas instrumentos de transformação social. A comunicação bem como a apreciação estética apropria-se de uma diversidade de elementos para se constituírem. Os materiais e os suportes são instrumentos (externos) mediadores entre o artista e o que ele quer comunicar (signos internos).

Toda linguagem é um sistema simbólico ou sistema de signos, que servem como meio de expressão e comunicação entre os homens.

Linguagem: Oral, gráfica, tátil, auditiva, olfativa, gustativa, artística.

Linguagens Artísticas:

- Linguagem cênica (teatro e dança)
- Linguagem musical (música, canto)
- Linguagem visual (desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema...)

Portanto, toda linguagem é um sistema de representação pelo qual olhamos, agimos e nos tornamos conscientes da realidade.

Compreender imagens, sons e informações, pode contribuir para a leitura do mundo, ao qual o indivíduo pertence. Acima de tudo, a arte o transporta para além da realidade cotidiana, tornando-o mais humano e crítico, tendo a compreensão do processo de

criação e produção artística, no sentido de estar atento às questões sócio-culturais de seu contexto.

Desta forma, os principais eixos de conhecimento, que fundamentam essa Proposta são: a leitura, o contextualizar e a produção.

Leitura: Através da leitura desenvolve-se a sensibilidade, percepção e imaginação, na apreciação e conhecimento das produções da humanidade, da natureza, das diferentes manifestações culturais e das suas próprias.

PILLAR, ao refletir sobre a leitura da imagem, afirma:

Há uma decomposição visual da imagem no momento da leitura e ao mesmo tempo uma interpretação pessoal do observador. Comparar imagens destacando semelhanças e diferenças é um estudo muito enriquecedor acerca da gramática visual, dos significados que as obras possibilitam, de sua sintaxe e do vocabulário próprio de cada linguagem. (PILLAR, 1992, p. 9)

Contextualizar: é situar o conhecimento cognitivo e sensível das produções artísticas pessoais e da humanidade como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades. Encaminha um estudo não linear, em que o objeto artístico e cultural está colocado no tempo e no espaço.

Produção: É a capacidade de produzir, aprender e fazer. A produção refere-se à experiência que o aluno tem ao criar e construir através de materiais, suportes diversos, e linguagens artísticas estabelecendo uma articulação de significados e expressão, sistematizando ideias, conceitos, emoções e percepções.

Para encerrar nos reportamos aos PCNs quando afirma que:

Apenas o ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual, conhecer é também: * maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. (PCNs, 1997, p.35).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
John Dewey e o ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

PILLAR, A. **O vídeo e a metodologia Triangular no ensino da Arte**. Porto Alegre. UFRS; Fundação IOCHPE, 1992.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DA EDUCACAO E DO DESPORTO. **Diretrizes 3: organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades.** Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Universo da Arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSSQUE, Gisa. **A aventura de planar numa DVDteca.** Fonte: Boletim Arte na Escola nº38 – 2005.

2.3.2.8 Fundamentos do Ensino Religioso

A mudança do enfoque da disciplina de Ensino Religioso, para as escolas brasileiras, a partir da Lei n. 9.475/97 e os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais e a Resolução nº 07/2011, são fundamentos para o Ensino Religioso ministrado na Rede Municipal de ensino de Otacílio Costa.

Só é possível compreender o Ensino Religioso, a partir do humanismo, dos valores humanos e da reverência ao diferente. O ser humano não pode ser visto ou trabalhado em fragmentos. O ser humano é um só e deve ser visto como um todo, por isso a necessidade de uma formação integral. O mesmo vale para a educação e para o conhecimento, daí a necessidade de incluir o Ensino Religioso em busca de uma formação mais ampla e completa. Os fatos e circunstâncias não acontecem separadamente e sim em conjunto. Entretanto este conjunto deve estar em equilíbrio, administrando o racional, a sensibilidade e o espiritual.

Dessa forma, o objeto de estudo, na disciplina de Ensino Religioso, não é a causa e sim, o efeito ou consequência. O objeto de estudo não é o transcendente em si mesmo, centra-se no produto humano que se dá do encontro da pessoa com essa realidade, o fenômeno religioso. Produto que ao ser organizado, dá origem aos sistemas religiosos que alimentam cada cultura e as diversas tradições religiosas.

Como nas demais disciplinas segundo Baldessar (2008), é necessário pensar a operacionalização do trabalho docente. O Ensino Religioso como área do conhecimento apoia-se na: observação-reflexão-informação-ação, resultando numa práxis polida de todo preconceito religioso, cultural e social que perpassa a história da humanidade.

É indispensável uma educação voltada à religiosidade, pois nossa sociedade está cada vez mais pluralista ofertando espaço também para o transcendental. Temos atualmente, em nosso meio, grandes mudanças social e cultural. Sendo assim, devemos estar atentos, afim de não cairmos em demasia na futilidade e na banalidade.

Seguimos nesta Proposta o que orienta a Proposta Curricular de Santa Catarina para o Ensino Religioso, pois é fruto de um trabalho consciente de muitos educadores desta área do conhecimento.

Encaminhamento para elaboração conceitual:

Ser humano

- Orientações para o relacionamento com o outro, respeitando a autoridade;
- Conjunto de princípios de cada tradição religiosa;
- Fundamentação dos limites ético-morais propostos pelas várias tradições religiosas.

Conhecimento revelado

- Formas de revelação do revelante ao espaço sagrado.
- Origem da autoridade da palavra revelada, segundo as diversas tradições religiosas.
- A revelação do Transcendente, na visão das diversas tradições religiosas.
- Possíveis respostas norteadoras do sentido da vida: a ressurreição, a reencarnação, a ancestralidade e a inexistência de vida após a morte.

Conhecimento elaborado

- Evolução dos conhecimentos e das estruturas religiosas no decorrer dos tempos (História e Tradição Religiosa).
- Função Política das ideologias religiosas (Sociologia e Tradição Religiosa).
- Determinações da Tradição Religiosa na construção mental do inconsciente pessoal e coletivo (Psicologia e Tradição Religiosa).
- Descrição das representações do Transcendente nas tradições religiosas: exegese/comentários, teologias.
- Conjunto de mitos, crenças e doutrinas em cada tradição religiosa.
- Conhecimentos das práticas de reflexão do homem diante do Transcendente (Filosofia e Tradições Religiosas).

Diversidade das Práticas

- Descrição de práticas e rituais religiosos significantes, elaborados pelos diferentes grupos religiosos.
- Identificação dos símbolos mais importantes de cada tradição religiosa, comparando seu(s) significado(s).

- Estudo das práticas de espiritualidade utilizado pelas diferentes tradições religiosas no relacionamento com o transcendente consegue mesmo, com os outros e o mundo.

Caminhos de reintegração

- Autoridade do discurso religioso e das práticas religiosas, fundamentadas na experiência mística de quem a transmite como verdade do Transcendente para o povo.
- Conhecimento dos mitos e histórias, dos textos e das tradições orais de corporalidade e ancestralidade.
- Descrição do contexto sócio-político-religioso significativo em algumas tradições religiosas na redação dos textos sagrados e das tradições orais de corporalidade e ancestralidade.
- A análise e hermenêutica dos mitos e histórias, dos textos sagrados e das tradições orais de corporalidade e ancestralidade.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ALVES, R. **Conversa com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

BALDESAR, M. R. **Plano Anual: ensino religioso**. Formação de professores da rede estadual de ensino. 27ª Gerência Regional de Educação – 27ª GERED. Lages, 2008.

BOF, L. **Vida para além morte**. 7 ed., Petrópolis: Vozes, 1982.

BOWKER, J: **A fé no ocidente e oriente** - da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARON, Lourdes. **Educação religiosa escolar em Santa Catarina** - entre conquistas e concessões: uma experiência ecumênica com enfoque na formação de professores. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado. EST (Escola Superior de Teologia). 1995.

CARNIATO, Maria Inês. **A religião no Brasil**. 2 ed., 4ª série. São Paulo: Paulinas, 1992.

DIÁLOGO, **Revista de Ensino Religioso**. São Paulo: Paulinas, 1998 á 2008.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO: **Parâmetros curriculares nacionais de ensino religioso**. São Paulo: AM edições, 1997.

LOGEN, Mário Renato. **Redescobrimo o universo religioso: v8**. Petrópolis: Vozes,2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro, 2000.

NARLOCH, Rogério Francisco. **Redescobrimo o universo religioso**. v 5. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAUROSKI, Everson Araújo. **Redescobrimo o universo religioso**. v 7. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Lílian B. de. **Formação de professores de Ensino Religioso em Santa Catarina**. In. Ruedell, Pedro (Org). **Ensino Religioso e Ensino Superior: Caminhos e perspectivas**. RS: La Salle, Escola Superior de Teologia, Universidade de Caxias do Sul, Universidade do Vale dos Rios dos Sinos. 2002.

ROMANIO, Adilson Miguel. **Redescobrimo o universo religioso**. v 6. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DA EDUCACAO E DO DESPORTO. **Diretrizes 3: organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades**. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Ensino Fundamental: Disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

UNIVERSIDADE DO CONTESTADO. Curso de Ciência da Religião, **Proposta de conteúdos para o ensino religioso na educação infantil e fundamental**. Curitiba: 1999.

2.3.2.9 Fundamentos da Educação Física

A Educação Física, enquanto componente curricular é uma construção histórica, que depende fundamentalmente da concepção de homem, educação e sociedade, cujo objeto de significância é o corpo e as questões a ele relacionadas, ou seja, os aspectos sociais, afetivos, cognitivos, culturais e motores.

Com isso, possui um amplo conteúdo, construído através das diferentes manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos tempos. São eles: jogos, brincadeiras, danças, esportes, ginásticas. Todas essas atividades devem ter um enfoque diferenciado dependendo a série ou ciclo em que o aluno se encontra, assim conforme Castellani (2009), podemos definir:

•Jogo: “é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente”. Nos três primeiros anos das séries iniciais deverão estar voltados para temáticas da realidade da criança. Nas séries subsequentes o jogo deve já ter um enfoque voltado para a técnica, regras, desenvolvendo a capacidade de organizar-se, entendendo o treinamento como processo de preparação.

• Esporte: “Prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica.”. Dentre os esportes que a Educação Física aborda podemos citar: Futebol, Atletismo, Voleibol, Basquetebol, etc.

• Ginástica: “Pode-se entender a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, se abre a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral. (...) Constituem-se fundamentos da ginástica: “saltar”, “equilibrar”, “rolar/girar”, “trepas” e “balançar/embalar”. Por serem atividades que traduzem significados de ações historicamente desenvolvidas e culturalmente elaboradas, devem estar presentes em todos os ciclos em níveis crescentes de complexidade”

• Dança: “Considera-se a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social, que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc.” A princípio, as atividades de dança, podem ser livres, espontâneas e evoluir mais tarde para interpretações e habilidades mais aprimoradas, levando-se em consideração as expressões culturais da comunidade local e regional. Deve ser trabalhada em todos os ciclos.

Ao longo do tempo, a educação física passou por diversas mudanças, adaptada sempre ao momento histórico:

No que se refere à prática de atividade física em nosso país, o corpo dos indivíduos, concebido como corpo-instrumento, foi utilizado pela classe dominante ao longo de várias décadas: na valorização de um modelo específico de corpo (o corpo branco, higienizado e eugenizado desde a época da escravidão); quando colocado a serviço da Pátria (Segunda Guerra Mundial) ou quando se tornou um importante elemento para o mundo da produção, visando o desenvolvimento do incipiente indústria nacional (anos 50). O final dos anos 70 e o início dos anos 80 trazem à cena uma outra concepção de corpo: a de corpo-objeto. Esse é momento no qual podemos apreender o corpo, apropriado por um sistema que o torna “coisa” e o transforma assim, por meio de diferentes práticas corporais, esportivas ou não, em elemento fomentador de toda uma

“indústria corporal”. O corpo é consumido em modelos, em formas de movimentar-se, em adereços. O corpo-objeto é consumo, é venda, é lucro.

É preciso superar a visão de corpo como um simples objeto, um utensílio cuja preocupação básica é o rendimento e a produtividade tecida pelo lucro. O corpo não é um objeto passível de constante julgamento como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, feminino ou masculino... e a partir daí discriminado, deixando-se de lado a sua natureza dialética. “O corpo não deve ser uma peça que cumpre sua função dentro da engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem que tem como meta lucratividade a qualquer custo” (Medina). Cabe à Educação Física compreender e explicar o corpo, buscando despertar nos educandos uma consciência corporal que lhes permita perceberem-se no mundo em que vivem e de posse dessa consciência, interferirem criticamente no processo de construção da sociedade brasileira. (SÃO PAULO, 1992 p.13).

A educação física não pode mais ser vista como mera reprodução de atividades mecânicas, mas como forma de explorar as diversas possibilidades naturais do corpo físico respeitando seus limites, desenvolvendo a experiência corporal numa relação com o mundo e com a cultura da qual o aluno faz parte; expressando sentimentos e ideias. Cabe, portanto, direcionar o currículo principalmente nos anos iniciais para atividades oriundas do próprio meio em que a escola está inserida, ou seja, as brincadeiras, os jogos, a dança e os diversos movimentos próprios da sua comunidade.

Nos anos finais da mesma forma, deve-se possibilitar aos alunos uma diversidade de atividades desportivas, não somente esportes coletivos mais comuns praticados no Brasil, mas atividades em que o aluno tenha opção de escolha dentro de uma diversidade de práticas corporais como dança, ginástica, jogos e teatro, buscando uma identificação com a atividade proposta.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

CASTELLANI, L F; **Metodologia do ensino de educação física**. Editora Cortez, 2009. p. 65 a 84. São Paulo.

SÃO PAULO MUNICÍPIO. **Movimento de reorientação curricular** – Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 1992.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3**: organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos e essenciais, competências e habilidades. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

2.3.3 Expectativas de aprendizagem dos anos iniciais do ensino fundamental

2.3.3.1 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Língua Portuguesa

a) **Objetivo Geral:** Desenvolver a linguagem como um objeto de estudo e reflexão, da leitura compreensiva, da produção escrita e oral adequada e significativa, organizando ideias, demonstrando autonomia, visando o ato comunicativo.

b) **Objetivos Específicos**

- Compartilhar a escolha de obras literárias, a leitura, a escuta, os comentários e os efeitos das obras lidas com colegas.
- Usar os conhecimentos que tem sobre os autores para interpretar o texto.
- Perceber no texto lido a relação entre propósito e gênero de que faz parte.
- Planejar o texto antes e enquanto está escrevendo, levando em consideração, o propósito, o destinatário e a posição do enunciador.
- Consultar outros materiais de leitura que colaborem para a elaboração do texto.
- Revisar a própria produção enquanto escreve, refazendo diversas versões para elaborar um texto bem escrito e tomando decisões sobre a apresentação final deles.
- Selecionar informações, reunindo material sobre um tema, decidindo que textos são escolhidos e registrando por escrito aspectos importantes em encontrados.
- Elaborar resumos com as ideias principais do texto lido relacionando as informações lidas com o propósito estabelecido.
- Elaborar textos escritos para explicitar o que aprendeu e preparar exposições orais.
- Narrar oralmente fatos do cotidiano, compartilhando opiniões e debatendo temas polêmicos.
- Informar-se sobre notícias divulgadas em jornais e revistas e prestar atenção em como a publicidade comporta-se, refletindo, identificando o destinatário e discutindo sobre o que vê.

c) **Conceitos ao longo do Ensino Fundamental:**

Conceitos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º Ano
Textualidade : coerência/coesão (o que faz um texto um texto e não uma sequência de frases)	MI	AI	AI	AI	AI
Intertextualidade (um texto remete a outro texto-abertura e	AI	AI	AI	AI	AI

completude)					
Dialogia (cada sujeito é complemento necessário do outro)	AI	MI	MI	MI	MI
Discurso (Efeito de sentido produzido entre os interlocutores)	MI	MI	MI	AI	AI
Texto (unidade de linguagem em uso)	AI	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1º ANO
<p>Discriminação auditiva e visual (leitura de imagens)</p> <p>Expressão oral e escrita</p> <p style="padding-left: 20px;">Alfabeto e tipos de letras (traçado correto das letras, cursiva e script, maiúsculo e minúsculo, vogais e consoantes)</p> <p style="padding-left: 20px;">Leitura</p> <p style="padding-left: 20px;">Interpretação</p> <p style="padding-left: 20px;">Vocabulário</p> <p style="padding-left: 20px;">Ortografia e Pontuação Contextualizada</p> <p style="padding-left: 20px;">Sílabas, palavras e frases</p> <p style="padding-left: 20px;">Usos de sinais, símbolos, emblemas, logomarca</p> <p style="padding-left: 20px;">Diferenças entre escrita e desenho</p> <p style="padding-left: 20px;">Diferenças entre números e letras</p> <p style="padding-left: 20px;">Produção de diferentes gêneros textuais com ênfase à escrita espontânea</p> <p>Gêneros Textuais</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do narrar: contos/ histórias infantis, narrativa de aventura</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do relatar: reportagem, autobiografia, relato histórico</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do argumentar: palestra, discurso de defesa, discurso de acusação, texto de opinião</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do expor: exposição oral, entrevista, texto explicativo, relatório científico</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do descrever ações: instruções de montagem</p> <p style="padding-left: 20px;">Poesia: várias formas</p>
2º ANO
<p>Discriminação auditiva e visual (leitura de imagens)</p> <p>Expressão oral e escrita</p> <p style="padding-left: 20px;">Alfabeto e tipos de letras (traçado correto das letras, cursiva e script, maiúsculo e minúsculo, vogais e consoantes)</p> <p style="padding-left: 20px;">Leitura</p> <p style="padding-left: 20px;">Interpretação</p> <p style="padding-left: 20px;">Vocabulário</p> <p style="padding-left: 20px;">Ortografia e Pontuação Contextualizada</p> <p style="padding-left: 20px;">Sílabas, palavras e frases</p> <p style="padding-left: 20px;">Usos de sinais, símbolos, emblemas, logomarca</p> <p style="padding-left: 20px;">Diferenças entre escrita e desenho</p> <p style="padding-left: 20px;">Diferenças entre números e letras</p> <p style="padding-left: 20px;">Produção de diferentes gêneros textuais com ênfase à escrita espontânea</p> <p>Gêneros Textuais</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do narrar: contos/ histórias infantis, narrativa de aventura</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do relatar: reportagem, autobiografia, relato histórico</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do argumentar: palestra, discurso de defesa, discurso de acusação, texto de opinião</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do expor: exposição oral, entrevista, texto explicativo, relatório científico</p> <p style="padding-left: 20px;">Da ordem do descrever ações: instruções de montagem</p> <p style="padding-left: 20px;">Poesia: várias formas</p>

3º ANO

Discriminação auditiva e visual (leitura de imagens)

Expressão oral e Escrita

Alfabeto e tipos de letras

Leitura

Interpretação

Vocabulário

Ortografia e Pontuação Contextualizada

Sílabas, palavras, frases e textos

Produção de diferentes gêneros textuais

Recursos de coerência e coesão textuais

Gêneros Textuais

Da ordem do narrar: contos/ histórias infantis, narrativa de aventura

Da ordem do relatar: reportagem, autobiografia, relato histórico

Da ordem do argumentar: palestra, discurso de defesa, discurso de acusação, texto de opinião

Da ordem do expor: exposição oral, entrevista, texto explicativo, relatório científico

Da ordem do descrever ações: instruções de montagem

Poesia: várias formas

4º ANO

Discriminação auditiva e visual (leitura de imagens)

Expressão oral e Escrita

Alfabeto e tipos de letras

Leitura

Interpretação

Vocabulário

Frases e textos

Produção de diferentes gêneros textuais

Ortografia e Pontuação contextualizada

Recursos de coerência e coesão textuais

Gêneros Textuais

Da ordem do narrar: contos/ histórias infantis, narrativa de aventura

Da ordem do relatar: reportagem, autobiografia, relato histórico

Da ordem do argumentar: palestra, discurso de defesa, discurso de acusação, texto de opinião

Da ordem do expor: exposição oral, entrevista, texto explicativo, relatório científico

Da ordem do descrever ações: instruções de montagem

Poesia: várias formas

5º ANO

Discriminação auditiva e visual (leitura de imagens)

Expressão oral e Escrita

Alfabeto e tipos de letras (traçado correto das letras, cursiva e script, maiúsculo e minúsculo, vogais e consoantes)

Leitura

Interpretação

Vocabulário

Frases e textos

Produção de diferentes gêneros textuais

Ortografia e Pontuação contextualizada

Recursos de coerência e coesão textuais

Gêneros Textuais

Da ordem do narrar: contos/ histórias infantis, narrativa de aventura

Da ordem do relatar: reportagem, autobiografia, relato histórico

Da ordem do argumentar: palestra, discurso de defesa, discurso de acusação, texto de opinião

Da ordem do expor: exposição oral, entrevista, texto explicativo, relatório científico

Da ordem do descrever ações: instruções de montagem

Poesia: várias formas

2.3.3.2 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para História

a) Objetivo Geral: Construir conceitos de espaço, tempo, relações sociais, natureza e cultura, identificando situações em que possam exercer o direito à cidadania e o respeito ao meio ambiente.

b) Objetivos Específicos

- Relacionar espaço e tempo, construindo a noção cronológica e de periodicidade dos fatos.
- Identificar os sujeitos envolvidos nos diferentes tipos de acontecimentos (familiares, escolares e sociais).
- Perceber mudanças e permanências em hábitos culturais de povos e grupos no decorrer de determinado tempo.
- Estabelecer relações entre hábitos culturais tradicionais e contemporâneos.
- Reconhecer elemento do modo de vida urbana e rural.
- Fazer relações entre atividades locais e globais e acontecimentos históricos com a preservação da memória, de indivíduos, grupos e classes do bairro, da cidade, do nosso estado e nosso país, desde o Brasil colônia até o presente.
- Apontar marcas do passado na paisagem da cidade, do nosso estado e do nosso país, suas procedências e seus espaços de memória (museus, exposições).
- Distinguir o trabalho escravo livre, expondo as diferentes relações entre os moradores da cidade, do nosso estado e do nosso país, hoje e no passado.

- Utilizar marcadores de tempo de média e longa duração (décadas e séculos) e situar a história do aluno no tempo e no espaço.
- Confrontar informações colhidas em registros referentes aos mesmos acontecimentos históricos.

c) Conceitos

Conceitos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º Ano
Tempo (cronologia, relógio, tempo histórico, tempo diacrônico, tempo circular).	AI	AI	AI	AI	AI
Temporalidade (simultaneidade, ritmos de duração, permanência/rupturas).	BI	BI	MI	MI	AI

Tempo/espaço (espaço natural, espaço produzido, espaço político, espaço econômico, espacialidade, horizontalidade)	BI	BI	BI	MI	AI
Cultura (produções humanas nas diferentes sociedades/tempo/espaço. Expressões culturais)	AI	AI	AI	AI	AI

Memória (resgate histórico, o velho e o novo, referências do passado)	AI	AI	AI	AI	AI
Identidade (auto-identificação, sujeição e subjetividade, dominação, seleção de valores, diferentes mentalidades)	AI	AI	AI	AI	AI

Ideologia (diferentes visões de mundo, relações de poder, aparelhos ideológicos)	BI	BI	BI	BI	MI
Imaginário (mitos, lendas, crenças/religiosidade, práticas populares)	AI	AI	AI	AI	AI
Relações Sociais (organização das sociedades em diferentes tempos e espaços, classes sociais, conflitos sociais/resistências, relações de gênero).	AI	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Nome e sobrenome História do nome Datas comemorativas	Conhecendo a escola O cotidiano escolar Pessoas que trabalham na escola Datas comemorativas	Minha família Pessoas que compõem a família Vida Familiar e Social Datas comemorativas	Diversidade cultural Criança como sujeito de direito Datas comemorativas

2ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Eu na escola Conhecendo as pessoas da escola	Identidade Certidão de nascimento linha do tempo	Onde moramos O seu dia a dia Moradias indígenas	Criança, aprendendo a ser cidadão - ECA - Estatuto da Criança e do

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
Convivendo na escola Outras escolas Escola também tem história Escolas de outros tempos Datas comemorativas	Importância social da família Relações de parentesco Papel do homem, da mulher e da criança Tipos de famílias Datas comemorativas	Tipos de moradias Moradias de outros tempos e lugares Datas comemorativas	Adolescente Crianças em outros tempos e lugares – Diversidade Cultural Datas comemorativas

3° ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
Linha do tempo do aluno Medida do tempo e localização dos acontecimentos; Eu como parte de um grupo: Família, escola e sociedade – diferentes tempos e culturas. Datas comemorativas	Tipos de moradias do meu bairro. Linha do tempo do bairro Os bairros de Otacílio Costa Os meios de transportes nos bairros. Os meios de transporte na história. A economia do município. Histórias e lendas do município. Datas comemorativas	Documentos históricos Documentos históricos do município História da emancipação do município Caminho das tropas Lages/distrito/município Formação do povo de Otacílio Costa - Diversidade Cultural Linha do tempo do município. Datas comemorativas	Tempo e trabalho Trabalho indígena Trabalho escravo Trabalho no campo e na cidade. Trabalho infantil –ECA PETI no município. Datas comemorativas

4° ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
Santa Catarina Viajando pela história As grandes viagens oceânicas A chegada dos europeus Terra de indígenas Datas comemorativas	A ocupação das terras e a questão indígena Onde estão os indígenas? Os primeiros povoados O povoamento açoriano Datas comemorativas	Trabalhadores escravizados No caminho das tropas A província de Santa Catarina As mulheres em Santa Catarina Datas comemorativas	A vinda dos imigrantes O início da República O Estado de Santa Catarina Definindo Fronteiras A Cultura Catarinense Datas comemorativas

5° ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
As Grandes Navegações Primeiros Habitantes do Brasil (nativos); A chegada de Cabral no Brasil (Ilha de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz e Brasil); Conflitos entre portugueses e indígenas; Economia e Cultura indígena: caça, pesca, coleta e costumes. O povoamento das terras brasileiras (Capitanias)	Africanos no Brasil (comércio e escravidão); A ocupação das capitanias (Bandeirantes) Minas Gerais: a exploração do ouro, a sociedade mineradora, cobrança de imposto), Inconfidência Mineira (Tiradentes) Aleijadinho o artista barroco Ouro Preto, patrimônio cultural da humanidade. Datas comemorativas.	Vinda da família Real (1808) para o Brasil; Monarquia no Brasil; O primeiro Reinado; Revoltas no Brasil; Independência do Brasil; Organização do país (a 1° Constituição brasileira) O ciclo do café e o fim da escravidão. Datas comemorativas.	Os imigrantes O início da república : as leis e a constituição, Direitos Humanos, Estatuto da criança e do adolescente, Estatuto do idoso. A diversidade cultural do Brasil. Datas comemorativas

hereditárias). Datas comemorativas.			
--	--	--	--

2.3.3.3 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Ciências da Natureza

a) Objetivo Geral: Compreender a natureza como um todo dinâmico e o ser humano em sociedade, como agente de transformação do mundo em que vive em relação essencial com os demais seres vivos e outros componentes do ambiente, estabelecendo relações entre características e comportamentos, visando o respeito à biodiversidade.

b) Objetivos Específicos

- Reconhecer a importância da água no planeta em que vivemos.
- Reconhecer que os animais, o ser humano e as plantas são seres vivos.
- Identificar as partes das plantas.
- Identificar os órgãos dos sentidos e suas respectivas funções.
- Identificar partes do corpo humano.
- Reconhecer a importância dos hábitos de higiene para ter uma boa saúde.
- Valorizar a importância de ações simples do dia a dia que contribuem para a preservação do meio ambiente.
- Identificar os animais como seres vivos.
- Diferenciar os tipos de animais.
- Reconhecer que os alimentos podem ser de origem animal, vegetal e mineral.
- Situar-se no espaço e no tempo, sentindo-se sujeito da organização dos mesmos e capazes de intervir na construção e na reconstrução.
- Analisar a transformação da matéria.
- Reconhecer a perfeita organização do organismo humano, visto como um todo, dinamicamente articulado e que interage com o meio.
- Relacionar a interdependência do ser humano com os outros seres da natureza com base em teias alimentares.
- Reconhecer os alimentos como fonte de energia e materiais para o crescimento e a manutenção do corpo saudável.
- Comparar os principais órgãos e funções dos aparelhos respiratório, circulatório e excretor.

- Identificar os principais ossos do corpo humano.
- Identificar órgãos e sistemas.
- Valorizar a vida em todas as suas formas e manifestações, compreendendo que o ser humano é parte integrante da natureza e pode transformar o meio em que vive.
- Identificar diferentes ações humanas prejudiciais ao meio ambiente e conhecer ações alternativas menos danosas.
- Empregar conceitos científicos básicos.
- Reconhecer a necessidade de preservar ambientes e de recuperar os que já foram destruídos.
- Analisar as formas e a importância do uso de energia.

c) Conceitos

Conceitos	1º Ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Big-bang	BI	BI	BI	MI	MI
Meio Biótico e Abiótico- Água	BI	BI	AI	MI	MI
Meio Biótico e Abiótico- Solo	MI	MI	MI	MI	MI
Meio Biótico e Abiótico- Ar	BI	MI	MI	MI	AI
Meio Biótico e Abiótico- Seres Vivos	MI	MI	MI	BI	MI
Desenvolvimento sustentável	BI	BI	MI	BI	BI
Ciclo da matéria e energia	BI	BI	MI	MI	MI
Fenômenos físicos e químicos	BI	BI	BI	BI	MI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Corpo Humano: órgãos dos sentidos Higiene e alimentação Seres vivos e não vivos: semelhanças e diferenças	Preservação do meio ambiente: O lixo (desperdício, poluição e reaproveitamento)	Ciclo da água na natureza Cuidados com o ar, a água e o solo	Plantas: partes da planta

2ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Órgãos dos sentidos Doenças: sintomas e prevenção Doenças comuns: Viroses /verminoses Doenças causadas por bactérias Vacinas	Seres vivos e seres não vivos Identificando os seres vivos e não vivos Animais: Características (corpo, hábito de vida, locomoção, reprodução e alimentação)	Vegetais: Partes da planta Reprodução Necessidades das plantas Recursos Naturais (preservação do meio ambiente) Solo, Água, Ar	Produtos de origem vegetal Produtos de origem animal Planeta terra : O sistema solar Movimento de translação Movimento de rotação Sol, lua e fases da lua

	Animais em extinção		
--	---------------------	--	--

3ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
<p>O planeta Terra: Movimento de rotação Movimento de translação As estações do ano Luz e sombra O sistema solar Ar: O vento: Ar em movimento Formação dos ventos Força do vento Energia eólica</p>	<p>Solo: Importância do solo Formação do solo Poluição do solo Água: Ciclo da água Água e saúde Saneamento básico Abastecimento e tratamento de água Doenças transmitidas pela água A Água como recurso indispensável à vida; Educação Ambiental e Qualidade de vida: Conservação e preservação do meio ambiente</p>	<p>Seres Vivos: Classificação dos seres vivos Reino animal : vertebrados e invertebrados Reino vegetal: Partes da planta; Importância das plantas para os seres vivos Produtos de origem animal e vegetal Educação Ambiental e Qualidade de Vida: Reciclagem e coleta seletiva</p>	<p>Reprodução dos seres vivos: Animais e vegetais. Ciclo vital (nascer, crescer, amadurecer, reproduzir, envelhecer e morrer) O corpo humano: Partes do corpo humano Semelhanças e diferenças entre as pessoas Educação Ambiental e Qualidade de Vida: Destino dos resíduos sólidos</p>

4ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
<p>Alimentação Alimentação equilibrada Os grupos dos alimentos A pirâmide alimentar Alimentos industrializados Alimentos artesanais Composição e propriedades da água A água no planeta Terra Composição da água Propriedades da água Os estados físicos da água Mudanças dos estados da água</p>	<p>Cuidados com o solo Os usos do solo A superfície da Terra Alteração da superfície de nosso planeta A atmosfera O ar e suas propriedades Pressão e altitude Temperatura do ar Umidade do ar Influência do tempo no dia a dia Classificação dos animais vertebrados e invertebrados Semelhanças e diferenças dos animais</p>	<p>Funções vitais das plantas A fotossíntese Reprodução dos vegetais Plantas que podem prejudicar a saúde A alimentação dos seres vivos Cadeia alimentar Teia alimentar O mundo dos micro-organismos</p>	<p>Tratamento do lixo A produção do lixo A coleta e o destino do lixo Reutilizar o lixo Reciclar o lixo Tempo de decomposição de alguns materiais A origem da Terra: Formação dos continentes, Surgimento da Vida Surgimento do Ser Humano</p>

5ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
<p>A Terra e o universo. Água : importância e cuidados O solo e a produção de alimentos</p>	<p>Poluição do ar: camada de ozônio e efeito estufa. Os seres vivos e suas relações com o ambiente.</p>	<p>Nosso corpo: organização e funcionamento O corpo humano: regulação, reprodução e</p>	<p>Tipos de energia Fontes de energia: renováveis e não-renováveis. A energia elétrica</p>

		manutenção da vida	
--	--	--------------------	--

2.3.3.4 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Matemática

a) Objetivo Geral: Comunicar-se de modo matemático, argumentando, escrevendo e representando de várias maneiras (com números, tabelas, gráficos, diagramas) as ideias matemáticas; como meios para compreender e transformar o mundo a sua volta percebendo o caráter do jogo intelectual, característico da matemática, como aspecto que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas.

b) Objetivos Específicos

- Compreender as informações dadas nos enunciados dos problemas e desenvolver estratégias pessoais para a resolução de problemas que envolvam as ideias de juntar, comparar, separar e retirar.
- Ampliar o significado do número natural pelo seu uso no contexto social, bem como pelo seu reconhecimento de relações e regularidades dos sistemas de numeração.
- Interpretar situações problemas, compreendendo os diferentes significados das quatro operações envolvendo os números naturais.
- Refletir sobre procedimentos de cálculos que levem à ampliação do significado de números e das operações, utilizando a calculadora como estratégia de verificação de resultados.
- Interpretar dados apresentados de maneira organizada, a partir de situações problemas, utilizando recursos estatísticos e probabilísticos por meio de listas, tabelas, diagramas e gráficos em diferentes contextos do cotidiano.
- Vivenciar processos de resolução de problemas envolvendo representação do sistema monetário brasileiro, percebendo que para resolvê-los é preciso compreender, propor e executar um plano de solução, verificar e comunicar a resposta.
- Construir significado de número racional e de sua representação fracionária, a partir de seus diferentes usos no contexto social.

- Construir o significado das medidas, a partir de situações problemas que expressem seu uso no contexto social, que possibilitem a comparação e identificação de grandezas mensuráveis: comprimento, massa, capacidade e tempo.
- Utilizar unidades e instrumentos de medidas adequadas a cada situação, após estimativas prévias e comparação da estimativa com o resultado propriamente dito, interpretando e construindo tabelas e gráficos para a coleta de informações.
- Conhecer a história dos números.
- Reconhecer que existem números representados por uma parte inteira e fracionária.
- Efetuar corretamente cálculos simples, envolvendo porcentagem adquirindo conhecimentos para a vida prática.
- Relacionar os conhecimentos matemáticos com as outras áreas do conhecimento.

c) Conceitos

Conceitos		1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Números Naturais	Produção Histórico-cultural	AI	AI	AI	AI	AI
	Sistema de numeração decimal	AI	AI	AI	AI	AI
	Operações	AI	AI	AI	AI	AI
Números Inteiros	Produção Histórico-cultural	BI	MI	MI	MI	MI
	Operações	BI	BI	BI	MI	MI
Números Racionais	Produção Histórico-cultural	BI	AI	AI	AI	AI
	Operações	BI	MI	AI	AI	AI
	Proporcionalidade e Matemática Comercial/ Financeira (Razão/proporção)	BI	BI	MI	MI	MI
	Porcentagem	BI	BI	MI	AI	AI
	Sistema Monetário	MI	MI	AI	AI	AI
	Câmbio	BI	BI	MI	MI	MI
Números Irracionais e Reais	Produção Histórico-cultural	BI	BI	BI	BI	MI
	Operações	BI	BI	BI	MI	MI
Números Complexos	Produção Histórico-cultural	BI	BI	BI	BI	BI
Álgebra	Produção Histórico-cultural	BI	BI	BI	BI	BI
	Seqüências	BI	BI	BI	BI	MI
	Operações com expressões algébricas	BI	BI	BI	BI	MI
	Relações e funções	MI	MI	MI	MI	MI
	Equações, Inequações e Sistemas		BI	BI	BI	MI
	Matrizes e determinantes	BI	BI	BI	BI	BI
Geometria	Produção Histórico-cultural	MI	MI	MI	MI	MI
	Exploração do espaço tridimensional	MI	MI	MI	AI	AI
	Elementos do desenho geométrico	MI	MI	MI	AI	AI
	Estudo das representações geométricas no plano	MI	MI	MI	AI	AI
Geometria Analítica	Trigonometria	Produção Histórico-cultural				
		Relações Métricas e Trigonométricas				

Conceitos		1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
	Funções Trigonométricas					
Medidas	Produção Histórico-cultural	AI	AI	AI	AI	AI
	Comprimento, superfície, volume, capacidade, ângulo, massa, tempo, peso, velocidade e temperatura.	AI	AI	AI	AI	AI
Estatística	Produção Histórico-cultural	MI	AI	AI	AI	AI
	Leitura, interpretação e construção de tabelas e gráficos.	MI	AI	AI	AI	AI
	Análise combinatória	BI	BI	BI	BI	MI
	Probabilidade	BI	BI	BI	BI	MI
	Parâmetros Estatísticos: mediana, moda, média.	BI	BI	BI	BI	BI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI- baixa intensidade

d) Conteúdos

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
História da matemática Sistema de numeração decimal Contagem um a um Agrupamento Leitura e escrita de números de 0 a 9 Sequência numérica Sucessor e antecessor O zero Adição e subtração no concreto com quantidades até 9 Medidas de tempo (calendário) Noção de sistema de medidas (massa e comprimento) Instrumentos de medidas (balança e fita métrica) Dentro, fora, meio, acima e abaixo Situações problemas sem algoritmo Tratamento de informações Geometria	Números de 0 a 20 Agrupamento Dezena Identificação e comparação de numerais Leitura e escrita de números Sequência numérica de 0 a 20 Operação com adição maior que 10, com algoritmo Operação com subtração maior que 10 com algoritmo Elaboração de estratégias pessoais de cálculo Sucessor e antecessor Medidas de tempo (calendário) Tratamento de informações Geometria	Cálculos de quantidades Contagem um a um até 49 Adição e subtração até 49 sem reserva e sem agrupamento Noção de multiplicação como adição de quantidades iguais Medidas de tempo (relógio- hora cheia) Tratamento de informações Geometria	Sistema monetário Cédulas e moedas Comparação de medidas de capacidade, massa, comprimento, instrumentos de medidas Divisão composição e decomposição de quantidades até 10 Sequencia numérica até 99 Medida de tempo (hora cheia e meia hora) Educação para o consumo Tratamento de informações Geometria

2ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
-------------	--------------	---------------	--------------

Números : Números de 0 a 99 Dezena Agrupamentos de 10 em 10 Decomposição de um número Adição e subtração Adição e subtração com dezenas inteiras Tratamento de informações	Geometria : figuras planas Paralelepípedo e cubo Pirâmide e cone Cilindro e esfera Cálculo mental Algoritmo da adição Situações de subtração Algoritmo da subtração Localização, movimentação e simetria Tratamento de informações	Centena Números até 999 Sistema monetário Antecessor e sucessor Medida de comprimento Medida de tempo Medida de massa Medida de capacidade Tratamento de informações	Multiplicação: adição de quantidades iguais Dobro, triplo, quádruplo, quádruplo Divisão Repartir quantidades iguais Número par e ímpar Metade, terço Tratamento de informações
---	---	--	--

3ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Números: Escrita dos números Centenas, dezenas e unidades Decomposição e composição de um número O número 1000 – o milhar Milhares inteiros Maior ou menor (uso dos sinais) Arredondamentos Adição e subtração (por estimativa, termos) Tratamento de informações	Geometria: Figuras geométricas Planificação Vértices, faces e arestas em figuras não planas Cubos e paralelepípedos Prismas e pirâmides Cilindro, cone e esferas Figuras geométricas planas: Lados e vértices de figuras planas Adição e subtração com reagrupamentos números de dois e três algarismos Adição e subtração operações inversa Tratamento de informações	Multiplicação: Adição de parcelas iguais Combinando possibilidades Os termos da multiplicação Situações problemas com multiplicação Multiplicação por decomposição Localização e simetria: Malha quadriculada Figuras com simetria Simétrica de uma figura Mosaicos Tratamento de informações	Número: Classe dos milhares Divisão exata e divisão não-exata Termos da divisão Divisão por estimativa Algoritmo usual da divisão Número par e número ímpar Grandezas e medidas: Medidas de massa Medidas de tempo Medidas de capacidade Tratamento de informações

4ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Sistema de numeração Centena de Milhar Números - Ordens e Classes Adição e subtração: Cálculo mental Arredondamentos e estimativas Decomposição Reagrupamento Figuras Geométricas e suas representações (planas e não planas): Paralelepípedo	Multiplicação: Situações de multiplicação Termos da multiplicação Multiplicação por decomposição Algoritmos da multiplicação Divisão: Situações de divisão Divisão exata e não exata Relação entre multiplicação divisão Divisão por estimativa	Números Fracionários Frações e medidas. Adição com frações. Subtração com frações Frações e porcentagem Situações problemas com frações Tratamento de informações	Números Racionais; Números na forma decimal Medições e números na forma decimal Reta numérica e os números na forma decimal; Adição de números decimais Subtração de números decimais Medidas de massa Medidas de tempo

Ângulos retos e obtuso Polígonos e ângulos Tratamento de informações	Divisão por ordens Algoritmo usual da divisão Grandezas e medidas: Medidas de comprimento Perímetro de uma figura Áreas de figuras planas Centímetro quadrado Tratamento de informações		Medidas de capacidade Tratamento de informações
--	--	--	--

5ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
O nosso sistema de numeração Valor dos algarismos nos números Leitura e escrita de números, ordens e classes Comparações de números naturais Arredondamentos Adição e subtração Cálculo mental e estimativa Geometria: Poliedros e corpos redondos; Polígonos Ampliação e redução de figuras planas Circunferência e círculo Ângulos Medidas de ângulos Tratamento de informações	Multiplicação: Propriedades da multiplicação Divisão Divisões exatas e não exatas Divisão com divisor por dois algarismos Relação entre multiplicação e divisão Expressões numéricas Números na forma de frações Número misto Frações equivalentes Adição e subtração com frações Frações e porcentagem Tratamento de informações	Grandezas e medidas Metro e centímetro; Centímetro e milímetro Quilômetro e metro Perímetro Hora, meia hora e um quarto de hora Tonelada, quilograma, e grama Litro e mililitro Números na forma decimal Décimos e centésimos e milésimos Leitura de números na forma decimal Números na forma decimal e na forma de fração Adição e subtração na forma decimal Quociente decimal Divisão com números na forma decimal, Porcentagem Tratamento de informações	Segmento de reta e reta Retas paralelas e retas concorrentes Retas perpendiculares Triângulos Quadriláteros Paralelogramos com nomes especiais Medidas de temperatura Área em centímetros quadrados Áreas em metros quadrados e quilômetros quadrados Idéia de volume Tratamento de informações

2.3.3.5 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Geografia

a) Objetivo Geral: Construir conceitos de espaço, tempo, relações sociais, natureza e cultura, situações em que possam exercer o direito à cidadania e o respeito ao meio ambiente.

b) Objetivos Específicos

- Desenvolver a capacidade de ler o espaço, utilizando-se da linguagem cartográfica como forma de orientação, locomoção e localização.
- Sentir-se membro integrante da humanidade, consciente das contradições historicamente construídas e sujeitas a mudanças que estará capacitado a propor.
- Identificar as diferentes contribuições culturais na formação da população brasileira.
- Perceber as paisagens, o ritmo, as transformações dos espaços físicos e as relações sociais.
- Entender os fatores que geram a mobilidade social, buscando formas de mudança (autogestão) preservando a identidade num mundo globalizado.
- Reconhecer representações gráficas de objetos cotidianos na perspectiva vertical e oblíqua.
- Apontar dados sobre a população em representações pictóricas e mapas temáticos.
- Identificar as diferentes contribuições culturais na formação da população brasileira.
- Conhecer o processo de urbanização, tendo como referência os elementos do cotidiano e o modo de vida.
- Reconhecer a importância do saneamento básico, confrontando-o com o compromisso social e o direito do cidadão.

c) Conceitos

Conceito	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Espaço Geográfico (universal, global, continental, territorial, estadual, municipal e local);	AI	AI	AI	AI	AI
Espaço/Tempo (historicidade e movimento – dinâmica espacial);	AI	AI	AI	AI	AI
Espaço Produzido (economia, relações comerciais e internacionais);	AI	AI	AI	AI	AI
Espaço Representado (cartografia, desenho, topografia e fotografia);	AI	AI	AI	AI	AI
Lugar (espaço vivido);	AI	MI	MI	MI	AI
Território (desterritorialização, reterritorialização, relações de poder e fronteira política);	BI	BI	BI	MI	MI
Paisagem (natural e cultural);	AI	AI	AI	AI	AI
Meio ambiente (recursos renováveis e não renováveis, degradação/preservação, desenvolvimento sustentável);	BI	BI	MI	MI	MI
Sociedade (cultura, relações socioculturais, socioeconômicas e sociopolíticas).	AI	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Eu no espaço: lateralidade (frente, atrás, direita esquerda)	Preservação do espaço escolar A estrutura física da	A casa Partes da casa Planta baixa da casa	O espaço da rua (paisagem) Cuidados com o trânsito

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
Localização: pontos de referência na escola e na rua	escola		

2º ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
A Escola: As dependências da escola Conservação da escola Os profissionais da escola Representação da sala de aula	A Moradia: Diferentes tipos de moradia. Localização da moradia	A rua: As ruas são diferentes Localização das ruas Representação da rua A rua e o trânsito Paisagem da rua (ontem e hoje)	Paisagem natural e modificada Elementos da paisagem Área urbana e rural Preservação do meio ambiente

3ª ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
O bairro: A cidade tem muitos bairros. Conhecendo o bairro. Atividades cartográficas de localização, observar as paisagens nos bairros, localização dos bairros no município.	Paisagem do bairro (ontem e hoje) A localização (mapas, guia de ruas, pontos cardeais) Os espaços no bairro (lazer, comércio, serviços públicos) Localização: Município Limites do Município	Aspectos Físicos do Município Área. Clima. Vegetação. Relevo. Hidrografia. Área urbana e rural Recursos Naturais.	Atividades Econômicas do Município Administrações regionais Administração municipal

4º ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
Santa Catarina, um estado em construção Símbolos de Santa Catarina O estado de Santa Catarina (território, população e governo) A posição geográfica do estado de Santa Catarina Municípios e microrregiões geográficas Espaço urbano e espaço rural A ilha de Santa Catarina e a capital Florianópolis Litoral Relevo	Rede hidrográfica O problema da água Vegetação Clima Meio ambiente O povo e a construção do espaço humano catarinense A ocupação do espaço catarinense A população de Santa Catarina; A cultura catarinense	Produção de riquezas: Extrativismo Agricultura Criação de animais Indústria catarinense	Santa Catarina e o MERCOSUL Turismo Transporte e comunicação Modernização de Santa Catarina Conquistas tecnológicas

5º ANO

I° Bimestre	II° Bimestre	III° Bimestre	IV° Bimestre
-------------	--------------	---------------	--------------

Terra: continentes e representação O Brasil na América Aspectos do território brasileiro	Os climas do Brasil A vegetação brasileira O relevo brasileiro Os rios do Brasil	Distribuição da população e diversidade cultural As divisões regionais do Brasil Aspectos das grandes regiões do IBGE	Movimentos da população brasileira As desigualdades sociais Condições de vida e cidadania
--	---	---	---

2.3.3.6 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Arte

a) **Objetivo Geral:** Conhecer as representações artísticas de diferentes temas em diferentes épocas, percebendo as suas diferenças e aprender a criar as suas próprias representações, decodificando símbolos, sinais, marcas, sons e imagens que estão ao seu redor conscientizando-se da importância da preservação do patrimônio histórico.

b) **Objetivos Específicos**

- Perceber os valores estéticos das diferentes linguagens, com uma visão crítica, discernindo a essência da produção artística.
- Estabelecer relações da produção artística entre o passado e o presente, descobrindo-lhe o significado em novas sínteses e compreender o contexto em que foi criado.
- Estabelecer relações da produção artística entre o passado e o presente, descobrindo-lhe o significado em novas sínteses e compreender o contexto em que foi criado.
- Entender o artista como sujeito histórico, que expõe ao mundo seus anseios, sua individualidade, sua visão de sociedade e perceber-se um sujeito capaz de se manifestar, apropriando-se de linguagens artísticas.
- Interagir com os conhecimentos artísticos produzidos pela humanidade, através da pesquisa bibliográfica de materiais plásticos, cênicos e musicais.
- Apreciar os valores artísticos da cultura local e regional.
- Constituir-se um sujeito solidário, sensível, responsável, crítico, criativo, transformador em contato com a arte.
- Interagir-se com os conhecimentos artísticos produzidos pela humanidade, através da pesquisa bibliográfica e de materiais plásticos, cênicos e musicais.
- Compreender criticamente os modos e meios da produção artística em suas linguagens (visuais, cênicas e musicais) e as novas tecnologias (computação gráfica, scanner, fotografia

digital e softwares...) como novos suportes e instrumentos nas produções artísticas, veiculadas pela mídia como produtos e produtores de uma sociedade.

c) Conceitos

Conceito	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Produção Artística	AI	AI	AI	AI	AI
Produção Cultural	BI	BI	BI	BI	BI
Forma	AI	AI	AI	AI	AI
Cor	AI	AI	AI	AI	AI
Som	AI	AI	AI	AI	AI
Gesto	AI	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
EU Arte Rupestre Som natural Som produzido Retrato Autorretrato Apreciação de retratos e autorretratos de grandes mestres da pintura mundial, brasileira, regional e local.	Família Cantigas de Roda Músicas de ninar Artista: Botero Portinari Picasso Degas Gignard e outros	Animais representados em diversas técnicas artísticas Artistas: Aldemir Martins Andy Wachol Alexander Calder Marlete Palhano e outros	Brinquedos e Brincadeiras representadas em diversas épocas. (idade antiga, idade média, idade moderna, e contemporânea) Músicas infantis

2º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Surrealismo Abstrato Artista Joan Miró A música como fonte de inspiração para as obras surrealistas (poetizar escutando e apreciando diversas músicas * que trabalhem valores)	Natureza Impressionismo e Pontilhismo Artistas: Seurat Monet Van Gogh Renoir Frans krajcberg Sons da natureza (criar histórias com sons de animais, vento, água, e outros)	Escultura (esculpir e modelar) Artistas: Amílcar de Castro Lygia Clark Cleber Machado	Abstracionismo Suprematismo Artista: Paul Klee Mondrian Malevitch

3º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Paisagem regional e	Obras figurativas e não	Arte popular * (folclore)	Arte Circense

local: Artistas: Malinverni Filho Jonas Malinverni João Batista Apreciar músicas regionalistas	figurativas na arte catarinense	Artista: Volpi Músicas folclóricas	Artistas: O tema circo na obra pós- * impressionista (Pontilhismo) de Seurat. O tema circo na obra Primitiva de José Antônio da Silva Jogos cênicos (brincadeiras musicais circenses)
---	---------------------------------	---	---

4º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Textura natural e gráfica Artistas: Guido Heurer Franckilin Cascaes	Surrealismo Artistas: Vera Sabino	Arte Naiff (Primitiva ou ingênua) Paisagem marinha Paisagem rural Paisagem urbana Artistas: Gustavo Rosa Tercilia dos Santos	Cubismo (estilização das formas) Artistas: Vera Melim Clênio Souza e outros

5º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Pré-história (mundial com ênfase na pré-história brasileira) Diferentes tipos de sons	Representações da figura humana Arte Indígena brasileira e mundial Arte Pré Colombiana Arte Pré-Cabraliana (Marajoara e Santarém) Apreciar e representar músicas indígenas	Arte Africana/Brasil (estilização, deformação, rituais, afro, máscaras, monocromia e policromia)	Arte Barroca (Brasil) Aleijadinho Mestre Ataíde Pintura Barroca Arquitetura Barroca Escultura Barroca

2.3.3.7 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Educação Física

a) Objetivo Geral: Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde individual e coletiva.

b) Objetivos Específicos

- Identificar as características das brincadeiras vivenciadas (regras, estratégias, conteúdo e forma).
- Elaborar diferentes regras para brincadeiras.
- Adaptar-se a diversas formas de participação, facilitando a atuação dos colegas.
- Desenvolver por meio de habilidades cognitivas, motoras e afetivas, competências físico-sinestésicas, percepto-cognitivas e sócio-emocionais.
- Identificar as práticas discursivas presentes nos esportes que reforçam pejorativamente a identidade de raça, gênero, sexualidade e idade.
- Entender que a prática desportiva pode ser vivenciada no tempo/espaço de lazer, como esporte de rendimento ou como aptidão física e saúde.

c) Conceitos

Conceitos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Corporeidade	AI	AI	AI	AI	AI
Movimento	AI	AI	AI	AI	AI
Jogo	AI	AI	AI	AI	AI
Ginástica	AI	AI	AI	AI	AI
Dança	AI	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

1º ao 5º ANO			
Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Esquema corporal Orientação espacial Lateralidade Coordenação geral Equilíbrio Coordenação motora Percepção Ritmo	Esquema corporal Orientação espacial Lateralidade Coordenação geral Equilíbrio Coordenação motora Percepção Ritmo	Esquema corporal Orientação espacial Lateralidade Coordenação geral Equilíbrio Coordenação motora Percepção Ritmo	Esquema corporal Orientação espacial Lateralidade Coordenação geral Equilíbrio Coordenação motora Percepção Ritmo
Movimentos naturais ou dirigidos	Movimentos naturais ou dirigidos	Movimentos naturais ou dirigidos	Movimentos naturais ou dirigidos
Jogos recreativos Pequenos jogos Jogos cooperativos Jogos pré-desportivos	Jogos recreativos Pequenos jogos Jogos cooperativos Jogos pré-desportivos	Jogos recreativos Pequenos jogos Jogos cooperativos Jogos pré-desportivos	Jogos recreativos Pequenos jogos Jogos cooperativos Jogos pré-desportivos
Ginástica Natural Ginástica artística Ginástica Rítmica	Ginástica Natural Ginástica artística Ginástica Rítmica	Ginástica Natural Ginástica artística Ginástica Rítmica	Ginástica Natural Ginástica artística Ginástica Rítmica

Danças da região Danças folclóricas e regionais Musicalidade	Danças da região Danças folclóricas e regionais Musicalidade	Danças da região Danças folclóricas e regionais Musicalidade	Danças da região Danças folclóricas e regionais Musicalidade
--	--	--	--

2.3.3.8 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Língua Estrangeira/Inglês

a) Objetivo Geral: Compreender a importância do estudo da língua estrangeira/ inglês para um convívio harmônico no mundo plurilíngue onde o processo de comunicação aconteça possibilitando novas formas de se expressar, agir e interagir, utilizando esta linguagem em situações diversas.

b) Objetivos Específicos

- Identificar os elementos da estrutura que compõem os gêneros
- Compreender o contexto de produção
- Responder instruções ligadas a situações de sala de aula
- Perceber o uso de verbos para regra, pedido, obrigação e solicitação.
- Utilizar dicionários e enciclopédias da língua inglesa.
- Localizar informações e ideias principais em textos
- Relacionar imagem antecipando a compreensão do texto
- Selecionar palavras-chave para reconhecer significados e inferir o sentido de expressões com base no contexto
- Compreender regras e instruções (manuais, rótulos de embalagens, jogos etc.), identificando ações.
- Expressar-se usando pronúncia e entonação apropriadas
- Cantar ouvindo a canção, observando pronúncia e entonação.

c) Conceitos

Conceito	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Texto: (Unidade da linguagem em uso)	BI	BI	BI	BI	BI
Dialogia: (Cada sujeito é complemento necessário do outro)	BI	BI	BI	BI	BI
Discurso: (Efeito de sentido produzido entre os interlocutores)	BI	BI	BI	BI	BI
Intertextualidade: (Um texto remete a outro texto – abertura e	BI	BI	BI	BI	BI

interlocutores)					
Textualidade: Coerência /coesão. (O que faz de um texto e não uma sequência de frases)	BI	BI	BI	BI	BI
Interdiscursividade: (relação entre diferentes discursos) Obs. Trabalhar com menor intensidade.	BI	BI	BI	BI	BI
Polissemia: (Multiplicidade significativa da língua)	BI	BI	BI	BI	BI
Polifonia: (As vozes de que se constitui a língua)	BI	BI	BI	BI	BI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdo

1ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Greetings; saudações My family – minha família School objects – objetos da escola Colors – cores	Parts of the body – partes do corpo Numbers – 1 to 10 números My toys – meus brinquedos	Animals – animais Food – drink and fruit – comida – bebida e fruta Colors – cores	Clothes; roupas Nature; natureza Day and night Dia e noite Colors -cores

2º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Greetings; saudações My family – minha família Happy and sad – feliz e triste School objects – objetos da escola Colors – cores	What time is it? Que horas são? Colors – cores Fruit – food – drink – fruta – comida – bebida Toys – brinquedos	Animals – animais Adjectives:– adjetivos Numbers – números Clothes; roupas Colors – cores	Parts of the house – partes da casa Prepositions – preposições- games and toys; jogos e brinquedos Colors – cores

3º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Greetings: Saudações Numbers; Números Happy birthday – Feliz aniversário Food, drink and fruit – comida, bebida e fruta	Animals; animais Nature; natureza Sports – esportes	Professions – profissões Classroom and school objects – objetos da sala de aula e da escola	Adjectives – adjetivos Places, lugares Directions – direções

4ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Greetings: saudações Jobs – empregos Adjectives – adjetivos Personal pronouns: Pronomes pessoais Family – família	Where are you from? De onde você é? Countries and nationalities – países e nacionalidades Numbers – números Food and drinks – comidas e bebidas	Sports – esportes Days of the week – dias da semana Places – lugares Directions – left and right – direções – esquerda e direita Demonstratives pronouns: pronomes demonstrativos – this/these – that/those	How much is it? Quanto custa? Clothes – roupas Colors - cores Parts of the body – partes do corpo Verbo: can

5º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
-------------	--------------	---------------	--------------

Greetings; Saudações – cumprimentos. The English Alphabet; - O alfabeto inglês; The history of writing; - A história da escrita- Means of communication; Meios de comunicação; School and classroom objects; - Objetos da escola e da sala de aula; Articles – A/an – Artigos um – uma	Countries, flags and nationalities; Países, bandeiras e nacionalidades; Jobs; - empregos Uso de Where; - onde? Verb TO BE: – aff. Neg. Int. Demonstrative pronouns - This, That, These and Those – Pronomes demonstrativos – Este, esta, isto, estes, estas, aqueles, aquelas	The family – a família Cardinal and ordinal numbers; - números ordinais e cardinais; Animals; - animais	Snacks – lanches Sweets – doces How much? Quanto custa? Colors – cores Means of transport – meios de transporte Verb TO HAVE – aff – verbo ter
---	---	---	---

2.3.3.9 Expectativas de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental para Ensino Religioso

a) Objetivo Geral: Proporcionar ao educando o conhecimento dos elementos que compõe o fenômeno religioso, a partir de sua própria experiência, as formas que exprime o Transcendente, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade.

b) Objetivos Específicos

- Compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida e convivência das pessoas e grupos.
- Compreender que pela simbologia se expressa a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas experiências culturais.
- Conhecer a história da origem e formação dos textos sagrados, relacionando-os com as práticas religiosas significantes nos diferentes grupos.
- Perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura.
- Refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência através da resposta pessoal e comunitária do ser humano.
- Perceber a dimensão religiosa como um compromisso histórico diante da vida e do Transcendente para o estabelecimento de novas relações do ser humano com a natureza.
- Conhecer o sentido da vida sustentado pelas crenças, doutrinas, normas e métodos de relacionamento com o Transcendente, com os outros, com o cosmos e consigo mesmo.

c) Conceitos

Conceito	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º Ano
Ser humano	AI	AI	AI	AI	AI
Diversidade das práticas	BI	BI	MI	MI	MI
Conhecimento Elaborado	BI	BI	MI	AI	AI
Caminhos de Reintegração	MI	MI	AI	AI	AI
Conhecimento Revelado	BI	BI	BI	BI	AI

Legenda: AI alta intensidade MI média intensidade BI baixa intensidade

d) Conteúdos

1º Ano

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
O Eu Eu e o outro Ser amigo Eu e os outros somos nós A ideia do transcendente Deus	Diferenças religiosas Valores O respeito e a reverência pela crença do outro	Mitos de criação da natureza Eu e a natureza Viver em harmonia	Simbologia Cultura da paz A importância da oração, meditação e reflexão em nossa vida

2º Ano

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Eu e o outro nossas diferenças Eu e os outros na conquista da paz O sentido do sagrado em minha vida	Amizade lembranças na vida das pessoas Eu e a natureza Símbolos no cotidiano	Acontecimentos religiosos Ritos e rituais Cultura da paz	Palavras sagrada: Mitos, cantos, hinos e louvores Representação do transcendente

3º Ano

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Ser Humano como um ser sagrado Crescendo na sabedoria Ouvir no silêncio:oração, meditação e reflexão Nossas diferentes crenças	Eu – Família Comunidade: religiosa, clubes associações, bandas etc. Ação voluntária ECA, direitos e deveres Lembranças significativas na vida das pessoas Pessoas simbólicas	Eu, parte da natureza Literatura mitológica indígena e africana Mitos de criação Rituais de passagem: nascimento	A diferença entre respeito e reverência pela crença do outro O significado do termo transcendente, nas diversas tradições religiosas Porque orar, celebrar e rezar? O valor da vida nas tradições religiosas

4º Ano

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Somos diferentes porém iguais Nossos direitos e nossos deveres: decálogos religiosos	Religiosidade na família Nossa opção religiosa Tradições religiosas em Otacílio Costa Respeito às diferenças Interdependência entre	Mitologia o que é? Mitos indígenas e africanos: origem do ser humano A força do símbolo em “reunir”	Opção religiosa de cada um A minha contribuição para a paz Cooperação entre as pessoas O significado do termo

	todos os seres vivos Representação do transcendente nas tradições religiosas	Os símbolos nas diversas tradições religiosas Rituais nas religiões existentes em nosso município	transcendente nas diversas tradições O que é fé? Por que orar, celebrar e rezar?
--	---	--	--

5º Ano

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Limites e regras religiosas Humano como um ser sagrado Festas Religiosas Datas religiosas importantes	Nossas diferenças: olhos, tamanho, cabelo, roupas, costumes, gosto, meninos, meninas, etc. ECA – Estatuto da Criança e do adolescente: direitos, deveres Diferentes percepções do transcendente Amar e ser amigo Lembranças significativas na vida das pessoas	Textos Sagrados, escritos e orais: parábolas e mitos Por que as tradições indígenas e africanas veneram a natureza Gestos e palavras religiosas Iniciação religiosa	Atitudes que promovem a paz no mundo Pessoas que são exemplos na promoção da paz Líderes religiosos Podemos conhecer Deus? Religião e religiosidade

2.3.4 Organização da rotina escolar do 1º ao 5º ano do ensino fundamental

A pedagoga Fátima Guerra, da UnB (Universidade de Brasília) explica que a organização da rotina e dos espaços dentro da sala de aula ajuda a criança a se localizar no tempo e no espaço. Assim, elas aprendem a lidar com a noção de tempo e isso lhes dá segurança, pois elas podem antecipar o que está para acontecer.

a) Modelo de Organização da Rotina Para 1º Ano

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
	Roda da conversa Interação Ler diariamente para o aluno Leitura de imagens, interpretação de texto lido pela professora.	X	X	X	X
Linguagem oral/literária Produção de texto oral sobre assunto discutido em sala em que o professor é o escriba Propiciar momentos de leitura pelo aluno em dias alternados (mesmo que ele não saiba ler), através da disponibilidade de livros infantis, jornais, revistas, textos científicos, parlendas, músicas infantis, poesias, trava línguas, alfabeto, calendário, aniversariantes, nome dos colegas da turma,	X		X		X

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Atividades em pequenos grupos e/ou grandes grupos Natureza e sociedade Cantinhos variados onde a criança possa escolher estruturada pelo professor (Brincadeiras, jogos, cantigas atividades de concentração) Fazer registros utilizando a escrita, como a produção de listas de nomes de colegas, de frutas, brinquedos, animais com letras móveis ou lápis e papel.	X	X	X	X	X
Linguagem matemática Resolver situações problemas através de materiais concretos	X	X	X	X	X
Uso da Informática/ biblioteca Jogos alfabetizadores Pequenos vídeos ou filmes que ensinam	X	X	X	X	X
Novidade ou história Fazer cronograma com os alunos: cada dia um	X		X		X
Atividade em grandes grupos Estruturada pelo professor (Brincadeiras, jogos, cantigas atividades de concentração).	X	X	X	X	X
Lanche Organizar material	Cantar	Contar uma história ou parlenda	Um aluno conta uma novidade	Professor ler uma notícia	Fazer um jogo de concentração
Momentos ativos Brincadeiras, atividades criativas e jogos (Jogos com regras) (parque brincadeiras e jogos motores). Cantar. Declamar poesias já conhecidas.	X	X	X	X	X
Preparação para a saída Organizar o material e a mochila	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração

b) Modelo de Organização da Rotina Para o 2º Ano

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Roda da conversa Organizar por temas (Ensino religioso/ temas transversais)		X			X
Atividades em pequenos grupos/e/ou grandes grupos, (Cantinhos variados onde a criança possa escolher), estruturadas pelo professor (Brincadeiras, jogos, cantigas atividades de concentração).	X	X	X	X	X
Novidade ou história Ler diariamente para o aluno e oportunizar que contem uma história	X	X	X	X	X
Informática/biblioteca Produção textual - Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas) Jogos educativos e alfabetizadores Exercício da leitura de imagem e escrita Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas) Pequenos vídeos ou filmes que ensinam			X		
Linguagem matemática Trabalhar a matemática através de situações problemas e de forma significativa: (material concreto) Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X	X	X	X
Linguagem literária/oral e escrita Ler diariamente para o aluno Variar os gêneros literários Produção textual. Trabalhar a ortografia de forma lúdica e significativa Natureza e sociedade Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X	X	X	X
Lanche Organização da sala e do material (Brincadeiras, jogos, atividades de concentração).	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno conta uma novidade	Professor ler uma notícia	Fazer um jogo de concentração
Momentos ativos (parque, brincadeiras, passeio e jogos motores, dinâmica de grupo).	X	X	X	X	X
Preparação para a saída Organização da sala e do material	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração

c) Modelo de Organização da Rotina Para o 3º Ano

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Roda da conversa Temas transversais/Ensino Religioso Selecionar Desenvolver a oralidade e argumentação Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X		X		X
Linguagem oral/literária/ escrita (Cantinhos variados onde a criança possa escolher um jogo uma leitura ou desafio) Produção textual do leu ou jogou Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X	X		X
Novidade Leitura diária de diferentes gêneros literários Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X	X	X	X
Interação/pesquisa na sala de informática ou biblioteca Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)		X		X	
Natureza e sociedade (Pesquisa de campo) Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)			X		
Linguagem matemática (estruturada pelo professor: (Brincadeiras, jogos com regras, atividades de concentração, desafios e problematizações).	X	X			X
Lanche Antes organizar a sala e o material	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração
Momentos ativos (parque brincadeiras, passeios e jogos motores).	X				X
Preparação para a saída Organizar a sala e o material	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração

d) Modelo de Organização da Rotina Para o 4º Ano

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Roda da conversa temas transversais/ensino religioso	X				X
Atividades em pequenos grupos	X	X	X	X	X

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Ler todos os dias para os alunos utilizando os vários gêneros literários Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas) (Cantinhos variados onde a criança possa escolher jogos, desafios, leitura, caça palavra e palavra cruzada) (Cantinhos variados onde a criança possa escolher jogos, leitura, desafios, palavras cruzadas, caça palavra)					
Linguagem matemática Resolução de problemas (Brincadeiras, jogos, atividades de concentração).		X	X		X
Interação/pesquisa na sala de informática ou biblioteca Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)		X		X	
Atividade em grandes grupos: (estruturada pelo professor: (Brincadeiras, jogos, atividades de concentração). Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)			X		
Lanche Organizar a sala e cantar	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração
Momentos ativos (brincadeiras, passeios e jogos motores). Novidade, história, notícia ou reportagem; Natureza e sociedade (saída de Campo)		X		X	
Preparação para a saída Organização do material e da sala	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração

e) Modelo de Organização da Rotina Para o 5º Ano

ROTINA DIÁRIA E FLEXÍVEL LINGUAGEM ORAL/LITERÁRIA LINGUAGEM ESCRITA NATUREZA E SOCIEDADE LINGUAGEM MATEMÁTICA	2ª Feira	3ª feira	4ª feira	5ª-feira	6ª Feira
Roda da conversa temas transversais/Ensino religioso	X			X	
Linguagem oral/literária e escrita Ler todos os dias para os alunos utilizando os vários gêneros literários (Cantinhos variados onde a criança possa escolher jogos, desafios, leitura, caça palavra e palavra cruzada) Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X	X	X	X
Novidade, história, notícia ou reportagem; Natureza e sociedade (saída de Campo) Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)			X		X
Interação/sala informatizada e biblioteca Pesquisa, produção textual e digital Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)		X		X	
Lanche Organizar a sala Cantar	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração
Momentos ativos (brincadeiras e jogos motores, passeios).	X	X	X		X
Linguagem matemática Resolução de problemas (Brincadeiras, jogos, atividades de concentração). Interdisciplinar (utilizar-se de todas as áreas)	X	X		X	
Preparação para a saída Organizar a sala contar um o que é o que é	Cantar ou ouvir uma cantiga	Contar uma história/ poema/ parlenda	Um aluno contar uma novidade ou piada	Professor ler uma notícia ou comentar uma cena da TV	Fazer um jogo de concentração

2.3.5 Professores organizadores de 1º ao 5º ano – anos iniciais do ensino fundamental

Adriana da Silva Ortiz Valin

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil

Ana Cristina Flor

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Especialização: Psicopedagogia e Gestão Escolar

Andressa Alano Alves

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Especial

Ângela de Fátima Souza

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Beatriz Kniess Dias

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Carla Coelho Costa

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Especialização: Educação Básica e Educação Especial

Carine Pires

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Especialização: Prática Pedagógica em Gestão Escolar

Catiane Aparecida Ferreira Medeiros

Formação: Pedagogia

Cleonice Aparecida Velho

Formação: Pedagogia

Especialização: Prática Psicopedagógica Interdisciplinar e Gestão Escolar na Educação

Estirle Antunes Deboite

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Especialização: Gestão de Qualidade na Educação

Edna Maria Barbosa

Formação: Pedagogia

Especialização: Gestão Educacional

Elaine Cristina Koerich

Formação: Pedagogia

Fabiana Aparecida Felipe

Formação: Cursando Pedagogia

Fátima Aparecida Lima

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Fernanda Velho de Souza

Formação: Pedagogia

Geni Zóboli Silva

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Grazieli Carolina Vale

Formação: Pedagogia

Especialização: Séries Iniciais e Educação Infantil

Gorete Terezinha Telles

Formação: Pedagogia

Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Inauria Venturi Silveira

Formação: Pedagogia

Iolita Constante da Silva

Formação: Pedagogia

Especialização: Séries iniciais e Educação Infantil

Jane Terezinha Erckmann

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Jaqueline Klaumamn Kraus

Formação: Pedagogia

Lezy Patrícia Assink Máximo de Oliveira

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Luana Lehmkuhl

Formação: Pedagogia
Especialização: Gestão

Luciléia de Fátima Zimmermam

Formação: Pedagogia
Especialização: Prática Psicopedagógica Interdisciplinar e Gestão Escolar na Educação

Maria Juliana Palhano

Formação: Pedagogia e cursando complementação em Ed. Especial

Marlene Luiz Antunes

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Especial

Nilse Aparecida Muniz Ribeiro Schneider

Formação: Pedagogia
Especialização: Didática

Patrícia Machado dos Santos

Formação: Pedagogia

Quelen de Liz

Formação: Pedagogia

Rosangela Foltz

Formação: Pedagogia
Especialização: Gestão e Interdisciplinaridade em Educação Infantil e Séries Iniciais

Rosangela Oenig

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Sarguionara de Souza

Formação: Pedagogia
Especialização: Prática Psicopedagógica Interdisciplinar e Gestão Escolar

Selma Ferreira da Silva S. Prado

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Especial

Silvana Helena Borges Valim

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Silvana Xavier de Souza

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Especialização: Gestão Escolar

Simone Ludvig

Formação: Pedagogia

Sirlene Aparecida Andrade

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Sueli Terezinha de Souza Wolniewicz

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Suzana Antunes Beé

Formação: Pedagogia
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais

Tânia Santos

Formação: Pedagogia Séries Iniciais
Especialização: Séries Iniciais
Mestre em Educação

Vanessa Ferreira Martins Silva

Formação: Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Viviane Aparecida de Liz de Souza

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Especialização: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Waldirene Valim de Souza

Formação: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Especialização: Educação Básica e Educação Especial

Wanderléia Pereira Ortiz

Formação: Pedagogia

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MEC/Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1997 126p.

MEC/BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: 1998.

Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3: Organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos essenciais, competências e habilidades.** Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/Diretoria de Ensino Médio, 2001.

Lei nº 9394/96 – **Diretrizes e bases da educação nacional-** LDB. Brasília, 1996.

Leite, Márcia L.E.R: **Leitura, escrita e reflexão.** 2º ano: letramento e alfabetização linguística. São Paulo: FTD, 2008-(Coleção L.E.R).

MEC/BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Religioso. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. 1996.

REVISTA NOVA ESCOLA - Fundação Victor Civita. Editora Abril. Ano 2009. nº225, setembro p. 58-61.

REVISTA NOVA ESCOLA. Fundação Victor Civita. Editora Abril. Ano 2008. nº212, maio p. 71.

OLIVEIRA, M. H. **Retratos de uma caminhada** – a fala dos educadores e o não registro “oficial” das políticas públicas e suas implicações na educação infantil municipal do Bairro Fátima de Otacílio Costa (1984 a 2004). Lages: Ed. Do autor. Monografia UNIPLAC, 2005.

2.3.6 Organização Curricular para os Anos Finais do Ensino Fundamental

2.3.6.1 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Língua Portuguesa

a) Objetivo Geral da Língua Portuguesa: Desenvolver a capacidade de argumentação, por meio do diálogo, da leitura oral, com dramatização, elaboração de questionamentos de textos, para aprender a planejar a fala e a organizar o pensamento, resultando uma melhor interpretação, produção e escrita.

b) Objetivos Específicos

- Ler individualmente e em grupo, conhecendo os clássicos e identificar recursos linguísticos, procedimentos e estratégias discursivos para relacioná-los com seu gênero.
- Fazer parte de situações sociais de leitura, como as discussões sobre obras lidas e a indicação das apreciadas.
- Escrever breves ensaios sobre obras literárias, expressar seus pontos de vista frente ao texto e levantar argumentos.
- Aprofundar-se sobre determinado autor, lendo suas obras, confrontando as com interpretações, consultando textos sobre a vida e a produção dele, e explorar o estilo e os temas mais abordados por ele.
- Buscar informações, selecionando estratégias de leitura conforme os propósitos específicos.
- Complementar textos com informações provenientes de outras produções escritas, usando estratégias próprias de cada gênero.
- Questionar sobre temas de interesse geral expressando dados de várias fontes.

c) Conceitos

Conceito	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Texto: Unidade da linguagem em uso	AI	AI	AI	AI
Dialogia: Cada sujeito é complemento necessário do outro	AI	AI	AI	AI
Textualidade - coerência e coesão: O que faz de um texto um texto e não uma sequência de idéias	AI	AI	AI	AI
Discurso: Efeito de sentido produzido entre os interlocutores	BI	BI	BI	MI
Intertextualidade: Um texto remete a outro texto – abertura e completude	BI	BI	MI	MI
Polissemia: Multiplicidade significativa da língua	BI	BI	BI	MI
Polifonia: As vozes de que se constitui a língua	BI	BI	BI	MI
Interdiscursividade: Relação entre os diferentes discursos	BI	BI	BI	BI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos do 6º ao 9º ano

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Leitura, compreensão e interpretação textual Produção textual Linguagem verbal e não verbal Sílabas Classificação quanto ao número de sílabas Divisão silábica Tonicidade (sílabas tônicas e átonas) Letra e fonema Encontro consonantal, vocálico e dígrafo	Leitura, compreensão e interpretação textual Produção textual Substantivo: conceito e classificação Ortografia contextualizada Pontuação; tipos de frases Artigo: conceito e classificação	Leitura, compreensão e interpretação textual Produção textual Adjetivo: conceito e classificação Pronome Ortografia contextualizada	Leitura, compreensão e interpretação textual Produção textual Ortografia contextualizada Continuação dos pronomes Verbo

6º SÉRIE/ 7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Leitura, interpretação e produção textual Metodologia do trabalho escolar Conhecimentos linguísticos Tipos de Redação Comunicação verbal e não verbal Pontuação contextualizada Ortografia (contínuo) Revisão das classes gramaticais: (substantivo – adjetivos)	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Plural dos substantivos: (aumentativo e diminutivo) Pontuação contextualizada Adjetivos Tipos de sujeitos Pronomes Ortografia Verbos Tipos de Redação: Narração	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Ortografia Acentuação gráfica Pontuação contextualizada Classes gramaticais: (advérbio – pronomes)	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Adjetivos pátrios Verbos de ligação Acentuação gráfica Pontuação contextualizada Ortografia

7º SÉRIE/ 8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Leitura, interpretação e produção textual Metodologia do trabalho	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos

escolar Conhecimentos linguísticos Tipos de Redação Coesão e coerência Pontuação Classes de palavras (revisão) Frase – oração – período Termos da oração: (sujeito/predicado/adjuntos). Ortografia	linguísticos. Predicação verbal: (VI-VTD – VL – VTI – VTDI) Predicado – Verbal – nominal – verbo-nominal Complemento verbal: (OD – OI – ODI) Predicativo: (do sujeito e do objeto) Ortografia	linguísticos. Denotação e Conotação Emprego da palavra “porque”. Ortografia	linguísticos Adjunto adnominal e adverbial Concordância verbal e nominal Discurso direto e indireto Aposto e vocativo (continuação) Ortografia
--	--	--	---

8º SÉRIE/ 9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Leitura, interpretação e produção textual Metodologia do trabalho escolar Conhecimentos linguísticos Tipos de Redação Concordância – Regência e Flexão (contínuo) Frase – oração e período Período simples e composto Termos da oração Fonologia - fonema e letra Ortografia contextualizada (contínuo) Acentuação gráfica e pontuação	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Estrutura e formação das palavras Conotação e Denotação Palavras homônimas e parônimas Figuras de linguagem Ortografia contextualizada (contínuo) Acentuação gráfica e pontuação	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Período composto por coordenação: (Orações Coordenadas); Ortografia contextualizada (contínuo) Acentuação gráfica e pontuação	Leitura, interpretação e produção textual Conhecimentos linguísticos Sintaxe de regência Colocação pronominal Crase Versificação Ortografia contextualizada (contínuo) Acentuação gráfica e pontuação

2.3.6.2 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Língua Estrangeira/Inglês

a) **Objetivo Geral da Língua Estrangeira/ Inglês:** Compreender a importância do estudo da língua estrangeira/inglês para um convívio harmônico no mundo plurilíngue onde o processo de comunicação aconteça possibilitando novas formas de se expressar, agir e interagir, bem como, construir conhecimento sistêmico sobre como e quando utilizar esta linguagem em situações diversas.

b) **Objetivos Específicos**

- Analisar criticamente a importância e a finalidade de diversos gêneros, como textos literários, artigos, notícias, receitas, rótulos, diálogos e canções.
- Compreender o contexto de produção e identificar os elementos da estrutura que compõem os gêneros.
- Entender e dar informações em situações informais.

- Usar verbos e suas diversas conjugações, pronomes, conectivos, pontuação e vocabulário inseridos nos diferentes gêneros.
- Reconhecer o uso de voz passiva.
- Entender, avaliar e responder a instruções ligadas a situações de sala de aula (fechar o livro, prestar atenção).
- Avaliar ações de combinados, percebendo o uso de verbos para regra, pedido, obrigação e solicitação.
- Utilizar dicionários e enciclopédias.
- Localizar informações e ideias principais em textos.
- Diferenciar narração de fatos e informação de opinião.
- Apreciar um texto literário escrito em Língua Estrangeira.
- Relacionar imagem e texto.
- Selecionar palavras-chave para reconhecer significados e inferir o sentido de expressões com base no contexto.
- Compreender regras e instruções (manuais, rótulos de embalagens, jogos etc.), identificando ações.
- Expressar-se usando pronúncia e entonação apropriadas.
- Compreender características culturais, finalidade e estrutura de diferentes tipos de música e gêneros literários.
- Cantar ouvindo a canção, observando pronúncia e entonação.
- Explorar experiências vividas em situações de aprendizagem, respeitando a sequência temporal e causal.
- Produzir pequenos diálogos e textos.

c) Conceitos

Conceito	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Texto: (Unidade da linguagem em uso)	BI	BI	MI	MI
Dialogia: (Cada sujeito é complemento necessário do outro)	BI	BI	MI	MI
Discurso: (Efeito de sentido produzido entre os interlocutores)	BI	MI	MI	AI
Intertextualidade: (Um texto remete a outro texto – abertura e interlocutores)	BI	BI	BI	MI
Textualidade: Coerência /coesão. (O que faz de um texto e não uma sequência de frases)	BI	BI	MI	AI
Interdiscursividade: (relação entre diferentes discursos) Obs. Trabalhar com menor intensidade.	BI	BI	BI	BI
Polissemia: (Multiplicidade significativa da língua)	BI	BI	MI	MI
Polifonia: (As vozes de que se constitui a língua)	BI	BI	MI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Introduction Greetings Verb to be- Affirmative, Interrogative, Negative The alphabet Personal Pronouns Sports Cardinal Numbers Countries and nationalities Question Words	Simple present Possessive adjectives Family relationships Indefinite articles Singular and plural of nouns Colors	Occupations Demonstratives Pronouns: this/that – these/those School objects Time	The classroom Prepositions of time Clothing Adjective Pronouns Months of the year Days of the week Ordinal numbers

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Verb to be (review) Prepositions There to be Simple Present affirmative and negative Can Adverbs	Countable and uncountable nouns Numbers Time Personal pronouns	Simple Present Pronouns(review) Adjective- noun Possessive pronouns Regular and irregular plural of nouns	Present continuous Adjectives some/any Object pronouns Who questions

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Prepositions in, at, on, between, behind; There to be; Places in the city – locations, directions;	Future with going to Would like questions Who questions	Verb +gerund/ infinitive Comparative of adjectives Simple Past	Regular and irregular verbs

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Simple past regular e irregular verbs; Who questions; Time, expressions ; Prepositions	Quantifiers; Simple past regular e irregular verbs; Relative pronouns; There was /there were	Permissions can, may; Can, could(requests) Direct and indirect orders Past continuous	Present perfect; Phrasal verbs;

2.3.6.3 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Matemática

a) Objetivo Geral da Matemática: Comunicar-se de modo matemático, argumentando, escrevendo e representando de várias maneiras: (com números, tabelas, gráficos, diagramas) as ideias matemáticas, como meios para compreender e transformar o mundo a sua volta percebendo o caráter do jogo intelectual, característico da matemática, como aspecto que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas.

b) Objetivos Específicos

- Elaborar problemas matemáticos a partir da análise de situações cotidianas.
- Resolver situações-problema, analisando e interpretando diferentes significados das operações com números reais.
- Identificar problemas com grandezas diretas ou indiretamente proporcionais visando a resolução dos mesmos.
- Calcular juros simples e utilizar porcentagem para acréscimos e descontos.
- Reconhecer números irracionais e construir procedimentos de cálculo com eles. Identificar usos para as letras em situações que envolvem generalização de propriedades, incógnitas, fórmulas e relações numéricas e padrões.
- Construir procedimentos de cálculo para operar com frações algébricas. Usar os sistemas de equações.
- Representar a variação de duas grandezas em um sistema de eixos cartesianos. Fazer verificações experimentais e utilizar os teoremas de Pitágoras e Tales.
- Construir procedimentos de cálculo de área e perímetro de superfícies planas, área total Usar noções de cálculo de média aritmética e moda.
- Usar noções de espaço amostral e de probabilidade de um evento.
- Produzir textos escritos com base na interpretação de dados estatísticos.

c) Conceitos

Conceitos		6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Números Naturais	Produção Histórico-cultural	AI			
	Sistema de numeração decimal	AI			
	Operações	AI			
Números Inteiros	Produção Histórico-cultural	AI	AI		
	Operações	MI	AI	AI	AI
Números	Produção Histórico-cultural	AI	AI	AI	

Racionais	Operações		AI	AI	AI	
	Proporcionalidade e Matemática Comercial/ Financeira (Razão/proporção)		AI	AI	AI	AI
	Porcentagem		AI			
	Sistema Monetário					
	Câmbio		AI	AI		
Números Irracionais e Reais	Produção Histórico-cultural		MI	MI	AI	AI
	Operações		MI	MI	AI	AI
Números Complexos	Produção Histórico-cultural		BI	BI	BI	MI
Álgebra	Produção Histórico-cultural		MI	AI	AI	AI
	Sequências		AI	AI	AI	AI
	Operações com expressões algébricas		MI	AI	AI	AI
	Relações e funções		MI	MI	AI	AI
	Equações, Inequações e Sistemas;		AI	AI	AI	AI
	Matrizes e determinantes		MI	MI	MI	MI
Geometria	Produção Histórico-cultural		AI	AI	AI	AI
	Exploração do espaço tridimensional		AI	AI	AI	AI
	Elementos do desenho geométrico		AI	AI	AI	
	Estudo das representações geométricas no plano		AI	AI	AI	AI
	Geometria Analítica			MI	MI	MI
	Trigonometria	Produção Histórico-cultural			MI	AI
		Relações Métricas e Trigonométricas			MI	AI
		Funções Trigonométricas				MI
Medidas	Produção Histórico-cultural		AI	AI	AI	AI
	Comprimento, superfície, volume, capacidade, ângulo, massa, tempo, peso, velocidade e temperatura;		AI	AI	AI	AI
Estatística	Produção Histórico-cultural		AI	AI	AI	AI
	Leitura, interpretação e construção de tabelas e gráficos;		AI	AI	AI	AI
	Análise combinatória		MI	MI	MI	MI
	Probabilidade		MI	MI	MI	AI
	Parâmetros Estatísticos: mediana, moda, média.		MI	MI	MI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI- baixa intensidade

d) Conteúdos

6ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Formas Geométricas espaciais Os números Operações com números naturais Potências e raízes	Múltiplos e divisores Frações Ângulos e retas Polígonos e formas circulares	Números decimais Operações com números decimais Medidas de comprimento e medidas de tempo Medidas de superfície	Simetria Medidas de capacidade e medidas de massa Tratamento da informação

6ª SÉRIE / 7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Números Inteiros – Z Conceito e significado dos números negativos Operações com números negativos – Adição e Subtração	Ângulos Construções geométricas utilizando os ângulos Ângulos nas figuras geométricas planas.	Tratamento da Informação – Estatística Gráficos e tabelas Média Aritmética e Média ponderada. Possibilidades e	Expressões Algébricas, fórmulas e Equações Expressões algébricas Fórmulas Equação

Operações com números negativos – Multiplicação e Divisão. Operações com números negativos – Potenciação	Operações com medidas de ângulos Ângulos consecutivos e ângulos opostos pelo vértice Ângulos nos polígonos	probabilidades Proporcionalidade Razões Grandezas proporcionais Regra de três simples Escala de ampliação e redução Unidades de medida	
---	--	--	--

7ª SÉRIE /8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Ângulos Bissetriz de um ângulo Ângulos opostos pelo vértice Ângulos formados por feixe de retas paralelas Potências e Raízes Relembrando potências Potências de base 10 Raízes Exatas e Não exatas	Monômios e Polinômios Valor numérico de uma expressão algébrica – fórmulas Monômios, binômios e polinômios Operações com polinômio – adição e subtração Operações com polinômio - multiplicação Operações com polinômio – divisão	Produtos notáveis Fatoração Produtos Notáveis Fatoração de polinômios Polígonos Os polígonos Diagonais de um polígono Ângulos internos e externos dos polígonos	Equações e sistemas de equações Equações do 1º grau com uma variável Equações do 1º grau com duas variáveis Sistemas de equações resolução por substituição e adição

8ª SÉRIE /9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Raízes Radiciação Potências com expoente fracionário Propriedade dos radicais Simplificação e operação dos radicais Funções Noção de função Representação gráfica de uma função Função afim Equações do segundo grau Função quadrática Resolução de equações do 2º grau.	Funções Equações do segundo grau Função quadrática Resolução de equações do 2º grau Tratamento da Informação – Estatística Variáveis estatísticas. Distribuição de frequências Intervalo de classes Média aritmética, mediana moda	Relações métricas do Triângulo Retângulo – Trigonometria Relações métricas do Triângulo Retângulo Teorema de Pitágoras Razões Trigonometrias no Triângulo Retângulo	Matemática Financeira Revisão em Porcentagem Acréscimo e Desconto Juros Simples e Juros Composto Poupança compra parcelada e inflação

2.3.6.4 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Ciências da Natureza

a) Objetivo Geral das Ciências: Compreender a natureza como um todo dinâmico e o ser humano em sociedade, como agente de transformação do mundo em que vive, em relação essencial com os demais seres vivos e outros componentes do ambiente, estabelecendo

relações harmônicas entre o ser humano e a natureza visando contribuir para a preservação da vida no planeta.

b) Objetivos Específicos

- Organizar, individualmente e em grupo, relatos orais e registros sobre questões ambientais, estabelecendo relações entre as informações obtidas em fontes diversas e elaborando sínteses em tabelas, gráficos, esquemas, textos e maquetes.
- Relacionar a fotossíntese, a respiração celular e a combustão nos ciclos do carbono e do oxigênio para compreender o papel da vegetação, do desmatamento e das queimadas na atmosfera. Relacionar os sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) ao sistema nervoso.
- Reconhecer os agravos à saúde física e mental no uso e abuso de drogas, no sexo desprotegido, nas ações violentas e nos esportes radicais, considerando fatores psicológicos, culturais e sociais.
- Compreender o corpo humano e sua saúde como um todo integrado por dimensões biológicas, afetivas e sociais.
- Identificar símbolos e outras representações de aparelhos elétricos, como potência e tensão.
- Compreender a relação entre velocidade e energia de movimento. Comparar diferentes combustíveis, suas origens e seus usos.
- Sequenciar algumas transformações de energia que ocorrem em máquinas e equipamentos, como nos veículos, na iluminação e em eletrodomésticos.
- Comparar principais fontes e consumos de energia presentes na matriz energética brasileira. Investigar e comparar diferentes modelos explicativos da constituição da matéria ao longo da história.
- Identificar e estimar ordens de grandeza de espaço e tempo em escala astronômica, situando a Terra e o sistema solar.
- Reconhecer a existência da força gravitacional, associando-a à atração entre objetos na Terra e no Universo e relacionando-a às suas massas e respectivas distâncias.
- Comparar os modelos geocêntrico e heliocêntrico do sistema solar, relacionando-os a diferentes visões e a aspectos sociais, culturais e filosóficos.

c) Conceitos

Conceitos	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Big-bang	MI	MI	MI	MI
Meio Biótico e Abiótico- Água	AI	MI	AI	AI

Conceitos	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Meio Biótico e Abiótico- Solo	AI	MI	BI	BI
Meio Biótico e Abiótico- Ar	MI	MI	MI	MI
Meio Biótico e Abiótico- Seres Vivos	AI	AI	AI	BI
Desenvolvimento sustentável	BI	AI	MI	AI
Ciclo da matéria e energia	MI	AI	MI	AI
Fenômenos físicos e químicos	AI	MI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Seres vivos e o ambiente (Ecologia, Relações ecológicas Trocas de energia em um ecossistema; Degradação Ambiental e suas consequências) Planeta Terra (estrutura da Terra, rochas, recursos naturais)	Solo Estudando a água (propriedades, composição, estados físicos)	Água e Saúde (tratamento e doenças relacionadas a água) Estudando o ar atmosférico (composição do ar, o ar e a saúde)	Estudando as propriedades do ar (vento, noções de meteorologia) Astronomia (astros, sistema solar, planeta Terra e seus satélites)

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Características dos seres vivos Evolução dos seres vivos. Classificação dos seres vivos	Os vírus: seres sem reino; Reino Monera (bactérias e cianofíceas) Reino dos Protistas (protozoários e algas unicelulares) Reino dos Fungos (fungi)	Os animais Invertebrados Platelmintos, Nematelmintos e Anelídeos Artrópodes: insetos, crustáceos, aracnídeos, quilópodes e diplópodes, equinodermos	Animais Vertebrados Peixes Anfíbios Répteis Aves Mamíferos Reino Plantae

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Células (função, tipos de células e organização celular) Multiplicação de células (mitose e meiose) Tipos de tecidos encontrados no corpo humano (epitelial, conjuntivo, muscular e nervoso)	Alimentação: função de nutrição Sistema digestório: Digestão Sistema circulatório: Defesa do corpo	Excreção e respiração Revestimento e sustentação do corpo Coordenação e sentidos	A reprodução humana: Dos órgãos reprodutores ao ciclo de vida Genética e hereditariedade: Síndromes genéticas e doenças hereditárias

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Constituição da matéria Propriedades da matéria Estados físicos da	Átomos Teorias atômicas Íons Número atômico e número de massa	Diferença entre deslocamento e distância total percorrida Trajetória Tempo	Aceleração Movimento acelerado Movimento retardado Movimento retilíneo uniformemente variado

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
matéria Mudanças de estado de físico da matéria Substâncias puras Misturas Fenômenos Aditivos químicos	Isótopos, isóbaros e isótonos; Tabela periódica Características da tabela periódica	Movimento retilíneo Movimento curvilíneo Velocidade Média	Grandezas escalares e grandezas vetoriais As leis de Newton Força de atrito Trabalho Potência

2.3.6.5 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para História

a) **Objetivo Geral da História:** Conhecer o modo de vida de diferentes grupos em diversos tempos e espaços, suas manifestações: culturais, econômicas políticas e sociais, reconhecendo nas suas histórias semelhanças e diferenças, continuidades e discontinuidades, conflitos e contradições sociais, percebendo-se como sujeito capaz de contribuir para mudanças históricas valorizando a paz como forma de resolução de conflitos.

b) **Objetivos Específicos**

- Identificar transformações temporais quanto às formas diferenciadas de ocupação do espaço e às mudanças na paisagem pelas populações, desde a Antiguidade até a contemporaneidade.
- Apontar mudanças na organização social quanto ao comércio, à produção de alimentos e no uso de recursos naturais em espaços diferenciados.
- Reconhecer a importância do patrimônio étnico-cultural e artístico para a preservação e construção de memórias e identidades.
- Coletar informações de fontes históricas, como textos, imagens, objetos, mapas urbanos e edificações.
- Localizar no tempo e no espaço as sociedades estudadas.
- Valorizar atitudes de respeito à diversidade étnica e cultural.
- Dar importância aos intercâmbios entre as diferentes sociedades e às negociações na mediação de conflitos.
- Conhecer as mudanças na organização dos espaços e os conflitos sociais.
- Identificar transformações técnicas na produção e nas relações de trabalho vindas com a Revolução Industrial.
- Comparar a organização social e o espaço urbano das primeiras cidades industriais com o município em que se vive, inserindo-o na organização política e territorial brasileira.

- Conhecer o processo de organização das nações européias, de independência política do Brasil e de construção do Estado nacional brasileiro.
- Estabelecer uma relação entre política e cultura, expressa em manifestações religiosas, artísticas e educacionais.
- Identificar as lutas políticas e sociais da população do município e os espaços de participação pública atuais.
- Conhecer a organização da república.
- Identificar os poderes econômicos e institucionais atuais no município.
- Reconhecer a importância dos movimentos pela igualdade de direitos.

c) Conceitos

Conceitos	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Tempo	AI	MI	MI	MI
Temporalidade	AI	AI	AI	AI
Tempo/Espaço	AI	AI	AI	AI
Cultura	AI	AI	AI	AI
Memória	MI	MI	MI	MI
Identidade	MI	MI	MI	MI
Ideologia	MI	MI	MI	MI
Imaginário	AI	MI	MI	MI
Relações Sociais	AI	AI	AI	AI
Relações Sociais de Produção	MI	MI	MI	MI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
História, Cultura e tempo- (História e fontes históricas, cultura e tempo) Pré-história também é História (Sobre a origem do ser humano Os primeiros povoadores da Terra, A pré-história brasileira)	Civilizações da África e do Oriente – (Mesopotâmia, Egito, A Núbia e o Reino de Kush, Hebreus, fenícios e persas, China)	Civilizações do Ocidente: Grécia Antiga (O mundo grego e a democracia, A cultura grega)	Civilizações do Ocidente: Roma Antiga- (Roma Antiga, O Império Romano, A crise de Roma e o Império Bizantino)

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Europa Medieval	Árabes, Africanos e	Mudanças na Europa	América e Europa

	Chineses		encontros e desencontros
--	----------	--	--------------------------

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Povos movimentos e territórios na América portuguesa	Revoluções na Europa e na América	Independências na América	Brasil e Estados Unidos no século XIX

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
A era dos Impérios República dominação e resistência	Capitalismo, Totalitarismo e Guerra; Mundo dividido	Populismo e Ditadura no Brasil	A nova ordem mundial

2.3.6.6 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Geografia

a) Objetivo Geral da Geografia: Construir conceitos de espaço, tempo, relações sociais, natureza e cultura, coletando, analisando, comparando dados visando a intervenção consciente sobre a realidade.

b) Objetivos Específicos

- Relacionar implicações socioambientais do uso das tecnologias em diferentes contextos históricos geográficos e comparar processos de formação socioeconômica.
- Identificar e compreender a importância dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando as transformações naturais com a intervenção humana.
- Apontar os significados históricos da geopolítica, considerando as relações de poder entre as nações, e compreender e analisar o papel dos blocos econômicos e geopolíticos.
- Identificar diferenças e relações entre o local em que se vive e a pluralidade de lugares existentes, percebendo o direito dos povos como um elemento de fortalecimento da sociedade.
- Entender o papel das sociedades na constituição do território, da paisagem e do espaço.
- Analisar diferentes formas de produção, circulação e consumo para compreender a organização política e econômica.
- Ler e interpretar mapas e imagens, relacionando-os com questões da realidade mundial para compreender os conceitos de Estado e território.

c) Conceitos

Conceito	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Espaço Geográfico (universal, global, continental, territorial, estadual, municipal e local);	AI	AI	AI	AI

Espaço/Tempo (historicidade e movimento – dinâmica espacial);	AI	AI	AI	AI
Espaço Produzido (economia, relações comerciais e internacionais);	AI	AI	AI	AI
Espaço Representado (cartografia, desenho, topografia e fotografia);	AI	AI	AI	AI
Lugar (espaço vivido);	AI	MI	MI	MI
Território (desterritorialização, reterritorialização, relações de poder e fronteira política);	MI	AI	AI	AI
Paisagem (natural e cultural);	AI	AI	AI	AI
Meio ambiente (recursos renováveis e não renováveis, degradação/preservação, desenvolvimento sustentável);	AI	AI	AI	AI
Sociedade (cultura, relações socioculturais, socioeconômicas e sociopolíticas).	AI	AI	AI	AI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
<p>Espaço e Tempo</p> <p>Espaço (conceito de espaço, espaço natural e humanizado)</p> <p>Tempo (conceito de tempo, o tempo do homem e o tempo da natureza)</p> <p>Origem do universo</p> <p>A Terra no universo</p> <p>A teoria de <i>Big Bang</i></p> <p>O sistema solar</p> <p>Estrutura e representação da Terra</p> <p>Movimentos da Terra: características e consequências.</p> <p>Solstícios e equinócios.</p> <p>Camadas da Terra.</p> <p>Biosfera (relevo, hidrografia, clima e Vegetação)</p>	<p>Orientação e localização no espaço</p> <p>Meios de orientação (pontos de referência, pontos cardeais e colaterais, bússola, Rosa-dos-ventos, Sol, Lua, Cruzeiro do Sul)</p> <p>Leitura e representação espacial: tipos e usos de mapas (legenda, convenções cartográficas, fontes, escalas, título)</p>	<p>Coordenadas geográficas</p> <p>Paralelos e meridianos</p> <p>Latitude e longitude</p> <p>Zonas térmicas da Terra.</p> <p>Fusos horários</p>	<p>Espaço geográfico e as diferentes atividades produtivas</p> <p>A natureza como fonte de vida.</p> <p>A apropriação e as transformações da natureza através do trabalho humano</p> <p>Os setores da economia: primário, secundário e terciário</p> <p>As paisagens: naturais, culturais e geográficas</p> <p>Espaço: organização e diferenças (urbano/rural – riqueza/pobreza)</p> <p>Impactos ambientais decorrentes da apropriação e transformação do meio</p>

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
<p>O território brasileiro</p> <p>Processo de formação</p> <p>Povoamento</p> <p>Economia colonial: origem e ocupação do Brasil e riquezas exploradas</p> <p>O espaço brasileiro</p> <p>Contextualização do Brasil no mundo e no continente americano</p> <p>Aspectos políticos: estados (capitais), municípios, distritos, bairros;</p> <p>A população brasileira</p>	<p>Regionalização do espaço geográfico</p> <p>Conceitos e critérios da divisão regional brasileira: as cinco regiões brasileiras (IBGE)</p> <p>Regiões geoeconômicas</p> <p>Nordeste</p> <p>Ocupação inicial do Brasil e organização do espaço</p> <p>Economia agroexportadora</p> <p>Característica e</p>	<p>Sudeste</p> <p>Ocupação do espaço geográfico pela mineração</p> <p>A cafeicultura e as ferrovias</p> <p>A dinâmica natural, social, política e econômica.</p> <p>Sul</p> <p>Ocupação: o tropeirismo e a inserção no Brasil</p> <p>Imigração estrangeira;</p> <p>Exploração florestal,</p>	<p>Centro-oeste</p> <p>Fatores iniciais da construção do espaço</p> <p>Ocupação recente: eixos migratórios</p> <p>A dinâmica natural, social, política e econômica</p> <p>Norte</p> <p>Construção do espaço a partir da extração do látex</p> <p>Reservas extrativas</p> <p>Biodiversidade: interesse internacional</p> <p>Desenvolvimento sustentável</p> <p>Questões atuais da Amazônia (desmatamento, fronteiras</p>

Composição Distribuição Dinâmica (migrações e crescimento populacional)	perspectivas sócio-econômicas A dinâmica natural, social, política e econômica	uso do solo e impactos decorrentes A dinâmica natural, social, política e econômica	políticas e agrícolas, terras indígenas, exploração de minerais) A dinâmica natural, social, política e econômica
---	---	--	--

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
A formação do mundo desenvolvido e subdesenvolvido Origem dos termos desenvolvimento e subdesenvolvimento. Bases históricas do subdesenvolvimento (fases do capitalismo, colonialismo e neocolonialismo). Fatores causadores do subdesenvolvimento. O mundo subdesenvolvido América Latina: regionalizações e aspectos físicos e gerais.	O mundo subdesenvolvido. América Latina: países de industrialização tardia (indústria, agropecuária, blocos econômicos – MERCOSUL). Países americanos de economia primária (extrativismo e agropecuária). África: colonização e aspectos culturais.	O mundo subdesenvolvido. África: aspectos físicos e ambientais, regionalização e economia Ásia: capitalismo e colonialismo, aspectos físicos e ambientais, regionalização e economia	O mundo subdesenvolvido Ásia: economias com base no petróleo, na agropecuária, na extração mineral e no turismo Oriente Médio: características gerais, Israel e a Palestina, focos de tensão e conflitos

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
A organização do espaço e a sociedade no mundo globalizado O capitalismo e o socialismo e a organização do espaço (bipolarização, multipolarização) O desenvolvimento e subdesenvolvimento no mundo globalizado Os grandes blocos econômicos mundiais: o mundo globalizado (as relações entre países e regiões) As novas fronteiras regionais e as questões étnicas, religiosas e culturais Europa. Aspectos naturais, sociais, econômicos e políticos.	Europa União Européia Países ex-socialistas Relações internas e externas Potências americanas do Atlântico Norte. Aspectos físicos e formação territorial A valorização econômica do território. Canadá: espaço integrado ao dos Estados Unidos	O espaço geográfico asiático Economia e regionalização As potencialidades (limitações econômicas) Aspectos naturais e socioeconômicos e os impactos ambientais Conflitos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, culturais e étnicos) Grandes potências socioeconômicas: China, Japão, Índia e Tigres Asiáticos	Rússia e CEI Contexto natural, político e econômico. Oceania e regiões polares A composição do continente oceânico Austrália e Nova Zelândia (modelo econômico). A questão Antártica (tratados, exploração e presença brasileira)

2.3.6.7 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Arte

a) Objetivo Geral da Arte: Conhecer as representações artísticas de diferentes temas e épocas, percebendo as suas características e criando as suas próprias representações, símbolos, sinais, marcas, sons e imagens que estão ao seu redor conscientizando-se da importância da preservação do patrimônio histórico.

b) Objetivos Específicos

- Entender o artista como sujeito histórico, que expõe ao mundo seus anseios, sua individualidade, sua visão de sociedade e perceber-se um sujeito capaz de se manifestar, apropriando-se de linguagens artísticas.
- Estabelecer relações da produção artística entre o passado (antes do modernismo) e o presente (modernismo e contemporâneo), descobrindo-lhe o significado em novas sínteses e compreender o contexto em que foi criada.
- Apreciar e compreender os valores artísticos da cultura local e regional.
- Constituir-se um sujeito solidário, sensível, responsável, crítico, criativo, transformador em contato com a arte.
- Interagir com os conhecimentos artísticos produzidos pela humanidade, através da pesquisa bibliográfica e de materiais plásticos, cênicos e musicais.
- Analisar criticamente os modos e meios da produção artística em suas linguagens (visuais, cênicas e musicais) e as novas tecnologias (computação gráfica, scanner, fotografia digital e softwares...) como novos suportes e instrumentos nas produções artísticas, veiculadas pela mídia como produtos e produtores de uma sociedade.
- Perceber os valores estéticos das diferentes linguagens, como uma visão crítica, discernindo a essência da produção artística.

c) Conceitos

Conceito	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Produção Artística	AI	BI	MI	MI
Produção Cultural	BI	BI		MI
Forma	AI	AI	AI	AI
Cor	AI		MI	MI
Som	AI		MI	MI
Gesto	AI		MI	MI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6ª ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
História da Arte Trajetória artístico/cultural, pesquisa a leituras e suas	Pré-história: arte (mundial) ruprestre mão em negativo, cores, tintas e instrumentos	Arte Egípcia Música Egípcia	Arte grega e Romana Arte Bizantina

obras/imagens visuais que retratam a cultura de uma época e suas histórias, a exemplo de: Debret e Victor Meireles	utilizados pelos homens na pré-história Sons naturais e produzidos Harmonia		
--	---	--	--

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
História da arte. O renascer da Arte- Renascimento Artista: Leonardo Da Vinci, Michelangelo e outros Canto gregoriano e polifônico. Música italiana.	Arte popular: Vick Muniz Música Popular Brasileira: *Charlie Brown Jr ; Lixo e o luxo * Fala mansa: Lixo no lixo	História da arte Cubismo Mundial e Brasileiro Artistas: Pablo Picasso, Georges Braque, Rego Monteiro e Tarsila do Amaral	História da arte Movimento artístico Abstracionismo Artistas: Piet Mondrian, Wassily Kandinsky Música Lírica

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
História da arte Arte Barroca Mundial e Brasileira Música Sacra	Arte Afro: Rubem Valentim Mestre Didi Música Afro: samba, pagode. Família Caimi, Milton Nascimento	História da arte. Pop Art	História da arte Pop Art: Andy Warhol Arte da Propaganda, histórias em quadrinhos Os ícones da música pop Elvis Presley

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Modernismo no Brasil Música: MPB, Músicas brasileiras	História da arte História em quadrinhos Cartum Ziraldo Maurício de Souza Música: Rap	História da arte Graffiti Música: Rip-Hop Gabriel o Pensador	História da arte Arte contemporânea. Artista: Arthur Bispo do Rosário Moda: vestuário, antiga, moderna e contemporânea Música: antiga, moderna e contemporânea

2.3.6.8 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Ensino Religioso

a) Objetivo Geral do Ensino Religioso: Proporcionar ao educando o conhecimento dos elementos que compõe o fenômeno religioso, a partir de sua própria experiência, as formas que exprime o Transcendente na superação da finitude humana, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade.

b) Objetivos Específicos

- Conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no cotidiano.
- Compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida e convivência das pessoas e grupos.
- Compreender que pela simbologia se expressa a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas experiências culturais.
- Conhecer a história da origem e formação dos textos sagrados, relacionando-os com as práticas religiosas significantes nos diferentes grupos.
- Conhecer o sentido da vida sustentado pelas crenças, doutrinas, normas e métodos de relacionamento com o Transcendente, com os outros, com o cosmos e consigo mesmo.
- Perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura.
- Conhecer a evolução da estrutura religiosa e respectiva formação da ideia do Transcendente no decorrer dos tempos.
- Analisar as diferentes mudanças culturais que determinam as ideologias religiosas que perpassam a redação dos textos sagrados e os determina como verdade do Transcendente para um determinado grupo.
- Analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e na manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais.
- Conhecer as possíveis respostas norteadoras dadas perante a vida além-morte, pelas tradições religiosas, como orientadoras das crenças, normas e atitudes éticas dos fiéis.
- Refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência através da resposta pessoal e comunitária do ser humano.
- Perceber a dimensão religiosa como um compromisso histórico diante da vida e do Transcendente para o estabelecimento de novas relações do ser humano com a natureza.
- Conhecer o sentido da vida sustentado pelas crenças, doutrinas, normas e métodos de relacionamento com o Transcendente, com os outros, com o cosmos e consigo mesmo.

c) Conceitos

Conceito		6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Ser humano	Alteridade Valores <u>Limites ético/morais</u>	MI	MI	AI	AI
Conhecimento Revelado	Formas de revelação Autoridade da revelação	AI	AI	BI	AI

	Sentido da vida				
Conhecimento elaborado	Ideia do Transcendente Estruturas religiosas Ideologias religiosas Divindades Determinações das tradições religiosas Verdades da Fé	AI	AI	AI	AI
Diversidade das práticas	Rituais Símbolos Espiritualidades	BI	BI	AI	BI
Caminhos de Reintegração	Narrativas Sagradas Contexto Cultural/hermenêutica Textos sagrados orais e escritos	AI	AI	MI	MI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
Ensino Religioso o que é? Objetivo e Formas de avaliação do ER. O que é religiosidade Nossa concepção do transcendente Podemos conhecer a Deus Deus imanente e transcendente Experiência Religiosa e Mudança de Atitude	As Religiões do Mundo Somos diferentes Quem é o outro (amizade) Ajudando-nos uns aos outros Construindo a cultura da paz A paz nas Tradições religiosas A palavra sagrada, narrativas e livros	As formas de revelação do transcendente no espaço sagrado O sagrado na natureza O sagrado em meu coração. Símbolo e vida Símbolos religiosos Somos seres históricos Nossa identidade Ritos de passagem	As formas de manifestações culturais e religiosas (dança, máscaras, festas) O mundo que temos e o mundo que queremos

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
As várias formas de oração A fé nas tradições religiosas Nossos desejos Textos sagrados Mitologia	Arquétipos religiosos (água, fogo, terra, sangue) Os ritos presentes na vida Alegria de conviver	A liberdade religiosa Máximas religiosas Ensinar ou punir Os líderes religiosos Tradição Indígena Sincretismo afro-brasileiro Cristianismo no Brasil Religiosidade da região serrana	Textos sagrados Palavra, arma de amor Dimensão essencial da pessoa humana A questão religiosa no Brasil A questão religiosa em Otacílio Costa Compromisso social nas tradições religiosa

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
-------------	--------------	---------------	--------------

Viver juntos o sentido da vida Vida: Um valor nas tradições religiosas Nossa escala de valores Projeto: projeto fazendo a cabeça e de cabeça feita	Cultura e religião: qual seu envolvimento Orientações de vida nas normas, crenças e doutrinas nas Tradições Religiosas; Compromisso social nas tradições religiosa Agir segundo a justiça	Conhecimentos das práticas de reflexão do homem diante do transcendente Textos sagrados Palavra, arma de amor Dimensão essencial da pessoa humana Gostar de si mesmo é legal A alegria de conviver	Tradição Indígena Sincretismo afro-brasileiro Cristianismo no Brasil Religiosidade da região serrana Religiosidade de Otacílio Costa
---	--	---	--

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
O sentido da palavra religião Classificação das religiões Elementos constitutivos da religião Líderes religiosos Religião e religiosidade A percepção da transcendência	Família: educando na religião Crescendo assumindo compromissos Ritos de passagem (adolescência) A fundamentação dos limites éticos estabelecidos pelas Tradições Religiosas	Gestos e palavras nas tradições religiosas As respostas elaboradas para vida além-morte pelas Tradições Religiosas: Ancestralidade, Reencarnação, Ressurreição, Nada Rituais fúnebres A vida após a vida	A verdade que orienta o fiel através de mitos, crenças e das doutrinas; Hinduismo Budismo Cristianismo Islamismo Espiritismo Confucionismo Xintoísmo

2.3.6.9 Expectativas de aprendizagem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental para Educação Física

a) Objetivo Geral da Educação Física: Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde individual e coletiva.

b) Objetivos Específicos

Ser críticos perante a tentativa de imposição da indústria cultural.

- Reconhecer a intencionalidade de políticas esportivas públicas e do terceiro setor.
- Analisar os programas televisivos, as crônicas esportivas e a publicidade e seus efeitos.
- Identificar as características das brincadeiras vivenciadas (regras, estratégias, conteúdo e forma).
- Elaborar formas variadas de textos.
- Adaptar formas de participação, facilitando a atuação dos colegas.
- Compreender os mecanismos de construção do mito do atleta.

- Conhecer e relacionar os tipos de modalidade esportiva com os espaços sociais onde ocorrem.
- Identificar as práticas discursivas presentes nos esportes que reforçam pejorativamente a identidade de raça, gênero, sexualidade e idade.
- Entender que a prática esportiva pode ser vivenciada no tempo/espaço de lazer, como esporte de rendimento ou como aptidão física e saúde.

c) Conceitos

Conceitos		6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Corporeidade/ Movimento					
Jogo	Jogos tradicionais, Jogos de faz de conta, jogos de construção, Jogos Pré-esportivos e Dramatização;	MI	MI	MI	MI
Ginástica	Ginástica Formativa, Ginástica Olímpica e Rítmica;	MI	MI	MI	MI
Dança	Brinquedos cantados, cantigas de roda, atividades rítmicas, linguagem gestual, expressão corporal, danças folclóricas, danças populares, modernas e clássicas, danças de salão;	MI	MI	MI	MI
Esporte	Atletismo, Handebol, Basquetebol, Voleibol, Futebol, Tênis de mesa e outros.	BI	BI	MI	MI

Legenda: AI- alta intensidade MI – média intensidade BI-baixa intensidade

d) Conteúdos

6º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
FUTSAL Histórico Considerações sobre o futsal Noções de algumas regras Fundamentos: Passes Domínio Condução da bola Drible Chute Xadrez Ginástica Atletismo.	VOLEIBOL Histórico Considerações sobre o voleibol Voleibol no Brasil Regras básicas Rodízio Posição de expectativa Fundamentos: toque, manchete, saque por baixo, Minivoleibol A quadra	BASQUETEBOL Histórico Considerações sobre o basquetebol; Regras básicas; Posições básicas Drible Passes Arremessos Manejo da bola	HANDEBOL Histórico Considerações sobre o handebol Handebol no Brasil Regras Básicas Fundamentos: Recepção Passes Progressão Arremessos Cobranças Dança

6ª SÉRIE/7º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
-------------	--------------	---------------	--------------

FUTSAL Revisão do histórico Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos: Passes Domínio Condução de bola Drible Chute Goleiro Noções dos tipos de marcação Xadrez Ginástica e atletismo	VOLEIBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos: (toque, manchete parado e em deslocamento, saque por baixo e por cima) Iniciação ao Ataque Noções de sistema 6x0 Posição de expectativa	BASQUETEBOL Regras Manejo Aperfeiçoamento dos fundamentos Giros Rebote Passes Arremessos parados Posição Básica de defesa Noções de ataque e defesa Marcação individual	HANDEBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos Sistema ofensivo revisão e aprofundamento Sistema defensivo revisão e aprofundamento Dança
---	--	--	--

7ª SÉRIE/8º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
FUTSAL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos Aperfeiçoamento dos tipos de marcação Sistema Tático Arbitragem Xadrez Ginástica Atletismo	VOLEIBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos Aperfeiçoamento dos tipos de marcação Sistema Tático Arbitragem	BASQUETEBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos Marcação por zona Sistema de ataque Arremessos: bandeja, jump	HANDEBOL Regras Aprofundamento dos fundamentos Goleiro Revisão dos sistemas Dança

8ª SÉRIE/9º ANO

Iº Bimestre	IIº Bimestre	IIIº Bimestre	IVº Bimestre
FUTSAL Aperfeiçoamento de todos os conteúdos desenvolvidos nas séries anteriores Xadrez Ginástica Atletismo	VOLEIBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos: Toque Manchete Bloqueio Saque Ataque Defesa Sistemas	BASQUETEBOL Aperfeiçoamento de todos os conteúdos desenvolvidos nas séries anteriores	HANDEBOL Regras Aperfeiçoamento dos fundamentos Sistema ofensivo revisão e aprofundamento Sistema defensivo revisão e aprofundamento Dança

2.3.7 Professores organizadores anos finais do ensino fundamental

GEOGRAFIA

Eliane Correia

Formação: Ciências Sociais

Especialização: História e Geografia

Tânia Tristão

Formação: Ciências Sociais
Especialização: História e Geografia

Casiana Macedo

Formação: Geografia
Especialização: Psicologia Social e Comunitária

Ariane Alano Alves

Formação: História e Geografia
Especialização: Metodologia do Ensino de História

HISTÓRIA

Ariane Alano Alves

Formação: História e Geografia
Especialização: Metodologia do Ensino de História

Elisangela Tambosi

Formação: Ciências Sociais
Especialização: Gestão Pública

Laura Georgina Ribeiro

Formação: Ciências Sociais e Serviço Social
Especialização: Psicopedagogia

Mateus Muniz

Formação: História

ENSINO RELIGIOSO

Maria Gorete de Souza

Formação: Ciências da Religião
Especialização: Gestão de Qualidade na Educação

Rosangela Maria Baldessar

Formação: Ciências da Religião e Serviço Social
Especialização: Gestão de Qualidade na Educação

CIÊNCIAS DA NATUREZA

Carina Macedo Velho da Silva

Formação: Ciências Biológicas
Especialização: Gestão Escolar e Prática Interdisciplinar

Cristiane Alves de Jesus

Formação: Ciências Biológicas

Eli Teresinha Beber

Formação: Biologia
Especialização: Projetos em Biologia

Maipê de Fátima Freitas da Silva

Formação: Ciências Biológicas
Especialização: Educação Ambiental

Sandra Regina Costa

Formação: Ciências Biológicas
Especialização: Educação Ambiental

MATEMÁTICA

Adriano Almeida

Formação: Matemática

Especialização: Metodologia do Ensino

Marli Luis Frutuoso

Formação: Matemática

Especialização: Educação Especial

Eliane Salete Vargas Medeiros

Formação: Ciências do 1º grau

Especialização: Gestão Educacional

Jeane Apª Amarante de Liz Hugem Souza

Formação: Matemática

Especialização: Metodologias Inovadoras para o Ensino da Matemática

Sinara Apª de Souza de Moraes

Formação: Matemática

Valmir de Liz

Formação: Matemática

EDUCAÇÃO FÍSICA

Flavia Cunha

Formação: Educação Física

Gilmar Manoel Frutuoso

Formação: Educação Física

Especialização: Educação Especial

Jean Carlos Pitz

Formação: Educação Física

Especialização: Educação Básica e Educação especial

Juliano Antunes Dias

Formação: Educação Física

Especialização: Recreação

Moacir Roberto de Farias

Formação: Educação Física

Maycon Juliano Bernardino

Formação: Educação Física

Especialização: Esporte Escolar

Sergio S. de Lima

Formação: Educação Física

Especialização: Esporte Escolar e Desenvolvimento Psicopedagógico

Suzana Galindo Coelho Valente

Formação: Educação Física

Especialização: Esporte Escolar

ARTE

Angelita Assink

Formação: Arte

Especialização: Arte Educação

Ariane da Rosa Souza

Formação: Arte Educação

Denize Machado Xavier

Formação: Arte

Especialização: Arte Educação

Lucimara Branco

Formação: Educação Artística - Artes Plásticas

Especialização: Metodologia do Ensino Superior

Simone Zapeline Ávila

Formação: Arte Educação

Especialização: Psicopedagogia

LÍNGUA PORTUGUESA

Edivani Menzem Laviniki

Formação: Letras

Especialização: Metodologia e prática interdisciplinar de ensino

Jania Maier

Formação: Letras

Especialização: Produtor e revisor de textos

Terezinha A. de Jesus

Formação: Letras

Especialização: Língua Portuguesa: produção e revisão de textos

Naiane de Quadra da Silva

Formação: Cursando Letras

LÍNGUA ESTRANGEIRA/INGLÊS

Ana Miranda de França

Formação: Letras

Especialização: Metodologia Interdisciplinar do Ensino

André de Carli

Formação: Letras

Claudia Maier

Formação: Letras

Dayane Wiggers

Formação: Letras

Joice Ronconi Almeida

Formação: Letras

Maria Salete de Andrade

Formação: Letras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, como fenômeno social e como processo humano/humanizante, resiste a um modelo ou formato que se possa julgar pronto e acabado.

Como um processo inacabado, esta Proposta está aberta para incorporar outras e mais fascinantes qualidades.

O mesmo vale para a escola, como instituição social, pois, ela evolui e se transforma historicamente e, na medida em que se transforma, aprende. Aprendendo com sua história e com a história dos sujeitos que nela vivem, a escola se constrói e se transforma.

Esta Proposta Curricular para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Otacílio Costa é um produto de muitas ideias, sonhos, culturas e características de muitas pessoas, que refletiram as múltiplas vivências e experiências.

Não é um documento perene e muito menos vazio de intencionalidade, porque é histórico. Histórico como seus autores e aplicadores. Sua elaboração foi um processo, um processo que é construção dinâmica e que não se esgotou porque a história continua...

Temos certeza que este documento, resultado de um trabalho coletivo, é um bom fruto para a educação no município. Tão rico quanto é a lembrança vivida.

Neste processo, enquanto construímos um documento, também nos construímos e nos re-construímos como profissionais e como pessoas, vivendo a gostosa aventura da aprendizagem, que queremos compartilhar com as crianças e adolescentes das nossas comunidades.

Departamento de Ensino Fundamental

REFERÊNCIAS

Adaptação feita pelo departamento de ensino, supervisores, suportes pedagógicos e professores da Rede Municipal de Ensino de Otacílio Costa. **Diretriz 3: organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos essenciais, competências e habilidades.** Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental/ Diretoria de Ensino Médio, 2001. Santa Catarina. Secretária de Estado da Educação e do Desporto. Março e abril de 2011. Otacílio Costa. SC

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998.<www.presidencia.gov.br/legislacao>. Acessado em 01-12-2010.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias.** Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. <www.presidencia.gov.br/legislacao>. Acessado em 01-12-2010.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 04/2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.** <www.presidencia.gov.br/legislacao>. Acessado em 01-12-2010.

BRASIL. **Lei nº 11.274**, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. <www.presidencia.gov.br/legislacao>. Acessado em 01-12-2010.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** <www.presidencia.gov.br/legislacao>. Acessado em 01-12-2010.

DACOREGGIO, M. dos S.; MÜLLER, I. R. F.. **A articulação entre os elementos didáticos nos planos de ensino da disciplina de TGA: mapeando o processo educativo.** XV ENANGRAD - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. Florianópolis. 2004.

FARENZENA, D. **A educação ambiental em geografia nas escolas estaduais de ensino fundamental da quarta colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul.** 1999. 71 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO: **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso.** São Paulo: AM edições, 1997.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio; uma perspectiva construtivista.** 21. ed. Porto Alegre, Mediação, 1996.

MEC- Ministério da Educação. **Documento final da Conferência Nacional de Educação – CONAE 2010.** Disponível em: <<http://conae.mec.gov.br>>. Acessado em 01-12-2010

MEC - DOCUMENTO **FINAL - conferência nacional de educação**. Disponível em: <http://www.mp.mg.gov.br/portal/public/interno/arquivo/id/16100>. Acessado em 01-11-2010.

MENDES, E.G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. & MARINS, S. (orgs.) **Escola inclusiva**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

O QUE SÃO OS QUILOMBOLAS? LAFP - Laboratório de Antropologia dos Processos de Formação. Programa de Pós Graduação Departamento de Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.igeduca.com.br/index.cfm> - Acessado em 05-12-2010.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

PORTAL DO MEC. **Secretaria de Educação a Distância – SEED**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> - Acessado em 01-12-2010.

PRADO, Danda. **O que é família**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: Uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: 2000.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: ensino fundamental: disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Diretoria de Educação Básica e Profissional. **Ensino Fundamental de Nove Anos na Rede Pública Estadual**. 2008. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ensino-fundamental-de-nove-anos-na-rede-publica-estadual>. Acessado em 01-11-2010.

UNIVERSIDADE DO CONTESTADO. **Curso de Ciência da Religião** – proposta de conteúdos para o ensino religioso na educação infantil e fundamental. Curitiba: 1999.

VYGOTSKY, L. - **A formação social da mente**. SP, Martins Fontes, 1987.

ANEXOS

ANEXO 1 - SUBSÍDIOS PARA ALFABETIZAÇÃO

“Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo: se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

Os estudos sociointeracionistas de Vygotsky e colaboradores, no início do século XX, chamavam a atenção para aspectos do aprendizado da leitura e da escrita. Assim como de outros sistemas simbólicos, a aquisição do sistema de escrita, adquire uma relevância estrutural em termos mentais e cognitivos para o indivíduo que passa a dominá-lo e não pode ser obtida de maneira puramente mecânica e externa, ao contrário, implica o elevado nível da criança, de um processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas (Vygotsky, 2000).

Com base nas observações e investigações feitas por Vygotsky, o desenvolvimento cognitivos em crianças entre três e seis anos envolve não só o domínio de signos arbitrários, como também o progresso na atenção e na memória.

Entretanto, a maneira como a criança se apropria desse objeto do conhecimento, assim como de outros sistemas simbólicos, revela sua forma de se relacionar com o mundo mais amplo. Sua tomada de consciência desse mundo ocorre não por meio da atividade teórica abstrata, mas, sim, por meio da ação. “Uma criança que domina o mundo que a rodeia é uma criança que se esforça por atuar nesse mundo.” (LEONTIEV, 2001, p.120).

O desenvolvimento da linguagem escrita em crianças menores de sete anos pode e deve ser trabalhado por meio de estratégias de aprendizagem capazes de respeitar as características das crianças e seu direito de viver plenamente esse momento da vida. Encontrar uma forma de ensinar capaz de respeitar o direito ao conhecimento e, ao mesmo tempo, a capacidade, o interesse e o desejo de cada um de aprender se constitui em um desafio da Pedagogia para qualquer nível de ensino ou área de conhecimento.

Para a criança, esta propriedade social, ou esta maneira de chamar as coisas é o que a escrita representa. O longo processo de construção de esquemas conceituais que se desenvolve desde os primeiros contatos da criança com a escrita se inicia com a capacidade de distinguir desenho de escrita. A essa etapa se segue outra, na qual a criança elabora hipóteses sobre a quantidade, a combinação e a distribuição das letras, ou seja, a criança, por seu próprio esforço intelectual, estabelece condições gráficas para a realização do ato de leitura ou de escrita, ou seja, a criança tenta fazer coincidir a escrita e o enunciado oral.

Essa primeira relação entre fragmentos escritos e unidades orais se estabelece no nível da sílaba. É o que se chamou de “hipótese silábica”. A partir desse avanço conceitual, o aprendiz segue elaborando hipóteses para encontrar soluções adequadas, capazes de representar os sons graficamente, e, ao contrário, conhecer o som correspondente à grafia.

Segundo avalia Vygotsky, as crianças não aprendem a ler e a escrever, mas, sim, descobrem essas habilidades durante as situações de brincadeiras nas quais sentem a necessidade de ler e escrever. Vygotsky sugere o que Montessori fez com relação a aspectos motores deveria ser feito igualmente em relação ao que ele definiu como sendo os aspectos internos da linguagem escrita e de sua assimilação funcional:

[...] assim como o trabalho manual e o domínio do desenho são para Montessori, exercícios preparatórios para o desenvolvimento da habilidade da escrita, também o jogo e o desenho deveriam ser estágios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Deveriam seguir todo o processo através de seus momentos mais críticos até a descoberta de que não somente se podem desenhar objetos, mas que também se pode representar a linguagem. Se quiséssemos resumir todas essas exigências práticas e expressá-las em uma só, poderíamos dizer simplesmente que às crianças dever-se-ia ensinar-lhes a linguagem, não a escrita das letras (VYGOTSKY, 2000, p. 178).

Os estudos sobre a relação entre consciência fonológica e alfabetização, vêm demonstrando o importante papel das habilidades metafonológicas no processo de aquisição da leitura e da escrita num sistema alfabético. O termo consciência fonológica refere-se a um conjunto de habilidades relacionadas à capacidade de a criança refletir e analisar a língua oral. Capacidades que serão desenvolvidas ao longo do processo de aquisição do sistema de escrita.

O desenvolvimento da consciência fonológica parece estar relacionado ao próprio desenvolvimento simbólico da criança, no sentido de ela vir a atentar para o aspecto sonoro das palavras (significante), em detrimento de seu aspecto semântico (significado).

As sílabas são unidades naturalmente isoláveis no contínuo da fala. Esse parece ser o fator responsável pela elaboração de uma hipótese silábica anterior à hipótese alfabética no processo de aquisição da língua escrita. A sílaba inicial parece ser mais facilmente observada pelas crianças.

Podemos relacionar três importantes habilidades que constituem a consciência fonológica:

1. Identificação das unidades fonológicas.
2. Segmentação das unidades fonológicas.
3. Manipulação: inverter, subtrair e trocar segmentos fonológicos.

Essas habilidades precisam ser consideradas em relação aos diferentes níveis das unidades fonológicas com as quais a criança pode operar: as unidades suprasegmentares - por exemplo, rimas e aliterações, as sílabas e os fonemas.

Seguem abaixo algumas orientações:

Língua Portuguesa/ Alfabetização

Excelentes situações de ensino e aprendizagem de alfabetização devem levar em conta que, na vida cotidiana, as pessoas só escrevem, leem, ouvem e falam porque têm boas razões para isso.

Alfabetizar significa muito mais do que simplesmente ensinar a traçar letras ou decodificar palavras. Boas atividades de alfabetização são aquelas que garantem a apropriação do sistema de escrita (base alfabética) da língua portuguesa, ao mesmo tempo em que possibilitam ao aluno o conhecimento dos diversos tipos de textos presentes na sociedade.

Por isso, são valiosas as atividades envolvendo anúncios, cartas, receitas, crônicas, poemas, notícias de jornal, histórias, verbetes de enciclopédia, em contextos que façam sentido para as crianças.

Língua Portuguesa/ Leitura, Expressão Oral e Escrita.

Excelentes atividades em Língua Portuguesa possibilitam aos alunos utilizar a linguagem, na escola, em situações que tenham significado para eles. Ações como ouvir, falar, ler e escrever, surgem como necessárias para expressar ideias e sentimentos, solucionar problemas ou desenvolver projetos.

Assim, os textos que subsidiam as atividades de gramática, leitura e escrita devem ser tão variados quanto possível: não apenas literários (lendas, fábulas, crônicas, contos, romances, poemas, textos dramáticos etc.), mas também não literários (placas, cartas, faturas, cheques, recibos, notícias, reportagens, manuais de instrução etc.) e científicos (versando sobre temas como Meio Ambiente, Saúde, Astronomia, Arte, Biologia, História, Geografia e outros).

Elas ampliam a capacidade de comunicação dos alunos, não só por escrito, mas também oralmente, em situações públicas, desenvolvendo a fala e a escuta, por meio de: debates, seminários, teatro, preparação de discursos para ocasiões solenes, análise de programas de rádio e tevê, enquanto contribuem para o desenvolvimento da argumentação, do raciocínio e do pensamento. Contribuem, ainda, para desenvolver o gosto pela leitura e a capacidade de ler textos e captar seu sentido.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, inclusão e participação social.

Matemática

Excelentes atividades em Matemática partem de situações-problemas desafiadoras e de situações que surgem em aula ou que são trazidas pelos alunos, envolvendo aspectos quantitativos e qualitativos da realidade cotidiana, que dizem respeito a Números, Geometria, Medidas e Tratamento da Informação. Essas atividades devem partir de situações práticas, levando em conta os conhecimentos matemáticos que os alunos possuem e possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Excelentes atividades em Matemática estimulam os alunos a criar estratégias próprias de resolução, a fazer estimativas, projeções, suposições e conjecturas, a interpretar dados, construir gráficos e tabelas. Além disso, boas atividades de Matemática podem prever a utilização de materiais como jogos, fichas, palitos, desenhos, representações de cédulas e moedas, instrumentos de medida, calendários e outros na exploração de situações-problema com alunos das séries iniciais. Preveem_também a diminuição gradativa desses recursos, dependendo das relações e abstrações que os alunos vão conseguindo realizar.

Contribuem, em resumo, para que os alunos sejam capazes de raciocinar logicamente, argumentar, relacionar propriedades e conceitos, ampliando seus conhecimentos matemáticos, e aplicando-os para resolver problemas.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

Ciências da Natureza

Boas atividades em Ciências aproveitam a curiosidade e a fascinação que os alunos demonstram quando se defrontam com dúvidas e problemas relativos ao funcionamento de seu próprio corpo, à natureza e aos animais, ao universo e às novas fronteiras da tecnologia. Levam em conta a forma como os estudantes explicam fenômenos relativos ao meio ambiente, aos seres vivos, às várias manifestações da energia (como luz, calor, som, eletricidade e magnetismo), aos vários tipos de materiais existentes da natureza e às substâncias que os compõem, e permitem que eles comparem o conhecimento espontâneo que possuem, elaborado pelo senso comum, com as explicações científicas.

Excelentes atividades em Ciências são organizadas de forma a permitir que os alunos mais novos tenham contato com os objetos e fenômenos estudados, diretamente ou através dos meios de comunicação. Permitem que os estudantes mais adiantados compreendam a importância da Ciência na solução de questões vitais como saúde, alimentação, urbanização, higiene e meio ambiente. Levam os alunos a fazer perguntas, a formular problemas e a tentar encontrar respostas por meio da observação, da comparação, da experimentação, planejando e executando investigações, registrando e analisando dados, estabelecendo e criticando conclusões.

Permite, enfim, que os alunos compreendam conceitos científicos; que gradativamente se apropriem dos métodos e conhecimentos próprios da Ciência e desenvolvam uma atitude científica, onde estejam presentes: a curiosidade, a busca constante, o desejo de conhecer pelo prazer de conhecer, a crítica livre em oposição ao critério de autoridade, a comunicação e a cooperação na produção coletiva de conhecimentos.

Preveem trabalho interdisciplinar com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

História

Excelentes atividades em História incentivam os alunos a observar a sociedade onde vivem com a intenção de interpretar as relações nela existentes. Permitem que os estudantes comparem seu tempo e espaço com outros tempos e espaços, identificando o que mudou e o que continua o mesmo, percebendo sua cultura como diferente e nunca como superior às outras estudadas. Preveem, para os alunos mais novos, a construção dos conceitos de tempo histórico, inclusive por meio do estudo das transformações observadas, através dos anos, em sua família, bairro e cidade. Permitem que os estudantes das séries mais adiantadas percebam qual a atual realidade brasileira e mundial é fruto da ação organizada de homens e mulheres concretos, movidos por interesses econômicos, sociais e políticos, e não da intervenção isolada de alguns indivíduos notáveis.

Excelentes atividades em História possibilitam aos alunos trabalhar com diferentes fontes de informação, levantando e organizando informações conseguidas por meio de documentos de época (fotos, cartas, livros, músicas, objetos, mapas, pinturas, relatos de pessoas sobre suas memórias do passado). Utilizam, nas séries mais adiantadas, reportagens, vídeos sobre eventos ou movimentos sociais, romances etc., como formas de estimular o interesse dos alunos, provocar ou aprofundar discussões sobre fatos históricos. Permitem que os estudantes comparem suas interpretações da História baseada em documentos a outras

interpretações realizadas em distintos momentos históricos. Excelentes atividades em História contribuem para que os alunos percebam que são responsáveis por participar do esforço coletivo - e nem sempre consciente - de todos os homens para transformar as relações sociais.

Preveem trabalho interdisciplinar com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

Geografia

Excelentes atividades em Geografia contribuem para que os alunos percebam melhor o espaço onde vivem e compreendam que paisagens naturais não são acabadas e eternas, mas estão sendo constantemente transformadas pela ação dos homens. Informações sobre relevo, vegetação, clima, rios e oceanos, domínios naturais e outras devem ser apresentadas pela análise de situações concretas, que esclareçam a maneira como as necessidades e os interesses econômico-sociais dos grupos humanos interferem sobre a natureza e a transformam através do tempo. Trabalhos de campo, relatos de viagem, fotos, vídeos, músicas, narrativas literárias são utilizadas nessas atividades, como forma de ampliar a compreensão dos alunos sobre o espaço geográfico. É importante que os alunos tenham oportunidade de coletar, analisar e classificar dados geográficos e possam identificar as sucessivas transformações na divisão do trabalho ocorridas em um mesmo espaço no decorrer do tempo.

Excelentes atividades em Geografia contribuem para que o aluno desenvolva sua capacidade de localizar-se no espaço e de representá-lo, produzindo e interpretando mapas e com isso desenvolvendo a escrita e a argumentação.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

Arte

Excelentes atividades em Arte, possibilitam que os alunos façam arte: (cantem, dancem, dramatizem, desenhem, esculpam, fotografem, toquem instrumentos etc.), conheçam arte (aprendam sobre a vida dos artistas e artesãos e a observar suas obras) e apreciem a arte (consigam emitir opiniões sobre trabalhos artísticos e ampliar o conhecimento de si e do mundo).

Elas convidam o aluno a sentir, a pensar e a expressar-se através da linguagem verbal (palavras) e de linguagens não verbais (linhas, cores, espaços, luzes, ritmos, melodias, movimentos corporais). Isso inclui assistir a manifestações artísticas populares, visitar museus próximos e exposições. Boas atividades em Arte preveem oportunidades para que os alunos

produzam textos desenvolvendo a escrita, comentem seus trabalhos desenvolvendo a argumentação e os exibam através de exposições, apresentações musicais e teatrais.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

Educação Física

Excelentes atividades em Educação Física estimulam o desenvolvimento mental, corporal e motor dos alunos, por meio de brincadeiras, jogos, ginástica, dança e, nas séries mais adiantadas, práticas esportivas. Valorizam e incorporam, sempre que possível manifestações do folclore, da cultura popular e das vivências dos alunos fora da escola. Possibilitam aos alunos decidir, planejar e resolver problemas, bem como discutir e modificar regras, em conjunto. Permitem aos alunos cooperar e competir, praticar o respeito mútuo e a não discriminação. Incluem momentos em que os alunos podem refletir sobre o que fizeram - mesmo fora do contexto da escola - estimulando-os a expressar sua avaliação e a analisar as possibilidades de modificar a própria atuação.

Preveem trabalho interdisciplinar com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, solidariedade, justiça, inclusão e participação social.

Língua Estrangeira/Inglês

Excelentes atividades em Língua Estrangeira contribuem, de forma dinâmica e eficaz, para o desenvolvimento das quatro habilidades: falar, ouvir, ler e escrever, utilizando jornais, revistas, vídeos e internet como recursos para desenvolver estruturas linguísticas e construir sentidos. A simulação de situações reais em lojas de departamento, supermercados, danceterias, clubes, restaurantes, consultórios médicos, são maneiras eficazes de vivenciar a língua. Nelas os alunos são desafiados, por exemplo, a ler cardápios, preencher cheques e recibos, ler rótulos de mercadorias, decodificarem receitas etc.

Boas atividades propiciam o contato com anúncios, folhetos de viagem, embalagens, títulos de filmes, jogos como bingo e palavras cruzadas. Além disso, incentivam à produção escrita, por meio da confecção de cartões, redação de bilhetes, cartas, receitas, diário, histórias em quadrinhos, telegramas, músicas e poesias.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, inclusão e participação social.

Ensino Religioso

Excelentes atividades em Ensino Religioso contribuem, de forma dinâmica e eficaz para o desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas, procedimentais e atitudinais, se for utilizado a realidade do aluno como instrumento de investigação e análise do fenômeno religioso. Dinâmicas de grupos, pesquisas de campo, jornais, pesquisas na internet, troca de experiências entre escolas, exposição de objetos religiosos, criação de blog, jogos com regras, debates para desenvolver a argumentação e o respeito à fala do outro, produção de textos individuais e coletivos são alguns dos instrumentos que contribuem para que os alunos possam refletir sobre sua existência, sua religiosidade, reverencie a religiosidade do outro - mesmo fora do contexto da escola - estimulando-os a expressar sua avaliação e a analisar as possibilidades de modificar a própria atuação.

Preveem trabalhos interdisciplinares com todas as áreas do conhecimento para fortalecer valores, inclusão e participação social.

Expectativas relacionadas à comunicação oral

Participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção e formulando perguntas sobre o tema tratado.

Planejar sua fala, adequando-a a diferentes interlocutores em situações comunicativas do cotidiano.

Expectativas relacionadas às práticas de leitura

Apreciar textos literários.

Recontar histórias conhecidas, recuperando algumas características da linguagem do texto lido pelo (a) professor (a).

Ler, com a ajuda do (a) professor (a), diferentes gêneros (textos narrativos literários, textos instrucionais, textos de divulgação científica e notícias), apoiando-se em conhecimentos sobre: o tema do texto, as características de seu portador, o gênero e o sistema de escrita.

Ler, por si mesmo, textos conhecidos, tais como parlendas, adivinhas, poemas, canções, trava-línguas, além de placas de identificação, listas, manchetes de jornal, legendas, quadrinhos e rótulos.

Algumas orientações didáticas relacionadas ao trabalho com a comunicação oral

É possível detalhar as metas relacionadas à aprendizagem da comunicação oral com base nos diferentes contextos comunicativos nos quais os alunos dos anos iniciais podem

participar e, inclusive, nas várias relações que, no contexto escolar, podem ser estabelecidas entre a fala e a língua escrita, ou seja, a fala e os textos trabalhados.

Em função desse detalhamento, é possível também descrever algumas orientações didáticas gerais para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

Propor situações:

- de conversação, para que os alunos possam aprender a ouvir com atenção crescente, intervir sem sair do assunto tratado, formular e responder a perguntas, explicar, manifestar opiniões próprias e respeitar a dos outros – isso considerando o contexto dos estudos realizados nas diferentes áreas do currículo (Ciências, Matemática, Artes etc.);
- nas quais os alunos possam narrar uma história conhecida para aprender a selecionar os aspectos relevantes da história, necessários à compreensão da sua narrativa, e para que possam conhecer, utilizar e se apropriar de algumas das características discursivas do texto-fonte;
- nas quais os alunos necessitem recuperar informações obtidas em textos informativos e instrucionais, utilizando algumas das características discursivas do texto-fonte;
- nas quais os alunos possam manifestar interesse crescente por ouvir e expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões;
- de conversação, para que os alunos aprendam a respeitar modos de falar diferentes do seu;
- nas quais os alunos tenham de falar de maneira mais formal e, assim, aprender a se preparar para se comunicar em determinadas situações, tais como: entrevistas, saraus literários, recitais de poemas, parlendas, trava-línguas, cantorias de cantigas populares, apresentações no estilo de seminários em que eles possam utilizar apoios escritos (cartazes, roteiros etc.);
- de apreciação da produção oral alheia e própria, para que aprendam a observar e avaliar os elementos necessários para a compreensão de quem ouve e a adequação da linguagem utilizada à situação comunicativa.

Habilidade de escuta

Como a leitura, ouvir é uma habilidade receptiva, que envolve o senso de produção do significado dos sons. Nós escutamos fazendo uma ponte entre o nosso conhecimento do idioma e do mundo. Escutar envolve compreender a língua escrita. Por exemplo:

O que é escrito: permanece na página e não desaparece, usa pontuação e letras maiúsculas para mostrar orações, não tem apoio visual, exceto quando há ilustrações, as orações têm sucessões lógicas, usamos um vocabulário exato e gramático completo.

O que é falado: desaparece assim que é falado, rápida ou lentamente, com ou sem pausas. Usa significantes de palavras pela entonação, fala conectada pode ser composta de oração completa ou incompleta, ou unicamente de palavras, há o apoio da linguagem corporal e das expressões faciais, há interrupções, hesitações, repetições e mudanças, usam vocabulário geral e gramático simples.

Para entendermos o que ouvimos é necessário: saber inferir o significado de um som, um ruído, uma careta incluída na fala, entender os diferentes tipos de textos. Histórias, canções, anúncios, instruções, propagandas, conferências, palestras, cartas, cartões postais, poemas, panfletos, dentre outros, são escritos, lidos e ouvidos com organizações diferentes, podendo ter uma ou mais vozes. Lidar com as diferentes velocidades de fala, entender entonações diferentes, usar o contexto e o nosso conhecimento de mundo, saber escutar de formas diferentes: saber ouvir informação específica, prestando atenção a um detalhe; saber perceber uma atitude, uma intenção, pelo tom de voz; saber ouvir para se ter uma noção geral do que se está ouvindo, se é uma música, um poema, o jornal, a novela, etc. O mínimo que um estudante precisa dominar, considerando os diferentes aspectos da escuta:

- * ouvir as diferenças entre sons comuns,
- * destacar as palavras importantes, identificando o que alguém acabou de dizer,
- * entender e responder instruções simples e comandos,
- * perceber as diferenças básicas em entonação (saber diferenciar, pela entonação da voz, uma afirmação de uma frase imperativa, de um questionamento, de uma frase exclamativa),
- * seguir uma narrativa simples, dita/lida por outro, com ou sem o auxílio de gravuras,
- * reconhecer rimas simples,
- * entender narrativas simples,
- * entender e responder instruções e pedidos,
- * identificar ideias principais no que se escuta.

Objetivo: desenvolver a linguagem fazendo a garotada se expressar e justificar suas opções.

Sobre as expectativas relacionadas às práticas de leitura

As competências dos alunos dos anos iniciais para participar de situações de leitura estão relacionadas a atividades de leitura desenvolvidas por você e pelo próprio aluno (feitas de forma individual, em duplas, coletivamente ou em pequenos grupos) de textos de gêneros variados e com diferentes propósitos. Isso permite que os alunos possam aprender comportamentos de leitor, o que significa:

- * atribuir significado a textos de gêneros variados;
- * fazer uso de estratégias de leitura (seleção, antecipação, decodificação, inferência, verificação);
- * colocar em ação diferentes modalidades de leitura em função do texto e dos propósitos da leitura (ler para buscar uma informação, ler para se entreter, ler para compreender etc.);
- * confrontar ideias, opiniões e interpretações, comentando e recomendando leituras, entre outras possibilidades;
- * apropriar-se das características discursivas e das convenções e estruturas linguísticas de cada gênero textual.

Essas situações envolvem tanto momentos nos quais os alunos lêem com sua ajuda, como também momentos em que eles são desafiados a ler sozinhos, colocando em jogo aquilo que construíram sobre o sistema alfabético.

Construir estratégias de leitura, mesmo quando ainda não sabem ler.

Ao longo do 1º ano, quando muitos dos alunos ainda não sabem ler convencionalmente ou então leem com pouca fluência, é importante que as atividades de leitura também favoreçam o desenvolvimento de estratégias de leitura que sirvam de apoio à compreensão e à construção de sentido do texto. Isso, sempre considerando que o processo de leitura de um texto se dá por meio de muitas ações além da decodificação.

Assim é importante que, você ajude seus alunos a identificar e analisar todos os indicadores possíveis, que possam auxiliá-los na tarefa de ler, levando em conta, tanto suas situações de leitura (lembre-se de que o (a) professor (a) é sempre um modelo), como aquelas, nas quais os alunos são desafiados a ler por conta própria. Para isso, sugerimos:

* Mostrar aos alunos que é possível antecipar ou inferir o conteúdo de um texto antes de fazer a leitura, a partir:

1. do seu título;
2. das suas imagens;
3. da sua diagramação;

4. das informações contidas na capa, contracapa e no índice (no caso de livros e revistas).

* Ensinar os alunos a coordenar a informação presente no texto com as informações oriundas das imagens que o ilustram (por exemplo, nos contos, nas histórias em quadrinhos, em cartazes, em textos expositivos e nas notícias de jornal).

Por que ler uma diversidade de textos no 1º ano?

Um dos elementos fundamentais para a construção das competências leitoras é o contato com diferentes gêneros de texto (cartas, contos, divulgação científica, poemas reportagens, entre outros). Assim, desde o 1º ano, é importante que, além dos poemas, cantigas e parlendas, que se constituem textos privilegiados para o trabalho com a consolidação da base alfabética, sejam proporcionados também o contato do aluno com textos literários e informativos.

Esse contato permitirá que os alunos construam conhecimentos sobre os gêneros tratados e também sobre procedimentos, atitudes e valores relacionados ao comportamento leitor: definir os diferentes propósitos pelos quais lemos um texto; estabelecer relações entre textos do mesmo gênero e entre o conteúdo do texto lido com outros conhecimentos; utilizar estratégias para prosseguir na leitura.

Por que é fundamental que o (a) professor (a) leia textos literários todos os dias?

Porque, lendo todos os dias, você garante que a leitura se torne parte integrante da rotina da escola. É esse contato frequente, diário e constante que permite que os alunos construam uma crescente autonomia para ler, familiarizem-se com a linguagem escrita, sintam prazer com a leitura, conheçam uma diversidade de histórias e autores, entre outros ganhos.

Por que é fundamental que o (a) professor (a) seja um modelo de leitor?

Muitas vezes, esses alunos não convivem com pessoas que leem; portanto, você é uma referência muito importante quando se trata de explicitar os usos e funções da leitura e da escrita. Ao compartilhar com os alunos os diferentes propósitos com os quais aborda os textos, ao convidar os alunos a participar e testemunhar diferentes práticas de leitura, você está ensinando a eles comportamentos de leitor. Assim, você pode compartilhar suas ações quando lê na sala de aula. Por exemplo: ao consultar uma lista para encontrar um número de telefone, ao buscar uma informação no *Diário Oficial*, ao ler seu planejamento para o dia,

entre outras possibilidades. Isso tudo contribui para que os alunos passem a ter conhecimentos sobre a função social da escrita.

Algumas orientações didáticas relacionadas à aprendizagem da leitura

É possível detalhar as expectativas relacionadas à aprendizagem da leitura e, assim, apresentar, em linhas gerais, o que pode ser feito em sala de aula.

Vejamos:

Proporcionar momentos diários para que os alunos tenham contato com diferentes portadores de texto (tais como jornais, revistas, livros informativos, folhetos, cartazes) e aprendam a conviver em um ambiente letrado e de valorização da leitura.

Planejar momentos de leitura envolvendo textos de diferentes gêneros, para que os alunos ouçam e comecem a perceber algumas características desses gêneros.

Planejar atividades nas quais os alunos possam, com sua ajuda fazer uso de indicadores (como: o autor, o gênero, o assunto, o tipo de ilustração, o portador – se é um livro, uma revista ou um jornal, por exemplo) para aprender a antecipar o conteúdo do texto, inferir aquilo que está escrito e ampliar suas possibilidades de interpretá-lo.

Planejar momentos nos quais os alunos possam trocar ideias e opiniões, expor seus sentimentos. Recomendar um texto para que aprendam a comunicar aquilo que compreenderam do texto e suas interpretações – sempre com sua ajuda e, inicialmente, de forma coletiva ou em grupo.

Propor situações em que os alunos sejam convidados a ler um texto para aprimorar suas estratégias de busca e localização de informações em diferentes fontes escritas (jornais, revistas, enciclopédias, livros).

Planejar situações nas quais os alunos tenham de ler em voz alta, para que consigam adquirir maior fluência na leitura, respeitando pontuação, entonação e ritmo.

Participar de situações de leitura silenciosa para aprender a utilizar de forma cada vez mais autônoma estratégias de leitura como a decifração, a seleção, a antecipação, a inferência e a verificação.

Propor atividades de leitura por você e pelos alunos (individual ou coletivamente) para que eles aprendam a inferir o significado de uma palavra pelo contexto ou a procurar o significado dela no dicionário – somente quando este for fundamental para a compreensão do texto.

Planejar momentos nos quais os alunos possam ler e/ou ouvir a leitura de textos por você e, assim, aprender a reconhecer o valor da leitura como fonte de fruição estética e entretenimento.

Propor atividades nas quais os alunos adquiram autonomia para eleger aquilo que irão ler e, assim, passem a construir critérios próprios de escolha e preferência literária. Planejar situações de empréstimo de livros do acervo da classe ou da escola para que os alunos aprendam a ter cuidado com os livros e demais materiais escritos, levando-os, sempre que possível, para casa.

Expectativas relacionadas à análise e reflexão sobre a língua e às práticas de produção de texto

Compreender o funcionamento alfabético do sistema de escrita, ainda que escreva com erros ortográficos (ausência de marcas de nasalização, hipo e hipersegmentação, entre outros).

Escrever alfabeticamente textos que conhece de memória (o texto falado e não a sua forma escrita), tais como: parlendas, adivinhas, poemas, canções, trava-línguas, entre outros.

Reescrever – ditando para você ou para os colegas e, quando possível, de próprio punho – histórias conhecidas, considerando as ideias principais do texto-fonte e algumas características da linguagem escrita.

Produzir textos de autoria (bilhetes, cartas, instrucionais), ditando para você ou para os colegas e, quando possível, de próprio punho.

Revisar textos coletivamente com ajuda.

Sobre as expectativas relacionadas às práticas de produção de texto

As expectativas de aprendizagem dos anos iniciais em relação à produção de texto demandam que você desenvolva um conjunto de atividades nas quais os alunos possam escrever textos que já saibam de cor, produzir textos oralmente tendo você por escriba, participar de situações coletivas de produção de textos, entre outras.

Alunos alfabéticos, outros nem tanto

Ao longo do 1º ano, é importante considerar o maior ou menor domínio dos alunos com relação à escrita alfabética e planejar seu trabalho com base nessa diversidade. Afinal, é certo que, desde o início do ano letivo, você se depare com alunos em diferentes graus de conhecimento do sistema de escrita. Do ponto de vista do encaminhamento do trabalho, é fundamental planejar atividades que atendam às diversas necessidades da turma e contemplem

objetivos de aprendizagem distintos. Porém, também é fundamental incentivar o intercâmbio entre os alunos não alfabetizados e os alfabetizados, já que, dessa forma, o processo de aprendizagem de ambos poderá beneficiar-se com essa troca de experiências.

Você pode prever situações de planejamento, produção e revisão de textos nas quais esses alunos alternem, por exemplo, os papéis de organizador das ideias, escriba e revisor.

Por que propor atividades nas quais os alunos ditam o texto e o (a) professor (a) escreve?

Nas situações de produção oral com destino escrito de textos, você atua como modelo de escritor para os alunos, explicitando-lhes comportamentos inerentes ao ato de escrever, tais como:

- * as intencionalidades da escrita conforme os propósitos do autor e o destinatário;
- * a seleção do gênero e do portador de acordo com a situação comunicativa;
- * as opções e adequações linguísticas em função do gênero em foco;
- * a necessidade de rever aquilo que já foi escrito durante o processo de elaboração do texto.

Nessas situações, os alunos, não tendo de se ocupar com as questões do sistema de escrita (quais letras), podem focar a atenção na organização do conteúdo e na produção da linguagem do que estão escrevendo. O processo de criação é fomentado pelas tomadas de decisão coletivas, e as discussões em torno dessas decisões são excelentes oportunidades para que os alunos analisem e reflitam sobre a língua que se escreve. Nesse sentido, é interessante considerar alguns gêneros mais adequados para o trabalho com 1º e 2º ano. Bilhetes, legendas e convites são alguns exemplos.

Algumas orientações didáticas relacionadas à aprendizagem da escrita.

Vamos detalhar as expectativas relacionadas à aprendizagem da escrita e, assim, apresentar, em linhas gerais, o que deve ser feito em sala de aula. E de forma conjunta ao planejamento do trabalho com a escrita, é possível considerar o trabalho com a análise e a reflexão sobre a língua.

Vejamos as orientações:

*Desenvolver atividades de leitura e de escrita que permitam aos alunos aprender os nomes das letras do alfabeto, a ordem alfabética, a diferença entre a escrita e outras formas gráficas e convenções da escrita (orientação do alinhamento, por exemplo).

*Apresentar o alfabeto completo, desde o início do ano, e organizar atividades de escrita em que os alunos façam uso de letras móveis.

*Planejar situações em que os alunos tenham necessidade de fazer uso da ordem alfabética, considerando algumas de suas aplicações sociais.

*Propor atividades de reflexão sobre o sistema alfabético a partir da escrita de nomes próprios, rótulos de produtos conhecidos e de outros materiais afixados nas paredes (ou murais) da sala, tais como: listas, calendários, cantigas, títulos de histórias, de forma que os alunos consigam, guiados pelo contexto, antecipar aquilo que está escrito e refletir sobre as partes do escrito (quais letras, quantas e em que ordem elas aparecem).

*Planejar situações em que os alunos sejam solicitados a escrever textos cuja forma não saia de memória, pois isso permite que você descubra as ideias que orientam suas escritas e, assim, planeje boas intervenções e agrupamentos produtivos.

*É inerente ao processo de alfabetização que, simultaneamente à aprendizagem da escrita, os alunos aprendam à linguagem que se escreve. É no momento em que você atua como escritor e revisor de textos, na presença dos alunos, que lhes comunica os comportamentos escritores tão determinantes para a aprendizagem da linguagem que se usa para escrever. Embora separados aqui didaticamente, esses dois conteúdos devem estar contemplados no planejamento, de forma complementar e simultâneos, como nas situações abaixo:

*Propor atividades de leitura para os alunos que não sabem ler convencionalmente, oferecendo-lhes textos conhecidos de memória, como parlendas, adivinhas, quadrinhas, canções, de maneira que a tarefa deles, seja descobrir o que está escrito em diferentes trechos do texto, solicitando o ajuste do falado ao que está escrito e o uso do conhecimento que possuem sobre o sistema de escrita.

*Participar de situações de escrita nas quais os alunos possam, num primeiro momento, utilizar a letra bastão e, assim, construir um modelo regular de representação gráfica do alfabeto. Proporcionar-lhes também contato, por meio da leitura, com textos escritos em letras de estilos variados, inclusive com letras minúsculas.

*Propor situações nas quais os alunos tenham de elaborar oralmente textos cujo registro escrito será realizado por você com o objetivo de auxiliá-los a entender fatos e construir conceitos, procedimentos, valores e atitudes relacionados ao ato de escrever.

*Planejar situações de produção de texto individual, coletivo ou em grupos para que os alunos aprendam a planejar, escrever e rever conforme as intenções do texto e do destinatário.

*Propor atividades de escrita (coletivas, em duplas ou grupos) nas quais os alunos tenham de discutir entre si sobre a escrita de algumas palavras (os nomes da turma, os títulos

de histórias conhecidas etc.) e, assim, compartilhar suas dúvidas e decidir sobre a escrita dessas palavras, sempre com sua ajuda.

PSICOGÊNESE DA ALFABETIZAÇÃO

A psicogênese da língua escrita constitui-se por uma seqüência crescente de níveis de complexidade da compreensão do que o sujeito vivencia em direção à leitura e à escrita. A construção do objeto conceitual "ler e escrever" faz-se, portanto, através de um processo progressivo de elaboração pessoal.

A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola o imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los seguindo sua própria metodologia. Emília Ferreiro (1999, p.27)

A psicogênese da língua escrita, formulada por Emília Ferreiro e colaboradores desvelaram as hipóteses que os sujeitos constroem para elaborarem a compreensão do funcionamento do código escrito. Ao invés de questionar como o alfabetizador deve alfabetizar, Emília Ferreiro enfoca como o alfabetizando se alfabetiza.

Na concepção construtivista, o conhecimento é algo a ser produzido, construído pelo aprendiz enquanto sujeito e não objeto da aprendizagem. É um processo dialético através do qual ele se apropria da escrita e de si mesmo como usuário e produtor de escrita.

Nessa concepção, o alfabetizador é visto como um mediador: é alguém que em cada momento, em cada circunstância, toma decisões pedagógicas conscientes. O alfabetizador corrige, quando considera que o alfabetizando, naquele momento pode fazer uso da informação que está na correção, e não corrige quando considera que tal informação, para esse alfabetizando não é assimilável, podendo atrapalhar em vez de ajudar.

O processo de correção implica uma postura de respeito à produção do alfabetizando. Antigamente acreditava-se que as pessoas não alfabetizadas não sabiam nada sobre a escrita, antes de serem formalmente ensinadas. Hoje sabemos que para aprender a ler e a escrever, o sujeito precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização ou ao treino de um conjunto de habilidades sensório motoras. É, antes, um processo no qual as pessoas precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, para que possam escrever e ler por si mesmas.

Como escrevem e lêem as pessoas antes de "saber ler e escrever"?

Ferreiro e Teberoski iniciaram suas pesquisas sobre o processo de construção do sistema de escrita, desenvolvendo a ideia de que as crianças, antes de ler e escrever, convencionalmente, criam hipóteses originais acerca desses sistemas de representação. Esse processo de construção cognitiva se caracteriza por estruturas e sucessivas reestruturas, geradas pelos desequilíbrios originados nas contradições entre esquemas diferentes, mas mesclados em um mesmo momento do processo ou entre os esquemas e a realidade.

Níveis da psicogênese da alfabetização

1) O nível pré – silábico

Neste nível, a escrita é alheia a qualquer busca de correspondência entre grafia e sons. Interessam ao sujeito considerações tais como o tipo de grafismo (primitivo ou convencional), ou a quantidade de grafismos. Todas as escritas que não representam nenhum tipo de correspondência sonora com a escrita convencional denominam-se pré-silábicas. Ou seja, no nível pré-silábico os sujeitos que aprendem, têm uma visão sincrética (aprendem o real de maneira global, ligando tudo a tudo) dos elementos da alfabetização. Antes que o sujeito compreenda a possibilidade de que as letras possam ter algum vínculo com a expressão de alguma realidade, isto é, que as letras possam dizer algo, ele faz experiências de ler a realidade em desenhos, gravuras e fotos, ou seja, em imagens gráficas.

Ele associa às imagens a capacidade de expressar aspectos do real e nem suspeita que com um conjunto de risquinhos se possa fazer o mesmo. Características:

- Sabe que a escrita é uma forma de representação;
- Pode usar letras ou pseudoletas, garatujas, números;
- Não compreende que a escrita é a representação da fala;
- Organiza as letras em quantidade (mínimo e máximo de letras para ler);
- Vai direto para o significado, sem passar para sonora;
- Variação de letras – ALSI (elefante);
- Relaciona o tamanho da palavra com o tamanho do objeto (Realismo Nominal).

2) O nível silábico

Quando o sujeito compreende que as diferenças das representações escritas relacionam-se com as diferenças na pauta sonora das palavras, ele se encontra no nível silábico. O sujeito utiliza a hipótese da correspondência quantitativa entre a segmentação oral e os sinais gráficos.

Realmente o que define o nível silábico é a segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciá-las.

Em geral, neste nível, o sujeito formula a hipótese de que para cada sílaba oral deve corresponder uma letra (ou sinal gráfico) e qualquer letra pode servir para qualquer som. Essa hipótese se apresenta muito plausível para a criança, ela pode optar por associar cada sílaba, ou à sua vogal, ou à sua consoante.

Características:

A) Sem valor sonoro:

- Ainda não faz relação com o som com a grafia.
- Usa uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro.

Exs:

BOLA __PT

CAVALO__BUP

B) Com valor sonoro:

- A escrita representa a fala;
- Percebe a relação de som com a grafia;
- Escreve uma letra para cada sílaba.

Exs.:

BOLA____OA (valor sonoro só nas vogais)

BOLA____BL (só usa consoantes)

BONECA__ BNC ou OEA.

3) O nível silábico-alfabético

O sujeito descobre que a sílaba não é uma unidade, mas pode ser reorganizada em elementos menores. Essa descoberta dá-se a partir dos conflitos que a pessoa experimenta na fase silábica, como por exemplo, a escrita de monossílabos. Isso porque, pelas suas descobertas anteriores, uma única letra não basta para representar uma palavra. Outro conflito

se dá pelo contato e atenção maior que a criança passa dar à escrita convencional, na qual verifica sempre um maior número de letras para cada palavra do que aquele que suas hipóteses consideravam necessários. O sujeito começa a se dar conta de que existem outras letras para escrever a palavra. A criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica e parte da palavra analisando os fonemas da sílaba.

Características:

- Apresenta a escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas;
- Alterna escrita silábica com alfabética.

Exs.:

CAVALO ____ CVLU

TOMATE ____ TOMT

BONECA ____ BNCAOE ou BNEC ou BONCA.

4) O nível alfabético

Este nível é evidenciado quando o sujeito começa a fonetizar a sílaba; inicia-se um processo de correspondência entre fonemas e grafemas. As letras começam a se diferenciar a partir da análise fonética. O sujeito consegue compreender que uma sílaba pode ser formada por uma, duas ou três letras. Ainda há uma forte ligação com a oralidade, não havendo total domínio da ortografia, podendo aparecer, também, a separação indevida de palavras não usuais.

Nesse nível a pessoa ouve a pronúncia de cada sílaba e começa a corresponder às letras. Consiste ainda em uma escrita bastante fonética, pois a tendência da pessoa é escrever exatamente como ela ouve. Verifica-se, nessa fase, a estruturação dos vários elementos que compõem o sistema de escrita. A pessoa distingue algumas unidades lingüísticas: letras, sílabas e frases.

Ler e escrever assumem seus papéis de ações inversas uma da outra, o que antes podia ser ignorado ou omitido. O sujeito faz aqui a correspondência precisa de uma letra para cada fonema da palavra. Passa, portanto, a escrever alfabeticamente. Se considerarmos a alfabetização na perspectiva do que a escrita representa, seus valores e usos sociais, bem como a compreensão da estrutura desse sistema de representação, então nossa prática estará direcionada para um ensino que permita ao alfabetizando compreender, desde o início, a função social da escrita e dela faça uso efetivo, construindo-se como leitor e escritor. A partir dos dados apresentados salientamos a importância de se conhecer a Psicogênese da

Alfabetização para podermos trabalhar com os nossos alfabetizandos no sentido de ressignificar o trabalho de alfabetização.

Características:

- Faz a correspondência entre fonemas (som) e grafemas (letras);
- Escreve como fala.

Exs.:

CAVALO _____ KAVALU

TOMATE _____ TUMATI

FOLHA _____ FOLIA

CRIANÇAS _____ CRIÃOÇAS

AQUELE _____ A QUELE

O Valor do Diagnóstico

Conhecer o nível em que está a turma é essencial durante a alfabetização – e no decorrer de toda a escolaridade. Percebendo os avanços e as dificuldades dos pequenos, você consegue planejar uma boa aula e propor atividades adequadas para levar cada um a se desenvolver ainda mais e chegar ao fim do ano lendo e escrevendo. Essa avaliação deve ser feita logo no início do ano e repetida no mínimo uma vez por bimestre.

COMO FAZER UM DIAGNÓSTICO:

1° - Escolha um grupo semântico

2° - Liste cinco palavras, comece por uma polissílaba, após uma trissílaba, na sequência uma dissílaba e uma monossílaba e por último uma frase que envolva uma das palavras, desta maneira poderá ver se existe identidade na escrita. (É muito importante que respeite esta ordem, pois uma criança que não é alfabética terá muita dificuldade para escrever palavras com menos sílabas)

3° - Dite uma palavra por vez e logo após a criança ter escrito peça que ela leia mostrando com o lápis o que escreveu, só assim você perceberá em qual hipótese de escrita a criança se encontra.

4° - Organize um lugar onde você possa ficar bem perto da criança, para existir um clima de confiança, para visualizar e intervir quando necessário.

5° - Logo depois, registre suas observações, como a criança se comportou, se estava tranquila, se falava demais..., este registro é importante, pois no momento de agrupá-los essas informações serão úteis.

Tabela para anotações das hipóteses de escrita

ALUNO	IDADE	DATA:	DATA:	DATA:	DATA:	OBSERVAÇÕES
		HIPÓTESE	HIPÓTESE	HIPÓTESE	HIPÓTESE	

Pré silábica pintar de vermelho, Silábica sem valor pintar de roxo, Silábica com valor laranja, Silábica Alfabética azul, Alfabética pintar de amarelo

NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA: COMO IDENTIFICAR E INTERVIR

Patrícia Claudia da Costa¹

Ler não é decifrar, escrever não é copiar
Emília Ferreiro

Um dos temas mais abordados em formação de alfabetizadores é a necessidade de identificar o que sabem os alfabetizandos em relação à escrita para, a partir desses níveis de conhecimento, realizar o seu trabalho educativo, intervindo na medida da necessidade de cada alfabetizando, na busca do domínio da língua escrita.

Quando falamos em “níveis de construção da escrita”, estamos nos referindo a uma teoria que explica a forma como se lê e escreve. Ela é resultado de pesquisas realizadas, inicialmente, pelas argentinas Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Muitos outros pesquisadores, inclusive brasileiros, acrescentaram informações a esta teoria, desde que ela se tornou conhecida nos anos 70 e se tornou presente nas salas de alfabetização, no início dos anos 80.

Os níveis de construção da escrita correspondem à forma de expressão da hipótese que o alfabetizando tem sobre o funcionamento da escrita, mesmo antes de frequentar um curso de alfabetização e ao longo deste aprendizado. Por isso, a teoria também é chamada de “psicogênese da língua escrita” e significa produção de conhecimento sobre o processo da formação da língua escrita. Por se tratar de níveis de conhecimento, também se costuma falar em níveis cognitivos, pois a palavra cognição diz respeito à aquisição de conhecimento.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky comprovaram que tanto as crianças como os adultos começam a se alfabetizar muito antes de entrar numa escola. Também não aprendem a ler e escrever de repente.

Pelo contrário, o conhecimento da escrita é construído passo a passo. Alguns desses passos são mais largos, outros mais curtos, dependendo do ritmo de aprendizado de cada alfabetizando e do modo como a escrita é ensinada.

Pelo fato do conhecimento ser uma construção, sua aprendizagem constitui um processo, palavra de muitos significados, sendo um deles: “sucessão de mudanças”. Portanto, aprender a língua escrita ou qualquer outra prática, é sinônimo de construir conhecimento que deve ter como sujeito quem aprende, cabendo a quem ensina o papel de intermediário nessa construção. Se tivéssemos o poder de transferir nossos conhecimentos diretamente para a

¹ Patrícia Claudia da Costa é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo e mestra em Educação pela mesma instituição. Também é Coordenadora Pedagógica do MOVA-Guarulhos e do Programa Brasil alfabetizado na cidade de Guarulhos.

cabeça do alfabetizando, o ato de ensinar seria sempre igual para qualquer turma e o ato de aprender deixaria de ser um processo. Mas isso não é a verdade: conhecimento não se transfere. Todo conhecimento se constrói na medida em que o quem aprende vai, através de seguidos contatos, realizando seguidas aproximações em torno do que deseja ou necessita conhecer. No caso da alfabetização o que se quer conhecer é a língua escrita e as aproximações são as tentativas de ler e escrever, desde o início da alfabetização.

Além de identificar é preciso intervir

A identificação dos níveis de escrita tem apenas uma função: mostrar para o alfabetizador qual a hipótese dos seus alfabetizados sobre o funcionamento da escrita para, a partir do conhecimento revelado em cada fase, propor atividades que auxiliem no avanço das hipóteses. Vale à pena lembrar, que os níveis não existem para rotular os alfabetizados (discriminando-os, por meio de expressões do tipo: “vamos formar o grupo dos pré-silábicos” ou “alfabéticos, por favor, ajudem seus colegas silábicos!”), mas para que o alfabetizador conheça as dificuldades enfrentadas pelos alfabetizados e possa oferecer oportunidades para que cada um desenvolva sua aprendizagem.

Para pensar nas atividades que são mais oportunas para cada nível, o alfabetizador parte da seguinte questão: “O que falta para este alfabetizado avançar do nível em que se encontra para o próximo nível de conhecimento sobre a escrita?” Compreendendo o que falta em cada hipótese, fica fácil escolher as atividades de acordo com cada nível.

O que é preciso para avançar do nível pré-silábico para o nível silábico

Na hipótese pré-silábica, o alfabetizado ainda não percebe que a escrita representa a fala e, por isso, “escreve aleatoriamente”. Portanto, o primeiro passo na sua alfabetização é criar oportunidades para que perceba a relação entre fala-escrita e o uso do alfabeto como conjunto de símbolos do código escrito:

- Aprendendo a escrever seu próprio nome e o nome de seus colegas;
- Relacionando as letras do seu nome com os nomes de seus colegas: quais deles começam com a mesma letra? Que nomes terminam com a mesma letra? Quais deles têm a mesma quantidade de letras? Qual o menor nome? Qual o maior nome?
- Acompanhando a leitura de um texto significativo (preferencialmente um texto curto, de qualquer gênero: poesia, receita de bolo, mensagem do dia das mães etc.) e identificando, posteriormente palavras ou frases.

O que é preciso para avançar do nível silábico para o nível silábico-alfabético

Na hipótese silábica, o alfabetizando já percebeu que a escrita representa a fala. No entanto, entende que cada letra que utiliza representa um som falado, nem sempre de acordo com os fonemas da palavra em questão. O que lhe falta, então, é compreender que o nosso sistema de escrita é composto por combinações de letras que determinam o som lido.

Neste momento, o confronto da escrita do alfabetizando com o modo convencional de escrever se faz muito necessário e pode acontecer por meio de exercícios de completar lacunas em textos com posterior problematização do modo como as palavras foram escritas.

Por exemplo, na atividade de completar a primeira estrofe da música regional, Chalana o alfabetizando talvez respondesse assim:

**Ah! _CHL_ sem querer
Tu aumentas minha _OR_
Nessas _AUA_ tão _CERR_
Vai _LVADO_ meu _OR_**

A problematização deve ser feita sempre no sentido de levar o alfabetizando a perceber que o modo, como está escrevendo, não corresponde à forma convencional da língua escrita. Assim, a partir do exemplo acima, o alfabetizador poderia:

- Pedir que o alfabetizando reescreva as palavras no caderno e tente ler cada uma, apontando quais letras correspondem ao som lido. Deparando-se com a dificuldade de leitura desse tipo de escrita, convidar o alfabetizando a pensar sobre o que falta em cada palavra;
- Promover trabalhos em grupos para que o alfabetizando compare sua escrita com a dos colegas. Por exemplo: fazer um cartaz ilustrando a música a chalana, no qual a escrita aparecerá e o alfabetizando em nível silábico verá como outras pessoas escrevem a estrofe acima;
- Entregar a letra da música, preferencialmente impresso em letra tipo imprensa, para que a escrita padrão seja comparada com a produção do alfabetizando, por ele mesmo;
- Utilizar o alfabetário cotidianamente para que o alfabetizando tenha sempre em mente e em mãos o alfabeto à disposição. Isso ajuda a pensar sobre as letras que precisam ser acrescentadas em sua escrita.

CHALANA - ALMIR SATER

Composição: Mario Zan e Arlindo Pinto

LA VAI UMA CHALANA
BEM LONGE SE VAI
NAVEGANDO NO REMANSO
DO RIO PARAGUAI
AH! CHALANA SEM QUERER
TU AUMENTAS MINHA DOR
NESSAS ÁGUAS TÃO SERENAS
VAI LEVANDO MEU AMOR
AH! CHALANA SEM QUERER
TU AUMENTAS MINHA DOR
NESSAS ÁGUAS TÃO SERENAS
VAI LEVANDO MEU AMOR
E ASSIM ELA SE FOI
NEM DE MIM SE DESPEDIU
A CHALANA VAI SUMINDO
NA CURVA LÁ DO RIO
E SE ELA VAI MAGOADA
EU BEM SEI QUE TEM RAZÃO
FUI INGRATO
EU FERI O SEU POBRE CORAÇÃO
AH! CHALANA SEM QUERER
TU AUMENTAS MINHA DOR
NESSAS ÁGUAS TÃO SERENAS
VAI LEVANDO MEU AMOR
AH! CHALANA SEM QUERER
TU AUMENTAS MINHA DOR
NESSAS ÁGUAS TÃO SERENAS

O que é preciso para avançar do nível silábico-alfabético para o nível alfabético

A hipótese que se tem neste período já é uma transição entre os níveis silábico e alfabético, e nela, sabe-se que: a escrita representa a fala; não se pode escrever aleatoriamente, mas com as letras que foram convencionadas ao longo da história da língua para representar cada palavra e que, geralmente, é necessária mais de uma letra para representar cada emissão de voz (sílabas). Percebe-se, enfim, que a palavra tem unidades menores que a sílaba: é o fonema (som) que pode ser representado por uma, duas ou mais letras.

Esse tipo de situação exige uma comparação constante entre o modo como o alfabetizando está escrevendo e o modo como a língua determina que essas palavras sejam escritas convencionalmente. E isso pode acontecer por meio de leitura (ouvir a alfabetizadora, os colegas e a si próprio lendo) de textos com posterior realização de atividades de escrita com palavras extraídas desse texto. Tomemos como exemplo uma sequência de atividades a partir do texto “Sem casa”,

SEM CASA
TEM GENTE QUE NÃO TEM CASA,
MORA AO LÉU, DEBAIXO DA PONTE
NO CÉU A LUA ESPIA
ESSE MONTE DE GENTE
NA RUA
COMO SE FOSSE PAPEL.
GENTE TEM QUE TER
ONDE MORAR,
UM CANTO, UM QUARTO,
UMA CAMA
PARA NO FIM DO DIA
GUARDAR O CORPO CANSADO,
COM CARINHO, COM CUIDADO,
QUE O CORPO É A CASA
DOS PENSAMENTOS

1. Copie do texto três palavras com duas sílabas. Escreva novas palavras utilizando a primeira sílaba de cada uma das palavras escolhidas;
2. Copie do texto duas palavras com três sílabas. Escreva novas palavras utilizando a última sílaba de cada uma das palavras escolhidas;
3. Escreva palavras que rimem com ponte, gente ou papel.

O que é preciso para avançar no nível alfabético

É chegado o momento de aproximar o alfabetizando da escrita ortográfica, conforme as regras que regem nosso sistema de escrita. Neste momento, o alfabetizando já escreve alfabeticamente, isto é compreende a escrita como transcrição da fala, mas ainda faltam informações sobre as regras que regem o modo correto de grafar as palavras na Língua Portuguesa. Afinal, nem sempre se escreve como se fala: escrevemos MENINO, apesar de pronunciarmos MININU ou MENINU, assim como uma mesma palavra pode dar margem para sua escrita ser pensada de várias formas apesar de só uma ser válida. Experimente de quantas formas dá para escrever alfabeticamente as palavras EXCEÇÃO e POSSESSO. Nesse nível, o texto “Sem casa” proporcionaria os seguintes exercícios, dentre outros:

- Procure no dicionário o significado das palavras GENTE e LÉU. Copiar a informação encontrada e, em seguida, reelaborar o significado escrevendo sua própria definição dessas duas palavras;
- Fazer um novo poema a partir da idéia que você considera mais importante no texto;
- Criar frases com as palavras RUA, QUARTO e CORPO;

- Escolher textos dos próprios alfabetizandos e, em grupo, reescrevê-los, melhorando a ortografia e a pontuação. Utilizar o dicionário.

As sugestões apresentadas neste texto pretendem ser apenas um conjunto de pistas para que cada alfabetizador encontre seu próprio caminho de como conduzir o ensino da língua escrita em sua sala de aula, considerando o nível de conhecimento de cada alfabetizando. É bom lembrar que os níveis podem se alterar a cada aula, em cada alfabetizando, e por isso as atividades diagnósticas devem fazer parte do dia-a-dia para que o processo seja bem acompanhado pelo alfabetizador.. Um ditado com palavras significativas, baseado no tema gerador que a sala está estudando, seguido de leitura, feito uma vez por semana, já é suficiente para que o alfabetizador esteja sempre a par de como anda o desenvolvimento dos seus alfabetizandos.

Por fim, nunca é demais destacar que, independentemente do material e dos encaminhamentos utilizados pelo alfabetizador, a segurança com que realiza seu trabalho e a confiança que se tem na capacidade dos seus alfabetizandos, reconhecendo-os como sujeitos de seu próprio aprendizado, são os dois elementos mais eficazes para a garantia de que os oito meses de permanência no Programa Brasil Alfabetizado serão um período de construção de muitos conhecimentos sobre a língua escrita.

COMO TRABALHAR COM AS FASES DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Com sondagem das fases de aquisição da escrita dos seus alunos, você pode desenvolver uma série de atividades que auxiliam no confronto e avanços das hipóteses de escrita dos alunos. Aqui estão algumas sugestões:

ESCRITA PRE-SILÁBICA

- Iniciar pelos nomes dos alfabetizandos escritos em crachás, listados no quadro e/ou em cartazes.
 - Trabalhar com textos conhecidos de memória, para ajudar na conservação da escrita.
 - Identificar o próprio nome e depois o de cada colega, percebendo que nomes maiores podem pertencer às crianças menores e vice-versa;
 - Organizar os nomes em ordem alfabética, ou em “galerias” ilustradas com retratos ou desenhos;
- Criar jogos com os nomes: “lá vai a barquinha”, dominó, memória, boliche, bingo;
- Fazer contagem das letras e confronto dos nomes;

- Confeccionar gráficos de colunas com os nomes seriados em ordem de tamanho (número de letras). Fazer estas mesmas atividades utilizando palavras do universo dos alfabetizandos: rótulos de produtos conhecidos ou recortes de revistas (propagandas, títulos, palavras conhecidas).
- Classificar os nomes pelo som ou letra inicial, pelo número de letras, registrando-as;

ESCRITA SILÁBICA

- Fazer listas e ditados variados (dos alfabetizandos ausentes e/ou presentes, de livros de histórias, de ingredientes para uma receita, nomes de animais, questões para um projeto).
- Trabalhar com textos conhecidos de memória, para ajudar na conservação da escrita
- Ditado de palavras do texto.
- Análise oral e escrita do número de sílaba, sílaba inicial e final das palavras do texto.
- Lista de palavras com a mesma sílaba final ou inicial;
- Escrever palavras dado a letra inicial;
- Ligar desenho a primeira letra da palavra;
- Usar jogos e brincadeiras (forca, cruzadinhas, caça-palavras);
- Organizar supermercados e feiras; fazer “dicionário” ilustrado com as palavras aprendidas, diário da turma, relatórios de atividades ou projetos com ilustrações e legendas;
- Propor atividades em dupla (um dita e outro escreve), para reescrita de notícias, histórias, pesquisas, canções, parlendas e trava-línguas.
- Produção de textos, ditados, listas.

ESCRITA SILÁBICO-ALFABÉTICA

- Ordenar frases do texto;
- Completar frases, palavras, sílabas e letras das palavras do texto;
- Dividir palavras em sílabas;
- Formar palavras a partir de sílabas;
- Ligar palavras ao número de sílabas;
- Produção de textos, ditados, listas.

ESCRITA ALFABÉTICA

- Investir em conversas e debates diários.
- Possibilitar o uso de estratégias de leitura, além da decodificação
- Considerar o “erro” como construtivo e parte do processo de aprendizagem

- .• Produção coletiva de diversos tipos de textos.
- Análise lingüística das palavras
- .• Reescrita de texto (individual / coletiva)
- .• Revisão de texto.
- Atividades de escrita: complete forca, enigma, stop, cruzadinha, lacunado, caça-palavra.
- Copiar palavras inteiras;
- Contar número de letra ou palavra de uma frase;
- Pintar intervalos entre as palavras;
- Completar letras que faltam de uma palavra;
- Ligar palavras ao número de letras e a letra inicial;
- Circular ou marcar letra inicial ou final;
- Circular ou marcar letras iguais ao seu nome ou palavra-chave.
- Produção de textos, ditados, listas.

COMO TRABALHAR COM O CARTAZ DE NOMES DOS ALUNOS

1. Classificar nomes dos/as alfabetizando/as de acordo com o número de letras;
2. Classificar nomes dos alunos de acordo com o número de sílabas (quantas vezes você abre a boca para falar a palavra);
3. Identificar os nomes que possuem maior ou menor número de letras;
4. Identificar quais nomes começa com a letra --;
5. Identificar quais nomes termina com a letra --;
6. Separar em lista os nomes de meninas e de meninos;
7. Colocar os nomes em ordem alfabética;
8. Procurar nomes que possuem semelhanças, como por exemplos: **MARCOS -- MARCELO, RAFAELA – GABRIELA**
9. Criar novos nomes a partir das primeiras sílabas de um e das últimas de outro, por exemplo: **ROBERTO – ROMÁRIO; PAULA – LARISSA..**
10. Procurar nomes escondidos dentro de outros nomes, por exemplo: **LUCÉLIA = LU + CÉLIA; JULIANA = JULIA + ANA..**
11. Transformar nomes: nomes femininos em masculinos ou vice-versa – **ANGELA =ANGELO;**
12. Transformar nomes em seus diminutivos ou aumentativos – **PAULO = PAULINHO = PAULÃO;**
13. Criar rimas com os nomes, por exemplo: **JULIANA RIMA COM BANANA.**

Essas atividades devem ser trabalhadas durante um bom tempo.

ATIVIDADES COM NOMES DOS ALUNOS

O nome próprio é um modelo estável de escrita. O trabalho com nomes informa aos alfabetizandos sobre as letras, a quantidade, a posição e a ordem delas; permite o contato com diferentes sílabas e diferentes tamanhos de palavras, além de favorecer a aquisição da base alfabética.

1. Escreva seu nome: Distribuir cartões ou providenciar crachás, pedindo que cada um escreva seu nome, como souber.

2. Memória de nomes: Cada aluno fala o seu nome e o (a) alfabetizador (a) escreve na lousa com letra bastão. Depois cada um vai à lousa e faz um traço com giz de cor em torno de seu nome.

3. Encontre seu nome: Distribua os cartões com os nomes ao acaso para os alfabetizandos. A um sinal cada um deverá encontrar o colega que está com seu nome.

4. Descubra o nome que falta: Escreva o nome de quatro alfabetizandos na lousa. Leia com eles apontando um a um. Peça que fechem os olhos e apague um dos nomes. Deverão dizer qual nome foi apagado.

5. Letras móveis: Distribua letras móveis e peça que montem e leiam seu nome e o de alguns colegas.

6. Cartaz com nomes dos alunos: Escreva o primeiro nome de cada alfabetizando no cartaz aleatoriamente, registrando-os sem agrupá-los por ordem alfabética e nem por nomes de homens e mulheres. Cuidado com nomes compostos, como Ana Lúcia, deve-se colocar as duas palavras. O trabalho com o cartaz com nomes requer muitos dias, às vezes meses, pois é muito riquíssimo para desenvolver a leitura e a escrita dos alfabetizandos.

7. A história de meu nome: Os alfabetizandos farão uma pesquisa, numa folha, escrevendo o porquê da escolha do seu nome. Na classe os alfabetizandos vão relatar para os outros a história de seu nome.

8. Jogos: Como bingo, dominó, caça-nomes, cruzadinha, quebra-cabeça, forca e lacunado com os nomes dos alfabetizandos

Situações didáticas que a rotina deve contemplar

SITUAÇÃO DIDÁTICA	OBJETIVOS (O QUE OS ALUNOS) APRENDEM E COMO	EXEMPLOS DE ALGUMAS ATIVIDADES	FREQUÊNCIA	O QUE É IMPORTANTE CUIDAR E OBSERVAR
Leitura realizada pelo (a) professor (a)	<p>Compreender a função social da escrita.</p> <ul style="list-style-type: none"> · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação. 	<p>Leitura em voz alta de textos literários, jornalísticos e sobre. Curiosidades (científicos e históricos) pelo (a) professor (a)</p>	<p>Diária – texto literário. Semanal – jornal e curiosidades (científicos e históricos).</p>	<p>Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.</p>
Análise e reflexão sobre o sistema de escrita	<p>Refletir sobre o sistema de escrita alfabético, buscando fazer a correspondência entre os segmentos da fala e os da escrita.</p> <ul style="list-style-type: none"> · Conhecer as letras do alfabeto e sua ordem. · Observar e analisar o valor e a posição das letras nas palavras visando à compreensão da natureza do sistema alfabético. · Compreender as regras de funcionamento do sistema de escrita. 	<p>Leitura e escrita dos nomes dos alunos da sala. Leitura do abecedário exposto na sala. Leitura e escrita de textos conhecidos de memória. Leitura e escrita de títulos de livros, de listas diversas (nomes dos ajudantes da semana, brincadeiras preferidas, professores e funcionários), ingredientes de uma receita, leitura de rótulos etc.</p>	<p>Diária (quando há na classe crianças nãoalfabéticas).</p>	<p>Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Solicitar a leitura (ajuste) do que é lido e/ou escrito pelo aluno.</p>
Comunicação Oral	<p>Participar de diferentes situações comunicativas, considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão.</p> <ul style="list-style-type: none"> · Utilizar a linguagem oral, sabendo adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas. 	<p>Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa etc. Situações que permitam emitir opiniões sobre acontecimentos, curiosidades etc.</p>	<p>Duas vezes por semana.</p>	<p>Observar com atenção como as crianças se comportam, numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças, precisam ser convidadas a relatar, expor etc.</p>
Produção de texto escrito	<p>Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero.</p> <ul style="list-style-type: none"> · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores. 	<p>Produção coletiva, em dupla e individual – de um bilhete, de um texto instrucional etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em dupla, individual.</p>	<p>Uma vez por semana.</p>	<p>Envolver os alunos com escritas pré-silábicas na atividade – produzindo oralmente, ditando para o (a) professor (a) ou para o colega.</p>

SITUAÇÃO DIDÁTICA	OBJETIVOS (O QUE OS ALUNOS) APRENDEM E COMO	EXEMPLOS DE ALGUMAS ATIVIDADES	FREQUÊNCIA	O QUE É IMPORTANTE CUIDAR E OBSERVAR
Leitura realizada pelo aluno	<p>Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura.</p> <ul style="list-style-type: none"> · Desenvolver procedimentos de seleção de textos em busca de informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores. 	<p>Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de texto.</p> <p>Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo (a) professor (a) (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros).</p> <p>Ler sem saber ler Convencionalmente utilizando índices fornecidos pelos textos.</p>	Uma vez por semana.	<p>Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado.</p> <p>Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.</p>

SUGESTÕES DE COMO ORGANIZAR OS CANTINHOS EDUCATIVOS E DIVERTIDOS EM SALA DE AULA OU EM OUTRO ESPAÇO DA ESCOLA PARA OPORTUNIZAR AS CRIANÇAS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS DIFERENCIADOS

Escritório	Oficina de Consertos	Médico	Salão de beleza
<ul style="list-style-type: none"> *máquina de escrever *teclados, monitor e mouse *lista telefônica *telefone *bloco para anotações *agendas novas e usadas *caneta / porta canetas *máquinas de calcular *calendário *carimbos *furador de papel *maleta tipo pasta executivo *gravatas 	<ul style="list-style-type: none"> *Máquinas sem uso (computador, relógio, telefone, vídeo cassete, máquina fotográfica, impressora) *ferramentas de plástico *ferramentas de verdade que não ofereçam perigo como chave de fenda, panos e pincel para limpeza. *Objetos de escritório: telefone, agenda, máquina de calcular, manuais, tabelas de preço de produto Obs.: No caso de desmontar partes do computador, consulte sempre a equipe técnica 	<ul style="list-style-type: none"> *embalagens de remédios vazias e bem lavadas, de mercúrio cromo e esparadrapo *vazias, de chá (camomila, erva doce boldo...) *pano para compressa *caixas de remédios com bulas *avental branco *sapato branco (usado) *máscaras, toucas e luvas cirúrgicas *estetoscópio velho *bolsa d'água *máscara de inalação *ataduras *blocos de papel c/ propaganda médica *maleta de primeiros 	<ul style="list-style-type: none"> *maquiagens *embalagens vazias de shampoo e condicionador *pentos, escovas, bobes e grampos *presilhas, elásticos de cabelo e tiaras *touca de banho *espelho *toalhas *avental *perucas *secador de cabelo que não esteja mais funcionando *creme de barbear e pincel de barba *resto de prestobarba sem gilete *mangueira de

Escritório	Oficina de Consertos	Médico	Salão de beleza
	de informática do seu município. Eles podem indicar que peças não apresentam riscos à saúde das crianças.	socorros *chapas de raios-X *tecidos ou lençóis brancos *colchões empilhados para servir de maca Obs.: É importante incluir blocos e notas para marcar consultas.	chuveirinho *borrifador *vidro de esmalte vazio *revistas com modelos de cortes *lista de serviços e preços *telefone e agenda *caderno de anotações e canetas
Feira	Caixa de fantasias	Cabana	Casinha
<p>*caixotes de leite *carrinho de feira *sacolas *bacias *balança (pode ser feita com sucata) *calculadora *pincel atômico ou canetinha para marcar preços *jornais *avental, lenço, boné *flores e folhas secas *frutas e legumes de plástico ou papel machê *roupas *objetos *brinquedos *dinheiro de faz de conta, carteiras *barbante e pregadores para prender preços dos produtos</p> <p>Obs: as mercadorias listadas poderão ser aproveitadas de sucatas, embalagens, de brinquedos, ou então confeccionadas com papel machê. Uma boa opção de montagem de barraca é virar uma mesa, colocá-la sobre uma outra, utilizar os pés para esticar um barbante, e prender os preços dos produtos que ficam logo abaixo, em bacias.</p>	<p>*roupas velhas *sapatos *chapéus, bonés, lenços *gravatas *bolsas *tecidos (tule, jersey, chita) *cintos *fantasias de carnaval ou teatro *perucas *bijuterias (armação de óculos, colar, pulseiras) *espelho *tecidos coloridos de diferentes tipos Esta atividade pode ser ampliada com propostas de organização de desfiles utilizando: roupas de adulto: *sapato de salto alto *vestidos *peruca *xale *maquiagem *tapete feito papel camurça ou papelão pintado (passarela) *máquinas fotográficas *filmadora (feita de papelão)</p>	<p>Para se montar cabanas são necessários, basicamente, tecidos, barbante e alguns lugares onde seja possível amarrar um tecido: pregos ou parafusos com argolas na parede. Outra possibilidade é aproveitar os móveis da sala, como mesas viradas ao contrário com tecido em cima. Quando a sala é ampla e não se tem muitos pontos de apoio para amarrar a cabana, pode-se improvisar latas vazias de tinta com cimento e cabo de vassoura para servir de apoio para amarrar o barbante que se prende ao pano. Arames fixados de um ponto a outro da sala, presos com parafusos entre duas extremidades da parede, podem ajudar na montagem de cabanas, na medida que podem ser amarradas no arame (com barbante) algumas pontas da cabana.</p>	<p>*fogão e panelinhas *livro de receita *frutas de brinquedos *embalagens vazias (leite, Danone, sabão em pó, caixa de ovo) *bonecas e mamadeiras *caminhas *roupinhas de bonecas *panos *panelas velhas (pequenas) *bule e xícaras *copos e pratos de plástico *liquidificador *escorredor de macarrão e de arroz *ferro de passar roupa *colheres e outros utensílios de pau ou alumínio *chuveiro velho *telefone velho *agenda e bloco de recados *lista telefônica *caneta</p>
<p>Supermercado *diversas embalagens de produtos vazias *frutas de plástico *sacolas de supermercado *caixa registradora *etiquetas para marcar preços dos produtos *prateleiras improvisadas para armazenar os produtos</p>			

Escritório	Oficina de Consertos	Médico	Salão de beleza
*placas para marcar ofertas de produtos *etiquetas de preços *cartazes de propaganda de produtos *carrinhos de supermercado e cestas *crachás *telefone *notas de papel e fichas (dinheiro) e carteira			

Fonte: Adaptado de www.formaremrede.org.br.

ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES PERMANENTES QUE DEVERÃO ESTAR ORGANIZADAS NA ROTINA DA TURMA

VOCÊ SABIA	NOTÍCIA DA HORA
<p>Momento em que se discutem assuntos/temas de interesse das crianças. "Como viviam os dinossauros?" "Por que a água do mar é salgada?" "Como as crianças indígenas brincam?". Cada estudante ou grupo pode se encarregar de tentar descobrir respostas para as perguntas. O professor também pode trazer, para este momento, suas observações sobre o que mais mobiliza sua turma, em termos de curiosidade científica. É hora de trazer conteúdos das outras áreas curriculares: história, geografia, ciências, matemática, educação física, como objeto de leitura e discussão.</p>	<p>Momento reservado às notícias que mais chamaram a atenção das crianças na semana. Hora de exercitar o relato oral da criança que, por sua vez, vai aprendendo, cada vez mais, a fazê-lo, fazendo. Momento organizado para também o professor selecionar notícias que não mobilizaram as crianças, mas que podem ser discutidas em sala, na tentativa de ampliar as referências do grupo-classe.</p>
NOSSA SEMANA FOI ASSIM...	VAMOS BRINCAR
<p>Momento em que se retoma, de forma sucinta, o trabalho desenvolvido e se auxiliam as crianças no relato e na síntese do que aprenderam; em que a memória de um pode/deve ser complementada com a fala do outro; em que o professor faz uma síntese escrita na lousa ou em cópias no papel ou no retroprojektor. Enfim, é hora de sistematizar, um pouco mais, as aprendizagens da semana: o que sabíamos? O que aprendemos? O que queremos aprender mais?</p>	<p>Momento em que se "brinca por brincar", em pequenos grupos, meninas com meninos, só meninas, só meninos, em duplas, em trios, sozinhos. É hora de o (a) professor (a) garantir a brincadeira, organizando, com as crianças, tempos, espaços e materiais para esse fim. É hora de observar as crianças nesse "importante fazer". É hora de registrar essas observações para que possam ajudar o (a) professor (a) a planejar outras atividades, a partir de um maior conhecimento sobre a turma, sobre cada criança.</p>
FAZENDO ARTE	CANTANDO E SE ENCANTANDO
<p>Momento reservado para as crianças conhecerem um artista específico (músico, poeta, pintor, escultor, etc.): sua obra, sua vida. Pode ser hora ainda de "fazer à moda de...", em que as crianças realizam releituras de artistas e obras. Pode também ser momento de autoria de cada criança, por meio de sua expressão verbal, plástica, sonora.</p>	<p>Momento em que se privilegiam as músicas que as crianças conhecem e gostam de cantar, sozinhas, todas juntas. É hora também de ouvir músicas de estilos e compositores variados, como forma de ampliação de repertório e gosto musical.</p>
NO MUNDO DA ARTE	COMUNIDADE, MUITO PRAZER
<p>Momento em que se organizam idas dos estudantes a exposições, apresentações de filmes, peças teatrais, grupos musicais. Para isso, planejar com as crianças toda a atividade, fazendo o roteiro da saída, o que e como observar. Na volta, avaliar a atividade,</p>	<p>Momento em que se convidam artistas da região ou profissionais especializados (bombeiros, eletricitistas, engenheiros, professores, repentistas, contadores de histórias, etc.) para irem à escola e fazer uma apresentação/palestra/conversa. O evento demanda ação das crianças junto com o/a professor (a): elaborar o cronograma, selecionar as</p>

respeito e organizando registros, com blocões, cadernos coletivos ou murais.	pessoas, fazer o convite, organizar a apresentação da pessoa, avaliar a atividade, etc.
A FAMÍLIA TAMBÉM ENSINA	DESCOBI NA INTERNET
Momento em que se convidam mãe, pai, avô, avó, tio, tia para contar histórias, fazer uma receita culinária, contar como se brincava em sua época, cantar com as crianças. É a família família compartilhando sua saberes.	Para as crianças que têm acesso em casa ou na comunidade à rede mundial de computadores, é possível reservar um momento para as descobertas que realizam, a partir dessa ferramenta de informação. Devagar, o/a professor (a) pode ajudá-las a selecionar informações e a ter uma visão mais crítica sobre o que circula na Internet.
LEITURA DIÁRIA FEITA PELO PROFESSOR	RODA SEMANAL DE LEITURA
Momento em que se lê para as crianças. É momento de o leitor experiente ajudar a ampliar o repertório dos leitores iniciantes. É possível, por exemplo, ler uma história longa em capítulos, como se liam os folhetins, como se acompanha uma novela na TV, mas também se pode ler histórias curtas, como fábulas, crônicas, etc. Ou ler poemas, com muita expressividade, enfatizando aqueles cuja sonoridade das palavras, cujo jogo verbal são as tônicas da construção poética. É possível ler ainda o quadro de um pintor: suas formas, cores, linhas.	Com as possibilidades referidas e outras ainda, como, por exemplo, quando as crianças selecionam, de própria escolha, em casa, na biblioteca (de classe, da escola ou da cidade) livros/textos/gibis para ler em dias e horários predeterminados. Podem depois conversar sobre o que leram para seus colegas. São leitores influenciando leitores. São leitores partilhando leituras.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, R. **Conversa com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 279 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**.

Coletânea de textos para formação inicial de alfabetizadores e coordenadores de turmas do Programa Brasil Alfabetizado. Mato Grosso do Sul, 2010.

FEEREIRO, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

FERREIRO, E & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, 284p.

_____. **“Alfabetização e cultura escrita”**, Entrevista concedida à Denise Pellegrini In Nova Escola – A revista do Professor. São Paulo, Abril, maio/2003, pp. 27.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO: **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso**. São Paulo: AM edições, 2007.

GOUVEIA, M. **A cultura da infância, a infância na cultura. Infância na ciranda da educação**, Belo Horizonte, n. 4, p. 37-41, fev. 2000.

IBGE, Censo Demográfico, **Mapa do analfabetismo no Brasil**, Brasília, MEC/INEP, 2003.

PRO-LETRAMENTO: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos /Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica,2008. 364 p.

Revista NOVA ESCOLA.Edição nº 220. Março 2009. Ed.Abril.

Revista NOVA ESCOLA.Edição nº 212. Maio 2008. Ed.Abril.

Revista NOVA ESCOLA.Edição nº 204.Agosto 2007.Ed.Abril.

Revista NOVA ESCOLA. Edição Especial Alfabetização .nº 22. Editora ABRIL.

SANTA CATARINA, SECRETARIA de ESTADO da EDUCAÇÃO e do DESPORTO. **Proposta Curricular de Santa Catarina.**Educação Infantil,Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998. 224 P.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Programa Ler e Escrever.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____ **“Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas”**,
Revista Brasileira de Educação, n. 0, 1995, pp. 5 – 16.

TEBEROSKY, A.; CARDOSO, B. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.**
Campinas, SP: Ed. Universidades Estaduais de Campinas, 1991.

VASCONCELOS, A. **Aprender juntos:** Português, matemática, história, geografia, ciências.
Ed.SM. SP

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Modalidades Organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade (Alfredina Nery), in **Ensino fundamental de nove anos -** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade (MEC)

Sugestões de materiais para organização do espaço pedagógico. Disponível em
<http://alfabetizacaoecia.blogspot.com/2010/02/sugestoes-materiais-para-organizar-os.html>-
acesso em 08 de agosto de 2010

<http://www.sindutemg.org.br/novosite/conteudo.php?MENU=1&LISTA=detalhe&ID=883->
Consulta sobre 04/08/2010.

Espaços educacionais. Disponível em www.formaremrede.org.br. Acesso 04 de outubro de 2010.

ANEXO 2 - Quadro orientador para o planejamento bimestral

Língua Portuguesa

Objetivo Geral da disciplina de Língua Portuguesa: Desenvolver a linguagem como um objeto de estudo e reflexão, da leitura compreensiva, da produção escrita e oral adequada e significativa, organizando ideias, demonstrando autonomia, visando o ato comunicativo.

Série/ano		Conceito	Objetivos Específicos	Conteúdo	Ação/operação Instrumentos/ técnicas e recursos	Avaliação
1º A N O	1º B I					